

CARLOS BERNARDO GONZÁLEZ PECOTCHE RAUMSOL

DIÁLOGOS



EDITORA
LOGOSÓFICA

ESTE LIVRO REÚNE UMA SÉRIE DE DIÁLOGOS NOS QUAIS O AUTOR ENCARA SUGESTIVOS TEMAS, ELUCIDA PROBLEMAS OU RESPONDE PERGUNTAS PROPOSTAS PELOS ESTUDANTES DO PENSAMENTO LOGOSÓFICO, REUNIDOS EM AGRADÁVEIS TERTÚLIAS.

TAIS DIÁLOGOS MOSTRAM, UMAS VEZES, O VIGOR CONVINCENTE DE SUAS EXPRESSÕES, OUTRAS, O TOM SUAVE E PERSUASIVO DE SUAS REFLEXÕES, SURPREENDENDO SEMPRE A ORIGINALIDADE CONCEITUAL DOS TEMAS EXPOSTOS, TAL COMO ACONTECE QUANDO O AUTOR SE REFERE À PARTE HUMANA DE DEUS, AO OFÍCIO MUDO, ETC.

EM TODAS AS PÁGINAS DESTES LIVRO PERCEBE-SE O ACENTO INCONFUNDÍVEL QUE CARACTERIZA A SABEDORIA LOGOSÓFICA. ONDE QUER QUE O LEITOR DETENHA SUA ATENÇÃO, SENTIRÁ COMO FLUI, SOB FORMA SUGESTIVA E ELOQUENTE, AMENA E ÁGIL, UM ENSINAMENTO JAMAIS LIDO OU ESCUTADO EM PARTE ALGUMA, DO QUAL SURGE O CONHECIMENTO QUE ILUMINA A INTELIGÊNCIA E ENCHE O ESPÍRITO DE PRAZER.

DIÁLOGOS

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

- Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. (1)
- Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. (1) (2)
- Diálogos, 212 págs., 1952. (1)
- Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. (1) (2) (4)
- El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. (1) (2) (4)
- La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. (1) (2) (4)
- Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. (1) (2) (4) (6) (8)
- El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. (1) (2)
- Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. (1) (2) (4)
- Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. (1) (2) (4) (6) (7)
- Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. (1) (2) (3) (4) (5) (6)
- El Espíritu, 196 págs., 1968. (1) (2) (4) (7)
- Colección de la Revista Logosofía (tomos I (1), II (1), III (1), 715 págs., 1980.
- Colección de la Revista Logosofía (tomos IV, V), 649 págs., 1982.

(1) Em português.

(2) Em inglês.

(3) Em esperanto.

(4) Em francês.

(5) Em catalão.

(6) Em italiano.

(7) Em hebraico.

(8) Em alemão.

CARLOS BERNARDO GONZÁLEZ PECOTCHE (RAUMSOL)

DIÁLOGOS

5ª EDIÇÃO
EDITORA LOGOSÓFICA
SÃO PAULO 2012

Título do original

Diálogos

Carlos Bernardo González Pecotche

Revisão da tradução

José Dalmy Silva Gama

filiado da Fundação Logosófica Em Prol da Superação Humana,
para a Editora Logosófica, dependência desta Instituição.**Projeto gráfico**

Marcia Signorini

Produção gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.

Diálogos / Carlos Bernardo González Pecotche
(Raumsol) ; [revisão da tradução José Dalmy
Silva Gama]. -- 5. ed. -- São Paulo : Logosófica, 2012.

Título original: Diálogos

ISBN 978-85-7097-082-4

1. Logosofia I.Título

12-03058

CDD-149.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

Copyright da Editora Logosóficawww.editoralogosofica.com.brwww.logosofia.org.br

Fone/fax: (11) 3804 1640

Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde

CEP 04146-051 – São Paulo-SP – Brasil,

da Fundação Logosófica

(Em Prol da Superação Humana)

Sede central: Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia

CEP 30150-320 – Belo Horizonte-MG – Brasil

vide representantes regionais na última página

EDITORA AFILIADA

Prólogo

Todos os diálogos da presente obra foram suscitados em amáveis cenáculos, nos quais o autor tem por costume reunir seus discípulos para abordar temas ou elucidar problemas que estes lhe apresentem.

Entre as formas que adota para expor o ensinamento logosófico, algumas vezes recorre ao diálogo, ou se serve da analogia, do exemplo ou da parábola; outras vezes utiliza a exposição direta, sem excluir a ampla dissertação doutrinal quando o número de ouvintes excede em muito o círculo dos *habitués*. O método logosófico também se vale da lenda e da pergunta matizada com observações rápidas, variadas e sempre atrativas. Mas o diálogo é um dos gêneros didáticos preferidos pelo autor, e a isso obedece o fato de haver reunido nesta obra uma porção dos mais originais e interessantes.

Os helenos foram verdadeiros campeões do diálogo, mas nem mesmo os mais famosos revelaram as soluções dos elevados problemas que expunham. Com extrema perícia, exerceram a dialética e a retórica, a ponto de apurar em grau máximo o pensamento polêmico, que por certo triunfava, com relativa facilidade, sobre a inexperiência dos não versados na arte da controvérsia.

Nenhum conhecimento real denunciam os célebres “Diálogos” de Platão, ou os de Luciano de Samosata. O primeiro realiza neles a apologia de seu mestre, Sócrates, enquanto faz derivar para si o fundo da doutrina; o segundo evidencia o mais cru ceticismo, duvidando, quiçá, de suas próprias e instáveis ideias.

Os diálogos logosóficos diferem completamente daqueles em sua essência e objetivo. Mostram, algumas vezes, o vigor convincente de suas expressões; outras vezes, cumpre um grande papel o tom suave e persuasivo de suas reflexões. Em todos os casos, porém, percebe-se a marca inconfundível que caracteriza todas as manifestações da Sabedoria Logosófica.

Depois de folhear este livro, ninguém dirá que sai com as mãos vazias; flui de cada diálogo um ensinamento original — jamais lido ou escutado em parte alguma —, do qual surge o conhecimento que ilumina a inteligência e enche de prazer o espírito.

Nestas páginas, o autor deixou cair um punhado de palavras. Tomando formas sugestivas e eloquentes, dispuseram-se por si mesmas em cada linha, como nas fileiras de uma imensa plateia. Você, leitor amigo, será o protagonista que há de aparecer neste cenário mental. Seu trabalho consistirá em interpretar os pensamentos que veja plasmados na plateia, tal como o orador que capta as impressões de seu auditório, significando isso que você pode aproveitar essa mesma oportunidade para expor sua opinião, com a segurança de que o aplaudirão entusiasticamente, ao tempo em que o autor fará o mesmo, por ter tido você a paciência de manter a atenção até o final.

N.T.: Foram mantidos no texto traduzido os nomes originais dos personagens dos diálogos, obedecendo-se, nos casos pertinentes, à norma para a acentuação gráfica em língua portuguesa.

Diálogo 1

SINGULAR EXPLICAÇÃO SOBRE A EXPULSÃO DE ADÃO DO PARAÍSO — NÃO HOUVE CULPA NEM CASTIGO.

Dionísio: — Sempre, até mesmo quando criança, muito me impressionaram os relatos bíblicos, a ponto de constituírem para mim uma preocupação que, ao longo dos anos, tratei em vão de decifrar. Movido por ela, investiguei em diversas fontes e consultei pessoas versadas em assuntos bíblicos, sem jamais haver obtido uma resposta satisfatória às minhas perguntas. Até parece que tudo teria de ser seguido ao pé da letra, como se discernir sobre a verdade ou o conteúdo real de tais episódios fosse algo vedado à inteligência humana. No Gênese, por exemplo, está dito: “Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden, para que o lavrasse e guardasse”, adicionando em continuação: “E deu o Senhor Deus uma ordem ao homem, dizendo: — De toda árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás; porque, no dia em que dela comeres, morrerás.” Vem depois o episódio da serpente seduzindo a mulher para que coma a fruta dessa árvore, e, finalmente, a expulsão de Adão do paraíso por haver desobedecido.

É certo tudo isso? Deve minha consciência, assim como a dos demais homens, admitir que Adão pecou e que, por sua culpa, a totalidade do gênero humano deve sofrer as consequências? E, admitindo que assim

fosse, não houve e nem há a mais remota possibilidade de uma absolvição total da espécie?

Preceptor: — Como se sabe, a expressão “árvore da Sabedoria” foi empregada para simbolizar o *summum* dos conhecimentos-mães a se estenderem por seus diferentes ramos, à sombra dos quais o homem protege sua vida e aprende a dominar e usar as forças ocultas da Natureza. O relato bíblico a que você se referiu encerra o profundo mistério da primeira revelação universal que o homem teve, ao ser despertada nele a consciência da responsabilidade. Saborear a fruta dessa árvore significa, pois, tomar posse de conhecimentos. Os conhecimentos são forças ativas. Portanto, dentro do paraíso edênico, o homem deveria mover-se orientando sua incipiente reflexão com os conhecimentos que haveriam de transformar por completo sua vida, até então assemelhada tão somente à natureza animal.

Dionísio: — Quer dizer que ele não foi castigado nem expulso do Paraíso, como diz a tradição?

Preceptor: — Exatamente. Foi simbólica a repreensão, ou castigo, e tão só para que a posteridade — ou seja, a semente humana — recordasse, ao estender-se pelo mundo, que foi permitido ao homem, nos primórdios de sua existência, viver um tempo muito próximo a seu Criador, desfrutando todas as venturas oferecidas por esse mundo superior, denominado “Paraíso” no relato bíblico. O homem conheceu, em consequência, a vida superior ou paradisíaca que, numa perene recordação, vive ainda na alma humana. Tem, pois, a recordação de sua existência inicial, mantendo aberta sua intuição à perspectiva de voltar a viver nesse paraíso quando alcançar os degraus da alta Sabedoria por meio do conhecimento. Sabe o homem, assim, que deve conquistar por si mesmo, isto é, por própria e leal realização, aquela felicidade usufruída nos alvares da existência terrena.

Dionísio: — Admirável a sua explicação; com ela, o senhor desvaneceu por completo muitas das sombras que inquietavam grandemente meu espírito sobre este enigmático assunto.

Preceptor: — Se você seguir com atenção o curso de minhas palavras, penso que se desvanecerão também as que ainda lhe restam.

Quando as Escrituras dizem que “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”, “macho e fêmea os criou”, e também que “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o hálito da vida, e o homem tornou-se alma vivente”, dão a entender, aos que abrem suas mentes para compreender o que é certo, que Deus não criou um só homem, mas sim muitos, formando desse modo a raça adâmica, ou, mais claro ainda, a raça humana. Se tinha poderes para criar um homem, é lógico pensar e admitir que tenha criado muitos, uma vez que havia lugar para eles. Mas todos se guiavam por um espírito comum; esse espírito recebeu o nome de Adão.

Sendo Deus o absoluto em Poder, Sabedoria e Perfeição, não é possível admitir, sem menoscabar esse conceito, que depois de criar o homem não tenha pensado fazer o mesmo com a mulher, pois “macho e fêmea os criou”. À mulher chamou de “varoa”, porque, tendo a mesma configuração física e biológica, distinguiu-a o sexo. Foi essa diferença que estabeleceu a conservação da espécie, pelo concurso do gênero na procriação da criatura humana.

Quando criou o homem, Deus o fez — como tudo o que surgiu de sua infinita Sabedoria — com amor, e, além disso, para que tivesse permanência dentro da Criação. O Reino de Deus é toda a sua Criação, porque Ele reina nela.

Fê-lo à sua imagem e semelhança, mas não igual a Ele, dando a entender com isso que abria amplas prerrogativas ao destino do homem. Dotou-o de uma

mente com seu maravilhoso mecanismo psíquico, qual seja a inteligência com todas as faculdades que a integram, para alcançar por meio dela os conhecimentos que despertariam sua consciência. Quando Adão quis “comer” os conhecimentos, o Senhor Deus lhe disse: “Não; os conhecimentos não se comem; devem ser saboreados pela alma e com eles deve ser formada a capacidade da consciência.”

Vem em seguida a expulsão do paraíso: “O Senhor Deus o tirou do horto do Éden para lavrar a terra, da qual fora feito”, ou seja, para que penetrasse em suas entranhas e conhecesse o mistério de sua Criação. Surgida que foi sua consciência por força das necessidades que desde esse instante o pressionaram, o homem, como quem sai de um sonho, começou a usar sua inteligência e a conhecer as coisas que o rodeavam. Viu animais pastando nos prados, assim como todas as outras espécies viventes. Observou que tanto estes como os elementos da Natureza foram feitos para servi-lo, percebendo também sua manifesta superioridade sobre as demais espécies. Sua incipiente reflexão fez com que visse, sem mais delonga, que não deveria se assemelhar a esses animais de pastoreio, que ele utilizava para trasladar-se de um lugar a outro, ou para transportar cargas. Muito embora antes, imerso numa cabal inconsciência, ele andasse entre os animais sem experimentar necessidades afligentes, por carecer de incentivos que movessem sua mente em busca do conhecimento, agora era dado a seu entendimento observar e avaliar tudo, como se a própria Natureza lhe estivesse ensinando a nova forma de vida a adotar dali em diante. O homem do Éden percebeu, então, que tudo havia mudado para ele. Compreendeu que, até o instante de sua separação do paraíso, as coisas ele as havia obtido como se tivessem caído do céu, mas, desde que isso teve lugar, seu futuro já dependia dele mesmo, de suas forças, isto é, de seu engenho.

Havia vivido uma infância regalada e feliz, cujo único objetivo consistiu em aclimatá-lo e familiarizá-lo à terra que ele havia de habitar. Tendo entrado na maturidade, não podia continuar se comportando como nos períodos de sua infância.

Impunha-se, pois, uma mudança de situação. O que havia acontecido com sua separação do paraíso obedecia, naturalmente, a razões superiores de evolução. Era preciso que conhecesse as necessidades da vida, e, ao mesmo tempo, por meio do conhecimento, devia assenhorear-se dessa parte da Criação sobre a qual havia sido colocado. Através do pensamento que animava a Natureza, conheceria também a seu Criador, e ele mesmo chegaria a ser criador de toda atividade industriosa que viesse a ter origem no mundo, forjando com sua inteligência e seu trabalho o porvir dos descendentes, para maior glória de seu Deus e Senhor.

Como você vê, por tudo isso se torna inconcebível que Adão tivesse incorrido em falta, isto é, que tivesse pecado, por achar-se mergulhado na inconsciência própria da infância psicológica, ou, em outros termos, por carecer de conhecimentos que o fizessem sentir a responsabilidade por seus atos. Deus, seu criador, não poderia culpar uma criatura que, recém-gerada, começava a dar seus primeiros passos pela terra, pois seria admitir um ato injusto em Quem é, precisamente, o absoluto em justiça. De todo ponto de vista, você já pode ver que isso se mostra inadmissível.

Em vez disso, surge desse episódio bíblico o sublime ensinamento que serviu de norma para toda a humanidade, ensinamento que, desde as primeiras idades, vem se reproduzindo em cada família humana, sem que ninguém tenha podido ainda descobrir onde nem como se reproduz. Vejamos o seguinte: as crianças, desde que nascem, não vivem num paraíso semelhante ao edênico? Não atendem a seus gostos

sem ter problemas, agitações, nem preocupações de espécie alguma? Não vivem na inconsciência, completamente à margem da realidade do mundo e da vida? Não são suas faltas sempre atenuadas, por carecerem de responsabilidade? Algum pai, em são juízo, se atreveria a expulsar o filho pequeno de casa, como se fosse um estranho a quem nada o ligasse, nessa idade em que o homem vive o período mais feliz de sua existência, com suas brincadeiras, seus caprichos e suas despreocupações? Mas quando chega a outra idade, aquela em que, já crescido, procura provar a fruta da árvore do bem e do mal, isto é, quando despertam nele as adormecidas forças de sua natureza criadora, acaso não sobrevém a simbólica expulsão do paraíso, ao lhe ser exigida uma outra conduta, que desperte também sua responsabilidade e, com isso, sua consciência? Não lhe é exigido que estude, que trabalhe e que viva já na realidade do mundo que o rodeia? E, ocorrida essa expulsão, não continua vivendo no mesmo lar de seus pais, ali onde antes havia desfrutado os encantos do Éden? Não experimenta também, em tais circunstâncias, uma transição um tanto brusca, que faz com que, durante algum tempo, sinta saudade daqueles anos ditosos em que não madrugava, não ia à escola, não trabalhava e fazia tudo quanto queria para se divertir? Os pais, não corrigem eles as tentações de seus filhos como melhor convém à sua educação e ao seu porvir? Com conselhos e advertências, não os conduzem pelo caminho do bem, fazendo com que apreciem os benefícios dos atos justos, nobres e honestos? Finalmente, não perdoam as faltas de seus filhos, sofrendo muitas vezes mais que eles as conseqüências de qualquer desvio? Como se há de conceber, pois, que, existindo esse sentimento de magnanimidade no homem, não tenha de existir, com maior razão e em maior proporção, em Deus? Isso implicaria considerar o homem superior a

Ele, e presumir que se equivocou ou foi cruel ou injusto. Desgraçadamente — é triste confessá-lo —, isso veio sendo admitido desde os primeiros séculos até o presente. Parece mentira que um episódio dessa natureza, cujo fundo encerra tão singular ensinamento, não tenha comovido a reflexão de ninguém nos milênios transcorridos, e não se tenha percebido jamais sua reprodução em cada família e em cada ser humano! Como poderia Deus culpar a Adão, e muito menos castigá-lo, se esse filho de sua criação não tinha consciência de seus atos? Não; não é possível continuar pensando semelhante coisa. Sobrevindo a maturidade hominal, ocorreu que — e isto é o certo — Deus impôs ao homem deveres a cumprir; abriu sua mente para fazê-lo apreciar a realidade e moveu-o a defender sua vida contra as inclemências do tempo e os ataques das feras. Assim, a piedade divina protegia o ser humano, até que ele pudesse ir compreendendo sua nova situação e conseguisse bastar-se a si mesmo.

Dionísio: — A lógica profunda e incisiva que emana de suas palavras me enche de admiração e perplexidade, chegando até o mais fundo de nosso ser. Considero que o que acabo de escutar é todo um pronunciamento irrefutável. Enquanto o senhor falava, eu tinha a sensação de estar ouvindo uma peça de defesa, de recôndita origem, destinada a pôr fim a uma calúnia que vinha rodando pelo mundo através dos séculos. Vejo claramente que Adão não cometeu falta alguma que menoscabasse seu gênero, e que, por conseguinte, a humanidade nunca teve por que sofrer as consequências de um castigo inexistente.

Preceptor: — Muitas vezes tenho pensado na enorme transcendência desse episódio divino. Cada vez que assisto, na casa de algum de meus amigos, à expulsão do paraíso, costumo ver representar-se diante de mim, com os mais vívidos coloridos, aquele acontecimento bíblico. Também tenho pensado que, se um pai alguma vez

expulsasse o filho de seu lado, por haver cometido qualquer falta, ficaria sem coração, porque o filho o levaria consigo. Desse modo, o pai não tardaria em ir em sua busca, abraçando-o e perdoadando-o.

Dionísio: — Suas magníficas explicações me sugeriram algo, e é o seguinte: ao crerem cegamente e de forma literal na versão das Escrituras, as pessoas dão a impressão de terem ficado como que atadas a uma rocha.

Preceptor: — É verdade. Mas esta nova concepção, mais humana e mais ao alcance de todas as mentes e corações, agora as libera dela, aproximando-as inevitavelmente dos sábios e inexoráveis princípios universais que estabelecem a relação harmônica das causas com os efeitos correspondentes, e a dos fatos com o original pensamento inspirador. Só resta agora que cada um, consultando a própria consciência, comprove por si mesmo a qualidade das verdades que lhe são dadas a conhecer, por ser a que, indubitavelmente, sem vacilar, conservará ou rechaçará aquilo que se lhe oferecer.

Dionísio: — Esta surpreendente e magistral explicação — permita-me a insistência — nos mostra claramente a que distância nos achávamos do verdadeiro significado daquele episódio. Queria saber agora se a árvore logosófica tem alguma relação com a citada.

Preceptor: — Sendo do mesmo bosque, é lógico que sua semelhança deva parecer-lhe singular. Sim; a semente da árvore logosófica tem a mesma origem, isto é, a Sabedoria Universal. O curioso é que seus frutos, isto é, os conhecimentos transcendentais, dependendo da intenção com que sejam saboreados, tornam-se deliciosamente doces ou extraordinariamente amargos: se o propósito é nutrir o espírito, vigorizar a inteligência e encher a vida de estímulos positivos, encaminhando-a para o aperfeiçoamento, seu sabor é cada vez mais agradável; se são ingeridos para manobras mesquinhas ou usos indevidos, esses frutos mudam seu sabor, tornando-se insípidos e sem nenhum poder nutritivo.

Diálogo 2

A LEI DO MAIS FORTE — SUA INFLUÊNCIA NA VIDA HUMANA.

Flávio: — Sempre temos indagações surgidas de alguns pontos do ensinamento logosófico, cuja elucidação é de grande interesse para nós, e, apesar disso, não vem à minha mente, neste momento, nenhuma pergunta de valor.

Sérgio: — Certa vez o senhor nos falou, de passagem, sobre determinados fatos que ocorrem entre os seres humanos, e ainda entre os de outras espécies, repetindo-se o fenômeno até nos astros do firmamento. Refiro-me à influência, ao poder e à prerrogativa dos fortes sobre os débeis, a ponto de sempre vencê-los, submetendo-os à sua vontade absoluta. E tenho pensado, naturalmente, que essa lei do mais forte, vinda talvez de tempos imemoriais, corresponde em princípio ao instinto selvagem das feras, alcançando também a criatura humana no vigor de sua forma física, de instintos fortes e instrução rudimentar. Todavia, conforme o senhor disse naquela oportunidade, tal lei parece configurar outros aspectos muito mais interessantes.

Preceptor: — Faz pouco tempo, entre os temas de fundo de que tratava, de fato me referi a esse ponto. A lei do mais forte é uma realidade inegável que rege toda a Criação, mas constitui um grave erro atribuí-la exclusivamente às forças inferiores da natureza humana ou ao indomável instinto das feras.

Em primeiro lugar, ninguém é mais forte que Deus — supremo Criador de tudo quanto existe no Universo —, que reserva para si a última instância de todos os fatos e de todas as coisas. Sendo Ele, pois, indiscutível possuidor da totalidade das forças cósmicas, devemos pensar que as emprega, logicamente — como tem demonstrado com toda a evidência ao longo de incontáveis milênios —, em ações construtivas, usando-as para destruir quando isso obedece, unicamente, a causas que, embora desconhecidas para nós, são necessárias à evolução dos mundos e de todas as espécies viventes.

Flávio: — E essas causas, por que são desconhecidas para nós?

Preceptor: — Em virtude das mesmas razões pelas quais o ser desconhece muitas outras, e isso enquanto não consagre o tempo com que conta a continuados esforços de investigação, superando seu saber até alcançar o conhecimento daquilo que lhe interessa ou preocupa.

Sérgio: — Então, por que motivo essa lei do mais forte se manifesta habitualmente nos que têm mais força ou podem mais, fazendo com que os menos fortes ou os débeis experimentem seu rigor de uma forma que eu diria ser arbitrária?

Preceptor: — Nunca se deve julgar pelas aparências. Há seres que abusam de sua força, oprimindo o fraco; isso é muito certo; mas esses, cedo ou tarde, costumam ser castigados pela mesma lei. Tempo mais, tempo menos, uma força superior à deles mesmos os fará experimentar o rigor de seu poder absoluto — desta vez para corrigir —, destruindo, geralmente, o temerário violador.

Esta sábia lei, nós agora a vamos descobrir em cada uma de suas manifestações universais e humanas, ou, ao menos, nas mais proeminentes e, por isso mesmo, mais sugestivas. Começemos pelo exemplo mais próximo de suas imediatas possibilidades compreensivas. Vocês, com efeito, recorrem a

mim, como nestes momentos, a fim de que eu os ilustre acerca de tudo o que ignoram e que, apesar de sua busca, não puderam esclarecer em parte alguma. Isto significa que recorrem ao mais forte em busca dos conhecimentos que os farão fortes por sua vez. Pois bem: com uma análise prévia feita por seu juízo, vocês acatam minha palavra porque ela os convence, jamais porque eu as imponha, pois isso implicaria contrariar a própria lei. A força da verdade comunicada é, precisamente, a que faz inclinar com todo o respeito as mentes dos que a escutam e sentem seu poder construtivo.

Quando um estudante afirma que é ou está forte em História, Matemática ou qualquer outra matéria, não manifesta claramente que a domina? E, antes que isso acontecesse, não precisou recorrer a seus professores — mais fortes que ele — em busca dessa fortaleza ou de seu auxílio? Quem domina tudo quanto diga respeito aos negócios, por exemplo, não é mais forte do que aquele que não tem maior experiência em relação a eles? E a lei do mais forte não está presente ali para advertir que o mais capacitado nessa atividade é quem triunfa, vencendo os obstáculos e as dificuldades que detêm e malogram o esforço dos inexperientes? Quando alguém expressa: “Meu forte é a música”, ou “é isto”, ou “é aquilo”, acaso não deduzimos disso que, em qualquer ordem de atividades, ou em qualquer ambiente (social, político, econômico, cultural, espiritual, etc.), quem mais sabe é o mais forte? Logicamente, não na força física, mas na que resulta de seu domínio das situações.

Quem aprende qualquer uma das artes conhecidas deve submeter-se, por disciplina e por lógico entendimento, aos ditados de quem ensina, por ser este quem possui a força que permitirá àquele aprender essa arte, devendo, em consequência, obedecer-lhe em tudo quanto a ela se refira.

Se, perdidos no meio de uma imensa mata ou em lugares montanhosos, onde é difícil orientar-se, de repente encontramos um guia, mesmo que este possua um saber muito menor do que o nosso ou seja de escassa instrução, nesse momento será para nós o mais forte, e a ele deveremos confiar nossa sorte. Quem se atreveria a discutir com ele sobre a melhor forma de orientar-se? Se tal coisa ocorresse, como única resposta ele diria que, sendo assim, já não seriam necessários seus serviços, e seguiria seu caminho.

O mais hábil nos jogos não é considerado também o mais forte? Não se diz com frequência que fulano é forte em esgrima, sicrano em golfe ou em polo, ou beltrano em tênis? E não são respeitados por todos os que com eles competem? Nos congressos científicos, filosóficos, literários, etc., não acontece o mesmo? Aquele que mais sabe dentro do assunto tratado ou da circunstância na qual se encontra, é sempre o mais forte, indiscutivelmente, por ser, como já disse, quem domina a situação.

Sérgio:

— Muito obrigado, meu bom preceptor; o senhor satisfez amplamente nossa expectativa, iluminando-nos sobre um assunto ao qual, de minha parte, não havia dado a enorme importância que agora, com toda a clareza, vejo que ele tem. Ofereceu-nos uma lição muito proveitosa, e uma vez mais devemos reconhecer, com toda a lealdade, que o senhor é para nós não somente o mais forte, mas também o guia que, por um caminho seguro, nos conduz rumo às fontes-mães de onde brota a força universal.

Diálogo 3

DE COMO ORDENAR OS TEMPOS DE NOSSA EXISTÊNCIA FÍSICA E VIVER VÁRIAS VIDAS EM SEU CURSO.

Javier: — Em alguns dos ensinamentos logosóficos, ressalta-se muito especialmente a necessidade de unir os tempos, mencionando-se também o “tempo de metade”. Já procurei compreender o significado desses ensinamentos, sem encontrar, porém, seu verdadeiro fundamento. Não concebo como se pode unir um tempo a outro; a meu juízo, todos são ao mesmo tempo unidos e iguais. Será que devo unir o tempo de minha vida ao de minha esposa e filhos? E, em tal caso, como amalgamá-los? Ou se trata, talvez, de tomar o tempo que dedico a uma coisa e uni-lo a outra? Mas, sendo assim, seria inútil, pois não vejo em que isso pode me beneficiar. Poderia me explicar o conteúdo real do ensinamento, capaz de esclarecê-lo para meu entendimento?

Preceptor: — Unir os tempos de metade significa que o ser humano, havendo já alcançado uma capacitação intelectual adequada, deve ordenar os tempos de sua vida, unindo entre si os que são de igual natureza. Acostumando seu espírito a esse ordenamento, terá diante de si a realidade de estar vivendo — conscientemente, é claro — várias vidas de forma simultânea.

Javier: — Recordo, de fato, ter ouvido o senhor dizer que vivemos várias vidas em uma, mas que, ao ignorar isso, não podemos tê-las na devida conta e as mescla-

mos numa lamentável confusão. Como sua afirmação me parece até certo ponto incompreensível, agradeceria muito se o senhor me explicasse amplamente tão original conceito.

Preceptor: — Apesar de você não compreendê-lo, é muito claro e, além disso, de importância fundamental para todo aquele que queira beneficiar-se com ele, pois tem a virtude de levar à comprovação de como foi aproveitado o tempo vivido, enquanto ajuda a aproveitar melhor o futuro por viver.

Javier: — Caso se trate de recordar tudo o que fizemos na vida, considero que muito poucos se darão a semelhante trabalho; além do mais, isso tampouco interessa.

Preceptor: — Tão pouco valor você dá ao que já viveu, a ponto de assim subestimá-lo?

Javier: — Não disse isso expressamente por meu caso particular, mas sim recordando a modalidade geral. Quanto a mim, perdoe-me, mas devo dizer que não são suficientes os elementos que o senhor me dá para compreender com clareza este assunto.

Preceptor: — Vejamos, então. Os tempos de metade, a que me referi, são os que interrompem a sucessão daqueles de uma mesma espécie. Assim, por exemplo, há em nós um tempo consagrado à família, que deve ser interrompido muitas vezes por aqueles que dedicamos a nossas tarefas habituais e a ocupações ou distrações nas quais a família em nada intervém. Tendo isso presente, se temos consciência da própria vida em todos os momentos de nossa existência, devemos considerar o tempo dedicado à família de um modo tal como se essas interrupções não existissem. É o que inconscientemente o homem costuma fazer ao visitar sua amada, quando lhe manifesta ter a sensação de estar sempre junto dela, como se o lapso entre uma visita e outra não existisse no instante de voltar a vê-la. Nada o ilustrará melhor sobre esse particular do

que conhecer a forma como procedo. Ordeno as diferentes vidas desta maneira: o tempo que ocupo ensinando meus discípulos constitui para mim uma vida, a qual, medindo cada tempo que destino a esse fim, se estende ao longo de toda a minha existência física. Mais ainda, quando me acho entregue a esse grato labor, é como se jamais o houvesse interrompido, tal é a sensação de realidade que experimento. O mesmo ocorre ao unir todos os momentos que dedico à minha família: a impressão é de que sempre estou vivendo a vida do lar. Quando escrevo meus livros, conecto os tempos que ocupo com eles e experimento a agradável realidade de saber que essa atividade constitui uma das tantas vidas que vivo; vidas que o são de verdade, porque existe nelas a consequência metódica, o estímulo direto, a consciência de seu valor transcendente e a força viva que anima e fecunda cada uma delas com novas, variadas e mais formosas formas de realização. As viagens que já fiz e farei, unidas todas no fio da recordação, formam também uma vida, como a formam os tempos que dedico a minhas meditações ou a meus descansos, sem que eu jamais mescle uma vida com outra. Desta maneira, substancia-se em mim o tempo eterno, e desfruto a existência física com a maior amplitude de consciência.

Javier: — Parece-me vislumbrar, ao escutá-lo, a existência de algum motivo especial para que o senhor nos ofereça esta originalíssima concepção da vida, mas devo confessar que estou ainda longe de alcançar o verdadeiro sentido ou o “leitmotiv” do assunto.

Preceptor: — Isso não me surpreende; a compreensão desses novos conceitos requer um estudo prévio dos conhecimentos logosóficos, a fim de que a inteligência não atue manejando os velhos elementos de que dispõe até o presente. Vou lhe descrever, então, uma imagem mais sugestiva. Suponha o seguinte: um escultor tem diante

de si um bloco de mármore; um pintor, uma tela virgem; e um escritor, papéis em branco. Os três começam a trabalhar; horas mais tarde, suspendem suas tarefas para fazer outras, inclusive passear. No dia seguinte, ou tempos depois, eles as continuam, voltando a abandonar muitas vezes seu trabalho por iguais motivos, porém adiantando cada vez mais suas respectivas obras, até acabá-las. Eu lhe pergunto, agora, se os que contemplam a pintura ou a escultura, ou leem o livro, têm alguma ideia de que sofreram interrupções em determinados momentos; e, se assim fosse, parece-lhe possível alguém indicar os momentos de interrupção na escultura, na pintura ou na obra literária? Nem o próprio autor costuma ter consciência disso. Ao se unirem as metades de tempo produzidas pelas interrupções, cada obra constitui, então, uma só peça.

Esse mesmo princípio pode ser aplicado, igualmente, a tudo o mais. Assim, poderíamos unir cada uma das vidas que vivemos, e, ao fazê-lo, apreciaremos melhor o valor dos tempos que concorrem para a formação de nossa existência. Se também unirmos os tempos em que nada fazemos, por passá-los na folgança e em trivialidades, compreenderemos, com profundo pesar, quanto se perde e já se perdeu sem nenhum proveito, já que esse tempo, ao não ficar registrado no haver de nossa vida como algo digno de figurar nos anais da evolução que nossa consciência leva a efeito, deve ser considerado como vida não vivida, isto é, vazia ou morta. Se tratarmos de unir os tempos que um jogador dedica a seus jogos favoritos, assim como o que emprega em pensar neles, veremos que não lhe sobra tempo para dedicar a outra coisa fora do que, por obrigação, deve destinar a seu trabalho diário. O mesmo podemos dizer de outros afazeres que absorvem todo o tempo do homem, sem resultado positivo algum. Estes seres são os que depois se queixam de sua má sorte,

enquanto defendem o direito de fazer de suas vidas o que bem lhes apraz; direito que ninguém discute, é certo, mas que bem poderia lhes servir para enriquecê-las, tornando-se assim mais úteis a si mesmos e à sociedade.

Javier: — Considero muito interessante tudo o que o senhor explicou sobre a união dos tempos, mas devo insistir uma vez mais, se me permite, no fato de não ter captado ainda a utilidade efetiva desse fato. Por acaso não vivemos de modo igual sem unir tais tempos?

Preceptor: — Aí está o erro, pois não se vive de modo igual, como você pensa. Andam do mesmo modo os negócios descuidados e os que são regidos por fiscalização contábil? Não, certamente, ainda que sejam do mesmo tipo e importância. O ser que organiza sua vida, ordenando inteligentemente os tempos dela, desfrutará mil vezes mais cada momento que vive, porque, unindo-os instantaneamente com o pensamento a trechos de uma mesma natureza, terá, como já lhe disse, a medida e o valor de cada vida que vá vivendo no curso dos anos. Mas uma coisa é certa: para poder realizar a sutura dos tempos similares, são necessários, logicamente, conhecimentos que, como os logosóficos, nos conduzam pela mão.

Esta concepção da união dos tempos dá a entender também que todo tempo desconexo de vida, tudo o que se interrompe definitivamente, é vida que empalidece e se esfuma na consciência. Quem não tenha interesse em enriquecer sua vida espiritual não achará, seguramente, razão de ser para essas imagens; entretanto, para quem compreenda e avalie em seu justo mérito o ensinamento que lhe dei, sobretudo depois de havê-lo praticado com êxito, para esse ele terá, sem dúvida alguma, um valor imenso.

Javier: — Creio estar incluído no segundo caso, pois pressinto que, ao aplicar este conhecimento tal como o senhor indica, obterei finalmente a compreensão ansiada.

Diálogo 4

O LIVRO DA CRIAÇÃO — IMAGENS E RECORDAÇÕES QUE VIVEM EM SUAS PÁGINAS ETERNAS.

Próspero: — Não faz muito tempo, o senhor mencionou de passagem a existência de um livro originalíssimo, ainda inédito, que vem sendo escrito por etapas. Como uma obra dessa índole me parece inverossímil, eu agradecería muito um esclarecimento a respeito.

Preceptor: — O livro a que fiz menção tem a particularidade de ser lido mais com o entendimento do que com os olhos. Alguns de seus capítulos serviram de guia a muitas gerações do passado. Não foram poucos os que já o buscaram, mas isso sempre foi em vão, porque jamais ele foi encontrado.

Esse livro universal é, na verdade, o Livro da Criação. Suas páginas, abertas a todas as mentes humanas desde que passaram a povoar a terra, contêm recordações e imagens vivas. Gravadas com caracteres inapagáveis, vão ficando nele as mais sublimes concepções dos gênios que existiram no mundo. Algo impede, não obstante, a compreensão de suas maravilhosas páginas.

Próspero: — Presumo que esse algo que nos oculta as imagens do misterioso livro seja, sem dúvida, a ignorância.

Preceptor: — Talvez seja isso. Mas vamos ver. Quero lhe fazer uma pergunta: por acaso você compreende meus ensinamentos escritos com a mesma relativa facilidade com que compreende os que lhe dou pessoalmente, de forma oral?

Próspero: — Não; claro que não. No escrito há sempre algo que nos faz duvidar de nossa certeza, razão pela qual não podemos, na verdade, estar seguros de haver interpretado bem. As palavras escritas parecem comprazer-se em nos sugerir várias coisas ao mesmo tempo, a fim de nos confundir. Quando ouço o senhor, sinto, ao contrário, que minha compreensão se abre confiada ao influxo de sua palavra, cuja recordação se torna muito mais nítida que a da escrita.

Preceptor: — Aí está, exatamente, o mistério se revelando por si só. Porém, você não me disse, talvez por lhe haver passado despercebido, que acompanham a palavra escutada, com atraente e singular força, as expressões da fisionomia, a expressão dos olhos, os gestos, as diferentes modulações da voz, os silêncios e até o que se sugere mas não se pronuncia, o que em sua totalidade orienta a atenção de quem escuta, levando-o a entender sem dificuldade até os mais difíceis temas. Desse modo, as imagens ficam gravadas de forma indelével; mas sobre nenhum papel podem ser reproduzidas.

Pois bem; isso não ocorre apenas no campo do grande saber, mas também em todos os campos onde exista vida humana. Ninguém jamais poderá descrever os íntimos desassossegos de uma mãe para com seu filho, nem as profundas reflexões ou a preocupação de um pai pensando em seu porvir, sem desvirtuar ou diminuir o fundo de grandeza que assiste a esses atos paternos. Jamais se poderá expressar em frias letras a ternura de um filho ao compreender os sacrifícios de seus pais. Também o pranto, quando brota da alma, é idiomáticamente intraduzível. Pode alguém expressar o profundo drama de um enfermo, ao pronunciar palavras alheias a este mundo em seus momentos de maior angústia? E, no extremo oposto, os instantes de ine-

fável ventura — que por algum motivo são assim chamados —, pode a palavra traduzi-los? Pode-se expressar o que sente o coração humano e experimenta o espírito em tais circunstâncias? Que dizemos ao contemplar um panorama de extraordinário encanto ou ao visitar um lugar maravilhoso? “Oh! que grandioso! Que magnífico!”, ou outras exclamações similares; entretanto, seria possível plasmar em palavras a imagem intacta de tudo quanto vimos e admiramos? Não, não é possível. Poderemos ensaiar mil formas descritivas, mas o ânimo de quem as leia ou escute nunca sentirá nem experimentará as impressões próprias de quem viu aquilo que descreve; para o primeiro, serão tão só meras referências. Uma coisa é certa: fica-lhe sempre a possibilidade de visitar o lugar descrito e receber ele mesmo a impressão, como quem vai à fonte de um livro para ler a página que tanto lhe recomendaram.

Assim, pois, o Livro da Criação, que nunca foi editado, vem sendo escrito desde as mais remotas épocas. Existem muitos que aprenderam bastante com ele; outros, ao contrário, o ignoram por completo, sendo estes últimos a maioria, desgraçadamente.

Próspero: — Apesar de admirável a concepção exposta, não me é dado ainda abarcar o profundo ensinamento nela contido. Sei que devo esquadrihar muitas vezes este assunto antes que ele se revele à minha consciência em toda a sua magnitude.

Preceptor: — Naturalmente. Recorde o que eu lhe disse: é o livro das imagens vivas e das recordações. Quis com isso expressar-lhe que não é para ser lido, mas sim para cada um entendê-lo e viver, em sua intimidade consciente, a parte que lhe foi destinada.

Acaso não vou escrevendo, eu mesmo, sobre a vida de meus discípulos, uma parte desse livro que, em suas recordações, os olhos de seus entendimentos leem, enquanto se vão iluminando as imagens dos

instantes em que foram escutadas minhas palavras, ora em reuniões, ora em aulas ou em conferências? Sobre a tela mental de todos vocês não se delinea nesses momentos, com perfis por demais eloquentes, a silhueta do preceptor, ensinando com expressões plenas de vida, com gestos e movimentos outros que lhes dão a sensação, umas vezes, de que estão sendo levantados em espírito, enquanto em outras, com maior força de expressão no relato, ele faz com que vocês se inclinem consternados, comovendo-os profundamente? Quando ele levanta seus braços, o fato de vê-lo esboçar a imagem de um conhecimento que parece estar contido entre suas mãos não enche vocês de felicidade?

É nesses instantes, justamente, que escrevo sobre as vidas de todos os que me escutam — fora do que pode ser transmitido — essa outra parte que, para a própria recordação, fica gravada em cada um, tal como fica o que foi visto por nossos olhos e escutado por nossos ouvidos, e que — como já os fiz notar — não pode ser reproduzido com palavras. A reprodução, seja lida, seja escutada, não pode fazer experimentar nunca as sensações próprias da realidade vivida.

Por isso mencionei para vocês o grande Livro da Criação; suas páginas aladas conservam intactos os arcanos da vida universal e da vida humana, vedados somente à ignorância, que os nega pelo fato de desconhecê-los.

Diálogo 5

CONCEPÇÃO DAS IDEIAS — PODER DE CRIAR E DIREITO À PATERNIDADE ESPIRITUAL.

Preceptor: — Em diversas oportunidades já lhe falei sobre a importância do conhecimento do sistema mental e dos pensamentos, mas vejo que, apesar de você mesmo haver comprovado seu extraordinário alcance, sua eficácia e os benefícios que traz, custa-lhe desprender-se do velho costume de delegar a atos involuntários a solução dos menores incidentes da vida, e mesmo dos de maior volume. Transcorrem inadvertidos, assim, muitos movimentos ou atos de sua inteligência, os quais você deveria ter na devida conta para comprovar até que ponto foi consciente dos próprios acertos ou erros. Contudo, logosoficamente, isso é imprescindível para assegurar sobre bases inabaláveis o governo de nossa vida. Mais ainda: se conservarmos inalterável nossa atitude consciente, ou seja, a consciência de nosso sentir e pensar em cada instante, de fato vincularemos à nossa vida cada coisa pensada, sentida ou acontecida, e não somente na qualidade de recordação, mas sim num pulsar constante, cuja sensação de companhia, de companhia viva, animada, manteremos enquanto os fatos, as coisas e até as pessoas conectadas episodicamente a nossas vidas constituam um grato motivo de convivência, ou nos tornem agradável a existência até mesmo com sua recordação.

Sérgio: — É muito certo que ocorre esse descuido que tão frequentemente nos desvia do epicentro de nossas aspirações. Eu mesmo tive oportunidade de verificar como os pensamentos nos levam pelo braço por onde eles querem, tão logo nos encontram desprevenidos, ao nos presumirmos donos de um conhecimento que ainda necessita ser consolidado em nós por um uso inteligente, para constituir um verdadeiro valor em nossas mãos.

Ante a magnífica exuberância das imagens que o senhor elabora para maior ilustração de minha inteligência, sempre me acontecem irresistíveis desejos de superar sem demora as deficiências que impedem que eu me comporte de maneira mais ajustada a esses novos conceitos, que me proporcionam tão bela oportunidade; mas a falta de vontade para manter o adestramento necessário faz com que me veja surpreendido, uma e mais vezes, atuando involuntariamente, como o senhor bem disse. Entretanto, entendo que, conforme aumente o poder ativo de minha consciência, irei conseguindo uma efetividade maior no uso e aplicação dos conhecimentos logosóficos.

Preceptor: — Nada tenho a objetar ao seu discernimento, atinado em todos os sentidos; você mesmo já sentiu a necessidade de ser mais consciente a todo o momento. Satisfaça, pois, essa exigência de seu sentir e vai poder observar, em seguida, quão felizes serão os resultados. Proponha-se, por exemplo, criar uma ideia intencionando um fato feliz, como é o de proporcionar à sua vida uma maior amplidão do conceito que sensatamente ela mereça de você mesmo. Faça com que sua inteligência trabalhe até que essa ideia fique concebida, e siga-a em seu desenvolvimento até assistir a seu parto em seu próprio presépio mental. Considere, então, os três reis magos do simbolismo cristão como as três forças

que haverão de presidir a seu nascimento: a que lhe infundiu vida, a que permitiu seu desenvolvimento e a que a conservará.

Como todos os demais, você tem latente essa possibilidade maravilhosa de criar; mas poucos são os que, com virilidade de espírito, fecundam a matriz mental para que nasçam viçosos os rebentos da inteligência. Um incontável número de seres renuncia a esse direito à paternidade espiritual, malogrando, assim, uma herança tão sublime. Há também os que chegam a dar à luz ideias bastardas, frutos de conúbios mentais cujas descendências carregam estigmas que envergonham a espécie. Finalmente, há os que, por desejo, ou mesmo de forma involuntária, concebem uma ideia que, logo após ver a luz, ou após cansativo crescimento, desaparece sem cumprir nenhuma finalidade útil.

Que lhe sejam propícias as luzes projetadas pela Logosofia sobre este ponto, para que você avance com maior firmeza pelo amplo caminho que lhe mostra, a cada passo, tudo quanto o homem pode fazer conscientemente.

Diálogo 6

O SEGREDO DAS OPORTUNIDADES

— COMO ACONTECEM E SÃO APROVEITADAS.

Néstor: — Sempre foi incompreensível para mim o fato tão frequente de perdermos as oportunidades que se nos apresentam no curso de nossa vida. Segundo entendo, no mais das vezes deve ser por incapacidade para percebê-las a tempo, ou então por ignorância. Porém, esta reflexão não me satisfaz muito.

Otávio: — Considero que esse assunto das oportunidades é uma questão ligada ao acaso, pois geralmente quem tem mais sorte é que as aproveita, a menos que as deparemos por casualidade e não as deixemos passar.

Néstor: — Eu não as atribuo tanto ao acaso, embora seja certo que na correria da vida isso influa em algo. Se nos é proposto um negócio que ofereça, por exemplo, boas perspectivas, e, por desconfiança em relação a ele ou por receio ante quem o propõe, não o aceitamos, e outro se lança a ele obtendo um grande êxito, eu diria que num caso é incapacidade e, no outro, sorte para avaliá-lo como mau ou bom. Mas se tenho nas mãos um negócio que não prospera, sem me dar conta de que é por falta de maior dedicação e de energias, desistindo dele justamente quando ia prosperar, terei perdido, por impaciência e falta de visão, a oportunidade que favoreceu a quem a ele se dedicou.

Otávio: — Na verdade, as oportunidades também costumam ser perdidas por descuido, como quando não chegamos a tempo de concluir uma operação que poderia nos ter beneficiado amplamente, ou nos casos em que perdemos totalmente a oportunidade de restabelecer a saúde, por termos descuidado dela em demasia.

Néstor: — De qualquer modo, parece evidente que toda oportunidade deixa de existir a partir do instante em que é desaproveitada, sendo-me difícil compreender a rigidez com que se manifesta: quando ela se apresenta, mal dá tempo de perceber isso.

Preceptor: — Segui com atenção o curso de suas reflexões sobre as oportunidades e, com o que vou manifestar, vocês poderão ver se acertaram ou não.

A primeira oportunidade e, por certo, a mais estimável é a que o ser tem ao ter vindo a este mundo, oportunidade que se estende a todo o percurso de sua vida. Se ele a aproveita, cultivando a vida e enaltecendo-a numa constante superação integral, é evidente que se beneficiará com essa grande oportunidade. Mas, como são em maior número os casos em que é perdida, o homem costuma servir-se de pequenos fragmentos dessa grande oportunidade, aproveitando-os, quando a ocasião se lhe apresenta, para beneficiar uma parte de seu ser, geralmente a material ou física, desprezando outras maiores e mais significativas, que poderiam servir-lhe para superar sua parte moral e espiritual.

Quando o homem se abandona nos braços do acaso, é lógico que toda oportunidade que aproveite — rara, por certo — obedeça a esse mesmo fator: o acaso. Mas, quando se propõe escalar posições na vida, desenvolvendo a trajetória de uma especialidade profissional, ou quando se esforça para melhorar internamente, educando-se no exercício de uma cultura superior, e aperfeiçoa, num

empenho franco e constante, as prerrogativas de sua inteligência, sem dúvida aproveitará muitas oportunidades, por constituir-se ele mesmo, de fato, em agente direto delas. As oportunidades deixam então de ser tais para se converterem no resultado lógico do esforço realizado. É o caso, entre outros, do estudante universitário que tem a oportunidade de se formar e exercer a profissão, e que depois, aperfeiçoando-se, tem uma oportunidade a mais: a de ser levado à cátedra e, em seguida, ser convidado por outros países a proferir conferências, elucidar temas de sua competência, etc. É o caso também dos que, tendo-se dedicado a uma arte, a uma ciência ou a uma profissão, nelas triunfam por haverem aproveitado os resultados dessa dedicação, na qual vão implícitas a observação e a experiência, e que os demais consideram como oportunidades que lhes surgiram.

Está, pois, no próprio homem preparar o campo das atividades para que as oportunidades surjam das possibilidades que ele mesmo criou; elas se manifestam, não há dúvida alguma, quando chega o tempo de colher o fruto de seu esforço.

Os que desprezam os estudos comuns, por exemplo, jamais terão a oportunidade de saber o que outros sabem. Do mesmo modo, os que se encerram em seus dogmas perdem a oportunidade de conhecer as grandes verdades que a Sabedoria Essencial oferece aos que se aproximam dela com o propósito de cultivar a alta ciência que entesoura, sem se acharem travados pelo preconceito ou por restrições antinaturais.

Néstor: — Agradeço ao senhor este ensinamento extraordinário que, inadvertidamente, já estávamos praticando com excelentes resultados, sendo um deles a oportunidade de escutá-lo pessoalmente, oportunidade que com muito prazer estamos aproveitando.

Diálogo 7

A PARTE HUMANA DE DEUS — MODIFICAÇÃO DE CONCEITOS.

Dionísio: — Gostaria de expressar algo que tem sido matéria de especial estudo de minha parte.

Preceptor: — Nada mais justo, então.

Dionísio: — Tenho observado a assombrosa facilidade com que modificamos os antigos conceitos — admitidos por nós sem maior análise —, em função dos novos e fecundos que agora a Sabedoria Logosófica nos apresenta. Um deles se refere nada menos que a Deus. Ainda que nos primeiros anos de minha vida eu tenha admitido cegamente a dualidade do conceito religioso que, por um lado, nos apresentava um Deus magnânimo e, por outro, um Deus colérico, não passou muito tempo sem que eu começasse a opor resistência a tais afirmações teológicas, como também à inacessibilidade divina, que a tantos já levou ao fanatismo dogmático, levando também muitos a uma incredulidade limítrofe com o mais obstinado ateísmo. Parece-me também fora de toda lógica a pretensão de invocar a Deus para que atenuie nossos sofrimentos ou para obter graças das quais não somos credores.

Preceptor: — A Sabedoria Logosófica conduz o homem, pelos caminhos do conhecimento, para as mais excelsas verdades. Mas, logicamente, o percurso desses caminhos impõe a realização de um verdadeiro processo de evolução consciente, pois só assim o

homem pode compreender o que constituiu uma incógnita para a sua vida.

Pelo fato de o ser humano possuir inteligência, nada mais justo que ele a empregue para discernir, na medida que sua ilustração o permita, sobre as causas ou razões que o vinculam a seu Criador, como também sobre sua atitude consciente ante a compreensão do que a onipotência cósmica lhe sugere.

Dionísio: — Sempre que escuto o senhor sobre este ponto, percebo o profundo respeito e a confiança que suas palavras inspiram. A experiência já me mostrou, com claríssima eloquência, que a Logosofia não impõe seus conceitos; pelo contrário, aconselha a examiná-los com a mente livre de preconceitos, os quais viciam o entendimento e turbam a razão. Por tal motivo, eu lhe peço que amplie minha compreensão a respeito desse possível vínculo que o senhor mencionou, ilustrando-me sobre a forma de levá-lo a cabo.

Preceptor: — Devemos admitir, antes de tudo, por ser um fato certo, que a espécie humana é uma realidade da Criação. Portanto, essa criação humana não pode estar separada de seu Criador. Ao não estar separada de seu Criador, é preciso reconhecer, com lógico fundamento, que existe em Deus um poder de transubstanciação que lhe permite segregar a substância que anima a criatura humana. E, sendo assim, é preciso reconhecer também a existência de uma parte humana no Supremo Criador, e, do mesmo modo, a existência de uma parte divina em todo ser humano, representada pelo poder lúcido de sua inteligência e pelos imponderáveis traços de sua excelência moral, superada, por sua vez, pela excelsitude de seus sentimentos, quando estes alcançaram as máximas expressões de elevação espiritual.

Por isso, ao dirigir a Deus nossos pensamentos e invocar sua proteção, consciente ou inconscientemente estamos nos dirigindo à sua parte humana,

sensível à nossa natureza. Mas, em tais circunstâncias, não estará demais que nossa parte divina, à qual sem dúvida Ele haverá de dirigir seu luminoso conforto, se encontre devidamente capacitada para estabelecer esse contato espiritual, tão sublime como benéfico.

Dionísio: — Estupendo! Penso que estes conceitos, tão grandes, tão humanos, haverão de triunfar sem maior dificuldade na consciência de todos os homens.

Preceptor: — As verdades se impõem por si sós a seu tempo, isto é, quando cada homem consinta em julgá-las como tais para o bem de sua própria vida.

Diálogo 8

ENSINAMENTOS SOBRE O CONHECIMENTO TRANSCENDENTE.

Preceptor: — Entre as múltiplas peculiaridades da psicologia humana, existe uma que oferece muitos motivos para ser examinada, pela impressionante frequência com que se repete numa infinidade de seres: é a inquietude com respeito aos mistérios da Criação e do homem. Buscam e inquirem por todas as partes, sem saber o que buscam e para que buscam. Tampouco sabem explicar o que é que em verdade querem e para que o querem. Em muitos casos, tem sido até necessário ensinar-lhes a fazer isso: saber o que é que buscam e o que é que querem, e ainda saber por que e para que o buscam ou querem, tal é a incipiência do discernimento em todos os que apresentam a característica descrita.

Eustáquio: — É verdade; uma coisa é imaginar ou supor isto ou aquilo, e outra, saber com certeza o que se deseja. Quando tomamos contato com a Sabedoria Logosófica, por exemplo, cobiçamos saber e ter coisas das quais ouvimos falar alguma vez, ou que lemos em livros povoados de imagens fantasmagóricas, de alucinantes relatos quiméricos que, ao mesmo tempo que subjugam, parecem incitar nossa tendência à aventura. Outros chegam — ou chegamos, melhor dizendo — com pungentes agitações internas, promovidas por inexplicáveis fatos que nos

aconteceram, desejando descobrir aqui, nas fontes do Saber Logosófico, o enigma de nossos desvelos. Há também aqueles que se aproximam com ânimo de curiosidade, para poderem depois falar como se tudo soubessem.

Entretanto, mal nos internamos nos domínios desta elevada ciência da vida, prontamente esquecemos tudo aquilo, para nos preocuparmos com a realidade que se nos apresenta, ou seja, o conhecimento causal de tudo quanto anima a vida universal e, por conseguinte, a própria vida. É nesses instantes que começamos a ter consciência de nossos pensamentos, de nossas palavras e desejos. Essa circunstância nos faz mudar fundamentalmente a maneira de pensar. Ante a própria evidência, não é possível deixar de se ajustar a uma realidade que supera em muito nossa fantasia de ontem; e a supera porque nos faz ir além do que havíamos imaginado, atendo-nos sempre a inalteráveis princípios, os quais, ao modificarem nossos conceitos, nos encaminham diretamente para o melhor que podemos anelar: a perfeição.

Preceptor: — Muito bem dito. Isso é uma demonstração cabal do poder construtivo do ensinamento, pois que, ao mesmo tempo que destrói esse cenário de vistosa decoração, onde os fantoches da fantasia mental realizavam seu espetáculo permanente, constrói outro mais sóbrio e mais real, onde atuarão entes animados — os pensamentos — cujo papel principal consiste em representar, no ser interno, os avanços que vão sendo conseguidos na obra de superação individual. O conhecimento logosófico começa, como você vê, por superar não só o que foi imaginado, mas também aquilo que o aspirante à Sabedoria Logosófica não imaginou.

Eustáquio: — E outra coisa que surge bem clara ante meu entendimento é a de não perseguir metas irrealizáveis, nem aspirar à obtenção de coisas que se esfumam no

momento mesmo de sua posse, por carecerem de bases permanentes. Nosso alvo — segundo entendo — há de consistir sempre na realização do grande objetivo que move para o superior as forças de nosso espírito e de nossa vontade. Já sabemos que a Sabedoria Logosófica nos oferece os elementos mais valiosos de que podemos ter notícia, a fim de cultivarmos com pleno acerto nossos campos mentais, assinalando-nos, ao mesmo tempo, as perspectivas ilimitadas que existem para alcançar o grau máximo de desenvolvimento de nossa potencialidade mental e espiritual. Por tal razão, vemos que a conquista de um conhecimento transcendente, ou seja, de um conhecimento logosófico, implica um processo de preparação para que não se malogre a oportunidade — imponderável, por certo — que nos oferece, ao possuí-lo, de ampliar nossa capacidade evolutiva e compreender, ao mesmo tempo, o direito que nos assiste de ser cada dia mais donos de nosso presente e nosso futuro.

Preceptor: — Esses conhecimentos de ordem transcendente são, de fato, os que iluminam a inteligência humana, enriquecendo-a com os valores mais inestimáveis. É no processo de evolução consciente que cada um aprende a confiar somente em si mesmo, constituindo isso o segredo do triunfo. Confiar nas próprias forças significa esforçar-se em manter o equilíbrio biopsíquico-mental, sem que debilidade alguma faça baixar o prato da balança do critério.

Não estará demais recordar-lhe, aqui, uma verdade que mostra claramente uma realidade inegável: o processo evolutivo que a Logosofia preconiza e ensina mediante realizações conscientes faz experimentar, sentir e apreciar tal realidade, ao se comprovar que na vida de realização consciente, cumprida com o auxílio de seus conhecimentos, os anos não são

computados como tais para a experiência humana, pela excelsa razão de que, se um indivíduo de grande capacidade e saber realiza em um ano o que outros demoram dez, vinte ou setenta, esse ano representa, em medida de tempo, o que representam para os outros os anos requeridos para realizar o mesmo projeto ou ideia. Disso se infere que, multiplicando nossa atividade e nosso empenho, viveremos melhor e mais intensamente a vida, e que o vivido em um ano, por exemplo, representará o que para outros representam dez, vinte ou setenta.

Diálogo 9

SIGNIFICADO DO “JUÍZO FINAL” SEGUNDO A CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA.

Laureano: — Todas as vezes que já se falou do “Juízo Final” ou, dizendo melhor, do “Dia do Juízo”, sempre foi costume, por parte das pessoas em geral, olhar esse fato, assinalado na profecia apocalíptica, como algo tão distante que, embora tenha preocupado a mente humana com certa apreensão ou temor no ensejo de algum acontecimento inesperado — daqueles que de tempos em tempos ocorrem no mundo —, muito poucos lhe atribuíram a possibilidade de se cumprir com caráter de consumação universal. Entretanto, cada religião, por sua parte, se encarregou de incluir em suas prédicas a imagem que tal vaticínio devia sugerir à alma humana, mas ninguém até hoje tentou formular uma interpretação que pudesse estar ao alcance da compreensão comum. Agradar-me-ia, pois, saber o que há de certo em tudo isso.

Preceptor: — Quando precisamos abordar temas dessa natureza, que ultrapassam os conhecimentos comuns a todos, elevando-se acima dos limites do domínio científico para escalar até as profundezas do incognoscível, é imprescindivelmente necessário utilizarmos sempre, como meio seguro de condução inequívoca para o esclarecimento de semelhantes incógnitas, uma lógica imutável, ajustada a uma realidade tal que a

mente que segue a trajetória dessa exploração sinta e experimente, passo a passo, à medida que ascende de um ponto — que deve servir de apoio, por sua consistência e posicionamento — a outro, por via analógica, essa sensação sublime de verossimilhança concedida pela comprovação que se efetuou do fato que se investiga.

Laureano: — Sabemos que o Universo está regido por leis inexoráveis, que impõem à Criação a vontade suprema de Deus.

Preceptor: — É verdade, mas não é uma imposição arbitrária, nem a elas se deve obedecer cegamente, mas sim com plenitude de consciência. Para todos os seres vivos, desde o infinitamente pequeno até o de maior tamanho, foi instituído um processo genialmente determinado por uma rota única, que todos devem seguir até sua meta: a perfeição. Desde o começo até o fim, este processo se chama evolução.

Quem infringir as leis, quem descumprir a vontade de Deus nelas manifestada e se perder na imensidão, sujeitando-se à sorte dos desventurados que se identificaram com o erro, sofrerá as inevitáveis consequências de sua temeridade.

Laureano: — Mas como evitaremos infringi-las, se não temos um conhecimento cabal do mecanismo das leis? Por que, já ao nascer, não trazemos esse conhecimento tão necessário para a vida?

Preceptor: — Olhando do ponto de vista comum, sem dúvida que isso seria extraordinário; considerando, porém, que o ser humano deve cumprir sucessivas etapas de evolução, nas quais alcançará esse conhecimento, não podemos pensar em tirar-lhe um mérito que ele deve conquistar com seus próprios esforços.

Decididamente, a criatura humana, apesar de possuir uma completa estrutura física e orgânica, é, no que diz respeito à sua constituição mental e psicológica como entidade consciente e espiritual,

um ser em formação. Por outro lado, é tal a quantidade de obras que deve realizar por imperioso mandato de sua especial natureza e pelas inúmeras prerrogativas que suas possibilidades mentais lhe concedem, que, obrigatoriamente, tem que cumprir com todas as exigências impostas pela realização desse grande processo chamado evolução, se não quiser perecer ou, mais claro ainda, desaparecer da vida universal como a privilegiada entre as espécies, e como um ser destacado nas funções que lhe concernem como colaborador do pensamento supremo em suas diversas manifestações mentais e físicas.

O homem deve se dar conta de que o objetivo de sua existência não se reduz a comer e dormir, pois isso implicaria viver na mais obscura ignorância e colocar-se ao nível da animalidade. Aquele que aspire a ser algo mais do que é, e ainda mais: a ser o homem concebido pelo pensamento original e supremo, tem de compreender que o conhecimento é o caminho único e inconfundível para conseguir uma superação ascendente até o máximo concedido à natureza humana, e dessa posição deverá abrir, com seu próprio entendimento e suas próprias forças, as portas que dão acesso ao reino dos grandes, onde jamais poderão penetrar os ignorantes, nem os tolos, e tampouco aqueles que vivam à margem dessa realidade universal.

Laureano: — E que relação tem tudo isso com o Juízo Final?

Preceptor: — Tem, e muita, como você pode observar seguindo a ordem das causas expostas. Para a espécie humana, o Juízo Final jamais poderá ser a culminação catastrófica em que se deva estatelar o destino de todos, sem exceção. No homem, a presença do espírito, separando-o da animalidade, constitui a mais absoluta garantia de que seu juízo deve ser individual, não em massa.

Laureano: — O que o senhor acaba de me dizer constitui todo um alento para a alma, sempre temerosa da chegada desse dia fatal.

Preceptor: — Seguindo agora, à luz da lógica, a explicação que você solicitou, devo lhe advertir, sem mais demora, que esse “Juízo Final”, tal como a mente comum o imagina, é um mito. O juízo divino está aberto desde que existem consciências a serem julgadas, e não se encerrará até que Deus assim o disponha. Pensar que as almas, ao deixarem a terra, deverão esperar milhões de anos para serem submetidas a esse juízo, é admitir a hipótese mais absurda. Nada pode ficar paralisado ou inerte, e muito menos os seres em evolução. Que pode interessar a Deus o que tenha feito uma criatura humana há cem mil anos? O mesmo que ao homem interessaria aquilo que seu cachorro tivesse feito vinte anos antes, ainda estando vivo; e nem se diga o que pudesse ter feito uma incômoda formiga, ao ter podado suas plantas fora do tempo.

Muito ao contrário do que se pensa, é esse um Tribunal supremo e incorruptível. Ali as almas são julgadas individualmente, de época em época, numa rigorosa classificação por tempo e realização. Reunida a Magna Assembleia, formada pela augusta e soberana corte celestial, aparece Deus no Supremo Trono da Justiça. Como defensores, assistem nesse Tribunal os grandes espíritos que encarnaram na terra; os que nela foram gigantes em sabedoria; aqueles cujos nomes todos conheceram e respeitaram. Em outras palavras, todos os que assumiram graves responsabilidades históricas, guiando povos e raças.

Cada um assume a defesa das almas que habitaram o mundo em sua época. Acusam e defendem ao mesmo tempo, e a palavra que emitem, esta é a que Deus julga, porque é sua própria voz falando através

de seus filhos mais amados. Assim, inspira misericórdia o pensar na candidez de tantos que creem que, pelo menos no Juízo Final, poderão ver a Deus, sem terem feito nada para obter tão magna graça.

Esse juízo está aberto desde o princípio, e não é final, a não ser para aqueles que são julgados definitivamente.

As leis universais existem para condenar ou absolver. As almas que não queiram cumprir um destino penoso, purgando instante após instante suas faltas, haverão de dispor-se a deixar de ser o que são e encaminhar seus passos para a aquisição de um desses lugares que os grandes ocuparam aqui e ocupam lá. É a única forma de deixar de ser pequeno, isto é, um dos tantos seres em quem ninguém repara, apesar de figurar entre os homens.

Laureano: — Interessante exposição! É fácil entender, agora, a admirável configuração das leis, atuando sobre as criaturas humanas e regendo todos os seus movimentos, desde o princípio até o fim de suas existências.

Preceptor: — É assim mesmo; por isso, o homem deve e pode emendar-se, corrigir seus erros e aperfeiçoar-se, para alcançar a maior das venturas: ser julgado entre os melhores.

Diálogo 10

*A IMANÊNCIA DIVINA QUE SE SENTE DE SEMELHANTE PARA
SEMELHANTE EM DETERMINADAS CIRCUNSTÂNCIAS
— NECESSIDADE DE COMPREENDER MELHOR O VALOR
DOS AFETOS HUMANOS.*

Feliciano: — Sempre me chamaram a atenção essas cenas singulares, próprias das despedidas motivadas por uma longa viagem, por partidas para a guerra, separações irreparáveis, etc. Naturalmente, procuro explicar para mim essas circunstâncias, que em certas ocasiões assumem contornos dilacerantes, com a reflexão de que, em tais momentos — de viagens a terras distantes, ou partidas para a guerra —, teme-se não ver mais a quem se afasta e, reciprocamente, a quem fica, sentimento este que surge, como um augúrio triste, turvando com lágrimas os olhos e inundando o coração de pena. Quanto às separações irreparáveis — casos de morte —, eu as explico pelo vazio que deixam em nossa vida e pela dor que semelhantes perdas ocasionam. Apesar disso, presumo que exista por detrás desses fatos um enigma em que não consigo penetrar.

Preceptor: — Nos protagonistas dessas cenas se pronuncia, com efeito, uma impressão de indescritível força evocativa, que comove suas fibras mais profundas. É nesses momentos, precisamente, que cada ser humano tem a sensação de experimentar o desprendimento de algo que antes — quando formava parte de sua vida, digamos assim — nunca havia sido valorizado como no momento da separação, quando foi apreciado no

mais alto grau. É nesse amargo transe, pois, que o ser se vê turbado por todo o rigor de uma realidade a que antes permanecera insensível. Essa realidade representa o completo esquecimento, a indiferença ou a monotonia em que havíamos incorrido com respeito a seres estreitamente vinculados a nós, experimentando e exteriorizando nesses breves momentos da vida, muitas vezes excepcionais, a intensidade de um afeto que mantivemos silenciado dentro de nós. Essa realidade pareceria nos assinalar também os valores e virtudes que não soubemos estimar na pessoa amada, passando por nossa mente a imagem de quanto devíamos ter feito para que esse amor ou esse carinho professado tivessem feito mais feliz a criatura da qual nos separamos. Na verdade, sente-se em tais casos, de semelhante para semelhante, a imanência do divino. Desfilam ali, auspiciadas por mil recordações, as horas felizes ou desditadas vividas em comum, bem como os afetos e obséquios mutuamente prodigados, e com tanta frequência esquecidos.

Tudo isso se acentua até o paroxismo nas separações definitivas. Durante esses instantes, tão solenes para a alma humana, pensa-se sempre o melhor que é dado pensar a respeito do que foi e fez em vida aquele que partiu, sendo-lhe piedosamente perdoados os erros. Fosse possível reter o ser querido, o que não se daria nesses momentos!

Não obstante, esse fato constitui uma das grandes experiências que, reproduzida através dos séculos, a humanidade ainda não compreendeu. E não a compreendeu porque nunca lhe ocorreu pensar que, além do fato em si, ela encerrava um ensinamento que todos os seres deviam captar.

Feliciano: — A explicação que o senhor está dando me satisfaz muito, porque descobre para minha inteligência um detalhe de inestimável valor: a magnitude do conceito que nos merece o ser querido nesses instantes

supremos. Porém, ainda fico por entender em que consiste o ensinamento mencionado, pois penso que já deveríamos corresponder a ele com nossa compreensão.

Preceptor: — O ensinamento efetivamente se descobre se pensamos que, na quase totalidade dos casos, os seres unidos por afetos familiares ou por vínculos de amizade raramente prodigam entre si o sentimento de estima tal como corresponderia, de conformidade, naturalmente, com a qualidade do vínculo que os une. Esse afeto ou estima se acentua às vezes por razões excepcionais — doenças, desditas, prazeres, etc. —, mas, com não pouca frequência, promovem-se distanciamentos, produzidos pela intemperança, pelos desentendimentos e desavenças, tão comuns na vida familiar. Como se concilia, então, a exaltação do sentir no instante das separações com a quase indiferença demonstrada antes do acontecimento?

O ensinamento se mostra agora bem claro ao entendimento: pensemos que a qualquer momento pode acontecer essa classe de separações, e comportemo-nos como se na verdade fossem ocorrer, isto é, evitando as intemperanças, os desentendimentos e as rixas com o ser querido, e procurando, ao contrário, que nossa companhia lhe seja sempre grata. Atenuemos suas faltas e propiciemos nele os mesmos propósitos e sentimentos. Se o transe penoso chegar a produzir-se, nós nos sentiremos mais reconfortados ao pensarmos que fomos, em todos os momentos, coerentes com o afeto que por ele sentimos. Isso evitará tardios arrependimentos, que nada remedeiam. Quando este ensinamento for compreendido e alentar a vida daqueles que o realizem, seguramente haverá mais bondade nos corações humanos.

Feliciano: — O mesmo penso eu, sem a menor sombra de dúvida.

Preceptor: — Por isso, insisto, e insistirei sempre, para que se compreenda o grande ensinamento surgido desses fatos: se a realidade de supremos instantes nos demonstrou a existência em nós de possibilidades que haviam permanecido estáticas, comportemo-nos de acordo com nosso sentir e pensar, sem mesquinhar o saudável e benéfico ato comunicativo que a alma tanto agradece, e que tão grato se torna a quantos formam o círculo de nossos afetos. Mas isso somente poderá ser conseguido, na mais ampla medida, se diariamente pensarmos que nós ou eles, nossos seres queridos, haveremos de partir instantes depois, talvez para não nos vermos mais.

Quão mais felizes haverão de ser as horas de nossas vidas se, adotando tal conduta, deixarmos de ser cruéis com nossos afetos, e, com delicadeza de espírito e expressões discretas de nosso sentir, os prodigarmos, hoje e sempre, sem essas restrições que as reservas do caráter antes haviam imposto.

Diálogo 11

A IMAGEM DO PASSARINHO NO ENSINO DOS CONHECIMENTOS TRANSCENDENTES.

Cirilo: — Por que acontece, em relação aos conhecimentos logosóficos, que, apesar do entusiasmo que nos despertam, nós os perdemos ou esquecemos, justamente quando já acreditávamos que nos pertenciam, por havermos captado o profundo conteúdo de seus ensinamentos? Outras vezes, ao contrário, parece que se adentram pela nossa vida, e experimentamos, então, o prazer de contar com eles tão logo os evocamos em nossa mente para ampliar as perspectivas do próprio entendimento. O que influi para que isso ocorra e o que se deve fazer para evitar a primeira ocorrência?

Preceptor: — Não estranho em absoluto a pergunta que você formula, por se tratar de um episódio muito frequente na vida dos que habitualmente recorrem às fontes do Saber Logosófico.

Muitas vezes, comparo os conhecimentos transcendentais da Logosofia a pássaros que nascem e vivem bastando-se a si mesmos nos domínios da criação logosófica. Sucede que, quando uma dessas formosas e delicadas existências aladas se deixa apanhar docilmente por quem anseia possuí-la, este a encerra imediatamente em sua gaiola mental e, pelo simples fato de sabê-la em seu poder, se esquece de dispensar-lhe os cuidados atenciosos que toda avezinha carente de liberdade tanto requer. Ocorre, então, que ela se

torna arisca, ferindo-se contra as grades de sua prisão, ou seja, da inércia mental. Tracei para você esta imagem porque ela representa o caso daqueles que, sem ainda se acharem em condições de compreendê-los, exigem que se lhes dê conhecimentos que depois não sabem valorizar e, menos ainda, aproveitar.

É curioso observar também aqueles que exibem o conhecimento transcendente, oferecendo-o aos olhares alheios como se fosse um pássaro embalsamado, desprovido do encanto que a vida lhe dá, como uma peça de museu de estranha raridade, sem sequer suspeitar o singular valor da espécie a que pertence, nem sua utilidade, quando, vindo até nossos domínios, destrói, como fazem as simpáticas gaivotas, os insetos do campo mental, pousando sobre a terra removida e pronta para uma nova sementeira. Temos, porém, de nos afastar dessa analogia para destacar uma diferença importante, e é que a ave mental, apesar de cumprir aquela engenhosa tarefa, transporta em seu bico a incorruptível semente do saber.

Cirilo: — O que mais me chama a atenção é a riqueza de recursos que a Sabedoria Logosófica possui para apresentar, com simplicidade e clareza, o fundo de tão elevada doutrina. Considero ser, fora de toda dúvida, um novo e formidável método didático que irá robustecer vigorosamente os adotados pelo ensino corrente.

Preceptor: — Na realidade, o que define o método logosófico não é sua apresentação, senão a força do conhecimento que dá vida e movimento às imagens que se substanciam nos ensinamentos. A diferença de conteúdos entre estas e as comuns é o que constitui sua originalidade.

Cirilo: — Peço que não repare se o interrompi enquanto pintava com depurada policromia verbal tão interessantes quanto atraentes temas. O senhor vai adicionar algo mais ao que foi dito?

Preceptor: — Sem o menor inconveniente, já que se multiplicam as imagens que matizam, com expressão análoga, o pensamento escolhido, representando novamente para nós o conhecimento transcendente como um terno passarinho que o incipiente investigador da Logosofia recebe do criador para cuidar e que, à semelhança do que as crianças costumam fazer, aperta-o em demasia entre as mãos, por temor de que escape, e, em consequência disso, ele morre asfixiado. Há ainda os que, por vê-lo de pronto bem emplumado e cantando, embucham-no com alimentos impróprios, e tanto o manuseiam que terminam com sua vida.

Outras aves têm melhor sorte — e isto viria a explicar o segundo caso de sua pergunta —, ao caírem em mãos inteligentes que sabem tratar delas com especial cuidado. Desse modo, sentem-se à vontade; logo vestem suas preciosas plumas e, familiarizando-se com seu criador, fazem-no ouvir seus melhores e mais doces trinados. Assim ocorre com o conhecimento quando acha quem o compreenda e lhe prodigalize, com entusiasmo e alegria, a solicitude e preocupação que sua elevada natureza exige, índice característico de tudo o que se faz com amor. Este também faz escutar seu maravilhoso canto, despertando na alma ecos supremos de insuspeitadas ânsias de superação. A seu chamado, emergem as forças adormecidas do espírito, de estáticas convertidas em dinâmicas. Uma nova luz se acende na mente e, enquanto o coração enternecido se enche de esperança, afloram as ideias e projetos que movem a inteligência, animando toda a vida mental.

Diálogo 12

ENCAMINHANDO PARA A REALIZAÇÃO DO PROCESSO DE APERFEIÇOAMENTO.

Renato: — Como poderia eu, em meu afã de aperfeiçoamento, alcançar rápidos progressos? Algumas vezes, quando vislumbro a proximidade de algo que antes me parecia inalcançável, sinto uma alegria indescritível; já em outras, pelo contrário, parece que a inércia como que me arrebatou o entusiasmo, invadindo-me um decaimento que nem sempre posso vencer.

Preceptor: — Isso obedece ao fato de você ainda viver à mercê das flutuações do ambiente mental externo. Esquece, por acaso, que antes de alcançar o elixir da Sabedoria é preciso sentir as amarguras da ignorância? Você sabe muito bem que nunca se chega a ser forte sem antes haver experimentado as angústias da debilidade.

Renato: — É isso, justamente, o que estou sentindo; daí minha ansiedade.

Preceptor: — Organize, então, as atividades de sua mente, para empreender sem demora as tarefas próprias de seu aperfeiçoamento.

Se você se propõe seguir o caminho do conhecimento, trate então de não ser surpreendido por pensamentos que contrariem essa determinação. Esteja sempre vigilante, para que seus esforços não dependam tão somente de um fragmento de entu-

siasmo ou de um instante de veemência, e seja moderado no emprego de suas energias internas, fazendo com que atue sua vontade inteligentemente dirigida.

Renato: — Considero estes ensinamentos como ouro potável ou água lustral que acalmam nossas inquietudes e, ao mesmo tempo, como elementos imponderáveis para nossa renovação, pela verdade no amor e pelo amor à verdade. Compreendo que devemos tornar nosso o sopro vital que contêm, por ser ele um elixir da eterna juventude. Só assim poderemos dar ao corpo o frescor juvenil incorruptível e, ao espírito, a virilidade que ele tanto necessita para triunfar sempre contra o mal.

Preceptor: — É verdade; mas escute e compreenda que as palavras que lhe dou como conselho não devem ser esquecidas, pois são como sinais que irão iluminando seu caminho. Se você enriquece o coração com esse ouro potável, que é faia perfumada, de uma beleza sem igual, poderá convertê-lo em recinto de sossego e ternuras infinitas.

No sacro ofício da realização, você poderá celebrar, com seus mais íntimos e familiares pensamentos, o verdadeiro culto grato a Deus, por ser oferenda purificada.

Quando o homem, após muito andar em busca da verdade, cuja essência desconhece, consegue finalmente encontrar o caminho que o conduz a ela e, além disso, também o guia, experimenta uma plácida alegria, que aumenta progressivamente na razão direta de sua convicção, cada vez mais sólida à medida que a evolução consciente o faz sentir os extraordinários benefícios que recebe.

Renato: — Percebo que devemos ser fortes para não cair na tentação das hortaliças do Egito, e da mesma forma nosso coração deve estar sempre pronto e alegre para receber seu maná.

Preceptor: — À medida que se for produzindo seu despertar, eu lhe irei ensinando a viver nesse outro mundo onde o pensamento adquire sua prístina pureza; paulatinamente, enquanto você se for recolhendo em si mesmo, vivendo no externo o estritamente necessário, verá como em seu interior se operam as mudanças que a nova arquitetura psicológica inevitavelmente requer.

O gradual desenvolvimento dos sentidos, pelas novas possibilidades que se abrem aos órgãos de sensação interna, encerra um dos característicos sintomas da evolução consciente, como seria igualmente um sintoma determinante de atividade visual a comprovação do cego que, pela primeira vez em sua vida, começa a distinguir os objetos que o rodeiam; num e noutro caso, a alegria que se experimenta é idêntica, a julgar pelas exclamações espontâneas dos agraciados.

Renato: — Certamente; já comprovei a sua saudável e benéfica influência sobre meus pensamentos e meus sentimentos. Observei as mudanças que o senhor sabiamente me descreveu e notei como a mente, antes circunscrita às preocupações de ordem externa e com objetivos geralmente egoístas, aumentou sua capacidade de compreensão. Não vou esconder tampouco que, graças a essa constante experimentação a que o ensinamento logosófico nos impele, fui adquirindo um anelo mais real e consciente de ser melhor, superando minhas condições, ao mesmo tempo que pratico a caridade com verdadeiro conhecimento de causa. Nem sempre, porém, me é dado interpretar devidamente a palavra do saber. Devo fazer, às vezes, verdadeiros esforços meditativos para alcançar seus profundos significados.

Preceptor: — Para o ser que não superou sua consciência, as palavras ficam sobre o papel convertidas em cadáveres, pois a mente comum, que inverte com muita frequência as imagens, faz o que é vida verdadeira parecer inexpressivo, como algo inerte. Isso chega a tal ponto

que, em muitos seres, essa mente se assemelha a uma hiena — sinônimo de fera —, porque só se alimenta de cadáveres. Também é uma Babel, por ser a personificação da Babilônia.

Renato: — Isso é interessante; cada palavra parece conter um mundo de sugestões que nos convida a pensar e a descobrir os inestimáveis tesouros do saber.

Preceptor: — Não obstante, você deve desprender suavemente, com sua inteligência nutrida e preservada pela letra viva da Sabedoria, a película que envolve as palavras, sem fragmentá-la.

Nos preceitos que Hermes perpetuou em sua admirável Tábua de Esmeralda, está indicado que a obediência à lei ampara o futuro depositário das verdades eternas contra todo mal; e se ele não obedecer e deixar de nutrir seu espírito com o sangue imaterial que conduz a nova linhagem até seu ser, será cortado o cordão umbilical por onde o novo ser se alimenta, sendo isto o mesmo que destruir a fecundação.

Renato: — Entendo que quem não obedece à razão que o ilumina, torna sua terra infecunda, e a chuva já não pode penetrar nela, porque sua superfície se cobre de uma camada argilosa e resvaladiça.

Preceptor: — De fato; convém agora recordar que a borboleta sorve o néctar das flores de sua preferência, cativando quem a vê, mas a crisálida deve permanecer quieta, em silêncio, até finalizar seu processo de transformação.

Renato: — Compreendo que a obediência se fundamenta na disciplina e também no princípio de acatamento inteligente do inferior ao superior, pois o contrário seria subordinação forçada. Esse cordão umbilical de que o senhor me falou, eu o interpreto como o vínculo de união entre a Mente Cósmica e a mente humana. Daí que a nova vida que se organiza no ser deva seguir um processo perfeito de iluminação, ou seja, iniciar-se nas altas concepções da Criação.

Preceptor: — Tenha presente também que as flores nascem na ponta dos talos, e as frutas no alto dos galhos. Para alcançá-las, devemos levantar nossas mãos.

Renato: — É verdade, mas também há flores modestas e frutas que estão no baixo, na altura dos pés.

Preceptor: — Para colhê-las do solo, por acaso não devemos inclinar com reverência nossa cabeça, pousando o joelho na terra?

Renato: — Nada me ocorre dizer diante de seu eloquente ensinamento.

Preceptor: — Não esqueça, então, que, dependendo da maneira como você vir a verdade, perceberá seu oculto significado, e também que, do modo como a perceber, poderá vê-la em toda a sua magnificência.

Tome, pois, em suas mãos a argila macia e comece desde agora o labor, modelando o arquétipo dessa imagem à qual você quer se assemelhar.

Diálogo 13

*DE COMO SENTIR O TEMPO ETERNO EM SI MESMO,
APROVEITANDO-O PARA REALIZAR VÁRIAS OBRAS A UM
SÓ TEMPO — SUA APLICAÇÃO PRÁTICA AOS DELEITES
DO ESPÍRITO, COM A PERSPECTIVA DE OPORTUNIDADES
FELIZES A DESFRUTAR NO AMANHÃ.*

Preceptor: — Abordaremos hoje um tema que, sem dúvida alguma, haverá de ser muito grato para vocês, principalmente porque extrairão dele singulares deduções para enriquecer seu acervo consciente.

Feliciano: — Ao nos falar com encantador enlevo das maravilhosas concepções de sua mente, o senhor faz com que sempre experimentemos um deleite extraordinário. Portanto, pressinto que esse tema nos deixará, como de costume, absortos em profundas meditações.

Preceptor: — Você não está equivocado, mas desta vez deverão prestar a máxima atenção, para que lhes sejam proveitosas as imagens que vou apresentar.

Fixem bem, agora, a visão mental sobre todos aqueles seres que nunca levam seus atos na devida conta. Para eles, é sempre eventual o que farão amanhã, se difere daquilo que por rotina se repete ao longo de seus dias. São vidas estéreis as suas, vidas que jamais fecundam nenhuma ideia útil para eles mesmos nem para o bem comum. Como atuam, como se movem esses seres? Observem-nos bem; à sua volta e até mesmo dentro deles há um vazio angustiante. Em nada sério pensam. Consomem suas horas divagando ou distraídos em mil coisas vãs, quando não as gastam num lascivo deixar-se estar, ou buscando com febril empenho alguma diversão para

fugir de seu próprio enfado. Pois bem; quantos se acham nessas condições?

Feliciano: — A meu ver, seu número é tão grande que abarca os conjuntos mais abundantes da espécie, e não vejo — nem consigo pensar — como poderá modificar-se essa situação criada, que de tão longe vem. Suas estruturas psicológicas são endurecidas por costumes inveterados, e seus temperamentos, rebeldes a toda emenda individual.

Preceptor: — Não responderei neste momento à sua pergunta, para não nos afastarmos do tema, mas ao final da exposição talvez eu considere oportuno referir-me a esse ponto. Dirijamos agora nossas vistas para um outro conjunto de seres, que, com maior preparo, se empenha no cumprimento dos respectivos deveres profissionais. Vejamo-los imersos em tarefas fatigantes, cuja transcendência não vai além da satisfação do dever cumprido e das prerrogativas de um bem-estar presente e futuro. Os homens de ciência, por seu turno, realizam seus esforços ajustando-se a um rigoroso método, de acordo com o qual conseguem acompanhar os avanços em cada labor empreendido, sendo muitos os esforços dessa ordem que já tiveram repercussões felizes em benefício da humanidade; entretanto, apesar do trabalho humanitário que uns e outros possam ter realizado, nada induz a situarmos seus esforços no quadro hierárquico das ideias e meios transcendentes. Vou ser mais conciso: suponhamos que a descoberta de um homem de ciência beneficie, de fato, a seus semelhantes, ao imunizá-los contra tal ou qual doença, ou ao proporcionar-lhes um avanço material proveniente, por exemplo, de um grande invento. Pois bem; o homem desfruta dessa descoberta ou desse invento, mas permanece alheio ao conhecimento vivo que culminou com aquela ou substanciou este último. Não há, pois, transcen-

dência para o foro interno dos seres em si. A consciência individual, ou seja, o homem como ente consciente, sabe da existência de tal contribuição, porém não enriquece a si mesma; portanto, o fato carece de transcendência para sua evolução. Ao contrário disso, todo conhecimento que lhe é transmitido para seu aperfeiçoamento na ordem das conquistas do espírito é, ao juízo logosófico, de verdadeira transcendência para o ser individual, desde o momento em que o capacita para realizar um esforço de natureza análoga, subtraindo-o assim do conjunto, que só vive às expensas do que fazem os demais, beneficiando-se egoisticamente, sem seguir o exemplo daqueles que servem com suas ideias e afãs ao progresso da humanidade.

Logosoficamente, aconselha-se adotar uma atitude invariável nas tarefas que ocupem nosso tempo, com vistas a uma ordem transcendente. No que me diz respeito, costumo ter diversos trabalhos em execução. Reparto assim meu tempo, dedicando minha atenção a uns e a outros por turnos. Ao terminar alguns deles, preparo sem interrupção outro novo que os substitua, pondo sempre, em cada um, algo de minha própria vida. Desse modo, na alma de cada trabalho que projeto e levo a cabo, eu mesmo estou vivendo. Realizo-os em conjunto e de forma simultânea, e essa mudança de uma atividade por outra serve de solaz e de reforço para meu ânimo e meu entusiasmo no prosseguimento das demais. Se em qualquer uma delas tropeço com alguma eventual dificuldade, continuo com as outras sem perdê-la de vista, até encontrar a solução. Desse modo, aproveito meu tempo integralmente.

Feliciano: — É por demais interessante essa forma original de encarar as coisas. Porém, que necessidade eu teria de iniciar várias coisas ao mesmo tempo, caso somente uma delas me interessasse, por exemplo?

Preceptor: — Em seu caso, não cabe outra perspectiva, pois o número de conhecimentos que você possui não basta, pelo que parece, para requerer de sua inteligência uma atenção e uma preocupação maiores. Não se encontram no mesmo caso, pois, aqueles que podem atuar folgadoamente, e não por necessidades materiais, mas sim por exigências de seu próprio espírito.

Ergasto: — Se o senhor me permite, gostaria de expor meu pensamento a respeito.

Preceptor: — Com muito prazer.

Ergasto: — Compreendo que, indiscutivelmente, existe uma apreciável vantagem na realização simultânea de várias tarefas, mas não descobri ainda a causa que, segundo pressinto, se oculta por detrás do fato em si. Não compreendo o porquê desse afã por fazer várias coisas quase que a um só tempo, sobretudo se considerarmos que são de caráter transitório e que, portanto, se não as fizermos assim, o resultado será o mesmo.

Preceptor: — Vou lhe explicar o aspecto desta questão que você ainda não compreendeu. Se considerássemos que tudo é transitório nesta vida, ela, como é natural, não teria sentido, por carecer de posteridade. Mas não é esse, precisamente, o caso que estou destacando. Eu, por exemplo, sinto a eternidade dentro de mim; e a sinto porque sei que, embora a matéria seja mutável e se desvaneça absorvida pelo misterioso lampejo da morte, o espírito, e tudo quanto a ele esteja vinculado, sobrevive no eterno. Por isso, é particularmente grato e valioso para mim encarar todas as coisas do meu ponto de vista eterno, e com isso consigo não me deixar jamais aprisionar pela violência que os tempos transitórios sempre trazem consigo. Muitos fazem o contrário e, convencidos de que nada perdura, sorvem com premência até a felicidade que de vez em quando alcançam. De minha parte, devo expressar-lhes o seguinte: os momentos felizes que vivo, todos me pertencem; e me pertencem porque

sou consciente de que eu mesmo os criei com minha paciência e meu saber. Em consequência, e seguindo a mesma norma, preparo um labor que me fará feliz em determinada data; quando esse tempo chega, desfruto a felicidade que eu mesmo preparei e, desse modo, combino uma constante sucessão de datas felizes ante o futuro que devo viver.

Porém, há mais: nunca desfruto a felicidade de forma mesquinha ou egoísta; sempre há aqueles que a compartilham, e a eles ensino que, por sua vez, façam o mesmo.

Acrescentarei, ainda, algo ao que dissemos: nunca esgoto o prazer ou a dita de um dia venturoso; agrada-me mais distribuí-lo ao longo de muitos dias, estendendo-o também na recordação, como uma homenagem de gratidão a esses instantes tão excepcionais de nossa vida. Vejam se os demais — inclusive vocês — fazem o mesmo. O comum é desfrutar a felicidade esquecendo completamente que é um dever conservá-la sem fazer murchar sua inefável virtude.

Ergasto: — Eu lhe agradeço, amável preceptor, o magistral ensinamento que me deu. Entrevejo agora a razão que leva o senhor a organizar seu tempo e seu trabalho da forma como faz. Já não me é incompreensível; ao contrário, surge diante de mim como uma das tantas figuras estéticas de seu pensamento criador, convidando-nos a desfrutar o encanto dessas riquezas escondidas, reservadas unicamente às almas que, na verdade, anelam ser iluminadas por conhecimentos tão extraordinários.

Feliciano: — Compartilho inteiramente o expressado por Ergasto; essas verdades tocam as fibras mais íntimas do nosso ser. Contudo, se isto não significa abusar de sua reconhecida indulgência, eu pediria ao senhor que me esclarecesse uma coisa: como poderíamos fazer para que se manifeste em nós essa eternidade da qual nos falou?

Preceptor: — Este já é um outro assunto. Não obstante, responderei sobre ele na medida do conveniente, a fim de suscitar em vocês atinadas reflexões. Já não lhes tenho provado, reiteradas vezes, que a vida do ser constitui o resultado de seus pensamentos, de sua conduta e de seus feitos? Pois bem; cultivemos o grande conceito do eterno, para que este viva em nós. Para isso, comecem por fazer coisas que durem algum tempo; façam depois coisas mais e mais duradouras, até que vocês cheguem a sentir a imanência do eterno como algo consubstancial com seu próprio ser.

Feliciano: — Estou muito de acordo, mas isso não me dá ainda a medida de sua realidade efetiva. Em poucas palavras: gostaria de palpar o eterno dentro de mim mesmo.

Preceptor: — Para chegar a esse desiderato, vocês devem começar pelo mais acessível ao seu entendimento e seguir, depois, um razoável período de familiarização com tudo quanto se relacione com o eterno.

Em primeiro lugar, temos um espírito que não perece; ele é, portanto, eterno. Pois bem; como se manifesta esse espírito em nós? Manifesta-se por meio de nossos sistemas mental e sentimental, fazendo-nos pensar e sentir, respectivamente. Em consequência, devemos usar ambos os sistemas para pensar e sentir o eterno como algo inerente a nossas vidas. Procuremos, assim, fazer coisas que não pereçam, que não se mostrem efêmeras. Empreendamos uma obra capaz de sobreviver à nossa existência física e de subsistir até mesmo ao longo do tempo. Não se sentem capazes disso? Ensaiem, então, a busca de coisas menores, porém sempre com sabor eterno.

Feliciano: — A explicação que o senhor me dá ainda não me satisfaz; penso que seria muito difícil compreender em que momento e como terei de experimentar o eterno em mim mesmo.

Preceptor: — Pois bem; só resta então um caminho, o único capaz de fazê-lo experimentar essa realidade que

you desire to touch without understanding it: the perfection. As you measure that you surpass your current conditions and enrich your conscience with the transcendent knowledges, derived from the Sabedoria Logosófica, you will be experimenting in yourself, without any shadow of doubt, the true concept of the eternal. Your error consisted in imagining it as something material, as something before which you could say: "Here it is; touch it, feel it and cover yourself with it", as if it were a cap or a coat, in place of conceiving it as immaterial, exceeding all dimensions and prodigiously offering itself to our thinking and feeling consciences. Everything you do in favor of your perfection is, therefore, of eternal essence, for it is eternal the archetypal image of man in the conception of his Creator.

Diálogo 14

ORIGINAL SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS E SIGNOS EMPREGADOS NOS TEMPLOS DO ANTIGO EGITO.

Arquiedes: — O senhor poderia me dizer o que expressam as enigmáticas figuras, de tão impenetrável simbolismo, que aparecem em todos os antigos templos egípcios? Que misteriosa linguagem se encerra em sua arquitetura, na qual cada detalhe é uma expressão de saber?

Preceptor: — Para você, e para aqueles que conheçam algo da história da civilização egípcia, será de todo fácil compreender o que vou dizer a respeito de sua simbologia, na qual se manifesta o aspecto mais proeminente do pensamento que fecundou a mente dos homens que tiveram o privilégio de viver em épocas tão dignas da recordação da posteridade.

Os que viajaram pelas terras do Egito e penetraram no segredo de suas misteriosas construções, relatam a impressão que recebiam ao se verem no interior de seus famosos templos e panteões. A deslumbrante concepção do pensamento humano, estampada em suas esculturas, é toda ela uma eloquente invocação à Sabedoria Universal.

Relatam que o corredor da escura entrada subterrânea de uma das pirâmides apresentava, a poucos passos, uma saliência na qual todo visitante, sem exceção, batia a fronte, o que, naturalmente, ao lançar para trás sua cabeça, o obrigava a penetrar no seu interior com o coração antes que com a mente.

Mas isso não era tudo; o visitante devia avançar com cautela, curvando-se uma e outra vez à medida que o teto do corredor reduzia sua altura. Finalmente, tinha de se ajoelhar para poder passar por uma minúscula porta, do mesmo modo que se passa por uma estreita passagem no momento de se incorporar à vida, significando isso que ao templo do Conhecimento se devia chegar com humildade, sem soberba.

Transposta que era a pequena entrada, que constituía a primeira experiência e a primeira meditação, encontrava-se uma câmara hermeticamente fechada por uma porta em cujo frontispício aparecia inscrita a seguinte legenda: “Esta câmara tem somente uma porta externa e nenhuma interna.” Os que se detinham a decifrar o conteúdo de tão misteriosa frase passavam horas, e até mesmo longos dias, em frente a essa câmara. Por fim, um dos guias, que nunca faltam nesses lugares, convidava-os a entrar, inspirando-lhes, é certo, pela segurança com que pronunciava suas palavras, toda a confiança necessária. Uma vez dentro, a porta se fechava e ficavam na câmara sem que houvesse, com efeito, nenhuma porta de saída.

Arquiedes: — Suspeito que o receio dos visitantes ficava neutralizado pela presença do guia, encarregado, sem dúvida, de esclarecê-los sobre aquela raridade.

Preceptor: — Não a todos, naturalmente, era dado descobrir o significado de tão enigmático recinto, mas havia aqueles que, a juízo do guia, mereciam sabê-lo, e a eles falava deste modo e com estas reflexões: “Pela porta por onde haveis entrado, todos entram na vida, mas ninguém sabe por qual há de sair; e é muito certo que tampouco ninguém sai pela mesma que entrou. Também é a porta por onde se entra no mundo, nesse mundo que, para a inexperiência, é somente um recinto em que muitas vezes

não se acha a porta de saída. A necessidade, o perigo, as mil vicissitudes que acompanham os passos que nele se dão, fazem com que cada um deva abrir portas aqui e acolá para passar, mas estas permanecem fechadas para aqueles que não sabem forjar com esforço, paciência, tolerância e, acima de tudo, com um grande propósito de bem que anime e inspire sua inteligência, a chave que haverá de abri-las.”

Torna-se fácil apreciar a verdade expressada nessas palavras. Pensemos que quem se inicia numa atividade qualquer, sem ter o conhecimento que surge da experiência, percebe, com pouco que tenha andado, que todas as portas que sua ilusão havia aberto se fecham de golpe, como por arte de magia, encontrando-se ante uma realidade que não compreende e ante uma situação que terá de enfrentar de qualquer modo e por algum meio. É ali que se aguça o pensamento e surge na mente aquele que em mais de uma ocasião teve de sustentar a vida do ser a quem anima; é ali que a inteligência busca por toda parte a saída salvadora, cuja chave, se não a encontra, ela a cria ou forja, experimentando de passagem a ventura de ter podido resolver um problema vital para sua existência.

Arquiedes: — É muito certo tudo quanto o senhor acaba de expressar. Ninguém, de fato, poderia arguir que isso não seja uma verdade que a maioria dos seres humanos — e eu me incluo, evidentemente, entre eles — teve de experimentar com inegável força de realidade no curso de seus dias.

Preceptor: — Uma formosa expressão simbólica, na verdade, era constituída pelos signos que aqueles gênios da inteligência humana traçaram em comprimidas frases, que somente podiam ser lidas e entendidas pelos que se preparavam para alcançar seus altos significados, e cujo conteúdo era toda uma revelação.

No alto de outra porta hermeticamente fechada, lia-se esta inscrição: “O mistério foi, é e será sempre um mistério.” Esta frase, lacônica, cortante e, pode-se dizer, áspera, era suficiente para fazer voltar atrás os céticos ou pessimistas, e também todo aquele que não tivesse preparado seu espírito para penetrar, sem preconceitos, nessas excelsas câmaras plenas de Sabedoria. Para os que conseguiam franquear sua entrada, aparecia escrita com letras luminosas, na escuridão que dentro reinava, esta outra frase: “Se quiseres descobrir o mistério, prepara-te antes e cuida para que ele não te prenda.”

Arquiedes: — O senhor poderia me dizer o que significava essa frase tão sentenciosa?

Preceptor: — É muito difícil para o incipiente investigador penetrar nessas profundidades, onde o pensamento revelador apenas assoma com um diáfano clarão de luz. “O que não compreendes?”, costumava perguntar o guia. “Mistério é tudo aquilo que se apresenta como alheio ao conhecimento; entretanto, é mistério na medida em que a inteligência humana se preocupe ou se interesse em saber sobre ele. E se ela se preocupa ou se interessa, é porque existe. Quando a indiferença ou a ignorância mantêm o espírito afastado de toda inquietude, o mistério, apesar de existir, permanece como algo inexistente. Se vais pela primeira vez a um salão de jogos, verás que muitos, sem falar, se entendem com a linguagem característica desses passatempos. Tudo o que vires será um mistério, caso não o conheças; mas se a possibilidade de conhecê-lo inquieta teu espírito e faz com que alguém te ensine isso, aprenderás e conhecerás; dizendo ainda melhor, descobrirás em que consiste esse mistério que, até então, assim o foi para teu entendimento. Se, porém, conhecido um jogo em todos os seus detalhes, tu te deixas seduzir por ele e terminas por passar tuas horas e até tua vida jogando, terás sido aprisionado pelo mistério desse jogo. Como este, outros exemplos existem, de maior ou menor

colorido e importância, que servem igualmente para decifrar o conteúdo dessas palavras que vêm escritas com letras de luz na escuridão.”

Arquiedes: — Não deixa de ser curioso e extraordinário esse método adotado por aqueles que, indubitavelmente, conheciam muito bem o interior do homem e as fraquezas de seu temperamento.

Preceptor: — É evidente. Prosseguindo com a resposta à sua pergunta inicial, fala-se que naquelas construções, edificadas expressamente para conduzir o homem ao doce despertar na luz das verdades, fazia-se com que os que procuravam iniciar-se em tais mistérios passassem por câmaras totalmente escuras, sucedidas por outras semiescuras, chegando-se ao final às que estavam iluminadas por viva luz. Essa luz representava o excelso fulgor dos pensamentos criadores; representava o conhecimento que era ministrado por meio de todas as explicações dadas, em minuciosos detalhes, pelos guias encarregados de instruir sobre o significado dos símbolos ou hieróglifos estampados nessas câmaras.

E assim era como se explicava, por exemplo, que as primeiras representavam a noite dos tempos e também os dias escuros das idades iniciais do gênero humano. Em conjunto, essas câmaras simbolizavam também as diferentes épocas da vida do homem, desde a infância até a maturidade, quando então, no uso do discernimento, vê aclararem-se pouco a pouco todas as coisas que foram antes incompreensíveis para ele e, avivada a luz de seu entendimento, pode ir compreendendo tudo o que passou inadvertido até então à sua razão, a seus olhos e à sua sensibilidade.

Que pode compreender uma criança de tudo aquilo que foi feito para incitar a compreensão dos maiores? A escuridão representava, assim, a indiferença e a ignorância próprias dos primeiros anos da vida, nos quais os olhos fitam sem ver, pois o entendimento, carente de saber, contempla as coisas sem

compreendê-las, até que chegam os dias em que a vida, amadurecendo o ser na experiência diária, faz com que ele vislumbre primeiro e compreenda depois o que até então havia permanecido ignorado para ele.

Tão logo o visitante chegava a experimentar os eflúvios de intensa ventura, em virtude do plácido despertar para uma existência cheia de encantos, como é a que se abre à alma quando penetra no conhecimento superior e transcendente, o guia fazia-o aspirar um delicadíssimo e suave perfume, que exaltava seu espírito, enchendo-o de admiração e deleite. Uma e mais vezes voltava a fazê-lo aspirar o mesmo perfume, e assim ao longo das horas e dos dias subsequentes. Quando o visitante já não sentia a menor sensação e manifestava pesar por não poder continuar experimentando as delícias que a princípio este lhe proporcionava, o guia lhe explicava o motivo pelo qual o havia feito aspirar repetidamente tal perfume, dizendo que era para ensinar que o abuso faz o sentido perder toda recordação da delicada fragrância que aspirou. E acrescentava que o perfume é como a felicidade; ambos devem ser usados tendo sempre em conta esta circunstância. Com discrição, com prudência, conservam-se sem que jamais diminua a intensidade de seus eflúvios, porque não se anulará o sentido que distingue o perfume nem a capacidade que conserva o elixir da felicidade.

Recordar esses belíssimos ensinamentos, essa verdadeira arte de expressar em símbolos poemas tão formosos da vida e conhecimentos tão profundos da Sabedoria Universal, é fazer renascer nos espíritos a alma daqueles tempos com a eloquência de seus típicos encantos.

Arquiedes: — Estes são ensinamentos que, por sua profundidade e beleza, requerem profunda meditação. Na verdade, a força desses penetrantes conhecimentos muda em nós toda ideia errônea a respeito de tão imponderáveis arcanos.

Diálogo 15

O CONHECIMENTO TRANSCENDENTE CONDUZ O HOMEM PELO BOM CAMINHO.

Feliciano: — Andar bem pelos caminhos deste mundo não é, a meu ver, nada fácil. É algo que se vai aprendendo ao longo de toda a vida, não é verdade?

Preceptor: — Para a generalidade das pessoas, isso é bem certo, ainda que muitos não aprendam nunca. Por outro lado, vai com segurança aquele que caminha sabendo onde pisa. Naturalmente, deve conhecer primeiro quais são os passos mais difíceis da vida e, sobretudo, quais são os meios que pode usar licitamente para não se desviar do bom caminho.

Feliciano: — É isso, justamente, o que considero mais difícil: conhecer o bom caminho. O que nos dá essa segurança?

Preceptor: — A própria consciência, quando pode cumprir a grande incumbência que lhe foi assinalada.

Feliciano: — É ela que frequentemente nos reprova depois de havermos dado um mau passo, mas raramente nos detém antes de incorrermos em falta. Em consequência disso, como poderia nos dar essa segurança?

Preceptor: — É evidente que a consciência não atua em todos, mas sim em muito poucos: naqueles que se ilustraram com conhecimentos de alta hierarquia moral, especialmente os que abarcam o homem e o Universo. Isto significa que a consciência deve enriquecer-se com esses conhecimentos, para poder atuar eficaz-

mente sobre o indivíduo. Não sendo assim, você só terá tal segurança casualmente, isto é, por algum acerto inesperado.

Feliciano: — Ninguém, então, pode dar segurança?

Preceptor: — Tendo em vista sua insistência, direi que pode dá-la quem possua os grandes conhecimentos a que me referi e saiba, ao mesmo tempo, ensinar, pois saber que se sabe algo, por possuir estes ou aqueles conhecimentos, não é o mesmo que saber ensinar o que se sabe. Se eu lhe desse um conhecimento sem ensinar como alcançá-lo, você desconheceria seus principais méritos, e, certamente, não saberia manejá-lo com eficácia, nem saberia, tampouco, ensinar a outros como obtê-lo. Em consequência, um conhecimento assim adquirido perde sua virtude e nada positivo constitui para a consciência. Veja, pois, que quem sabe ensinar o caminho, iluminando as inteligências sobre tudo aquilo que se mostrar obscuro para elas, pode, indubitavelmente, dar-lhe segurança sobre como andar bem.

Feliciano: — E as experiências, não ensinam elas também?

Preceptor: — Sabendo aproveitá-las, elas podem servir para corrigir futuras atuações em casos análogos, ainda que nem sempre se consiga extrair delas as proveitosas lições que encerram. Nas experiências, o essencial é saber usar o conhecimento que ilumina seu fundo. Também podem ser muito úteis as experiências alheias, se, atento às observações delas extraídas, você as aplica como guia de seus pensamentos e ações.

Diálogo 16

CONCEPÇÃO DO QUERER — FORMA DE ALCANÇAR UM PROPÓSITO E COMPORTAMENTO POSTERIOR.

Preceptor: — Vejamos o que você deseja me propor esta noite como tema de nossa habitual conversa. Estou atento e disposto a responder a suas solicitações.

Javier: — Já me aconteceu com frequência — e penso ser também o caso de muitos — que, querendo possuir uma coisa ou alcançar o coração de um ser, fracasso, com sensível desgosto de minha parte. É como se mil impedimentos se opusessem tenazmente à satisfação de meus propósitos. Poderia o senhor me explicar a que obedece a resistência que encontro em quase todos os meus projetos?

Preceptor: — Eu teria que examinar, em cada caso, as circunstâncias encadeadas na trajetória seguida pelo episódio. Sempre existem causas alheias ao otimismo de quem, geralmente, confia em demasia nas suas aptidões. Não obstante, poderia destacar para você um fato capaz de esclarecer o problema em questão.

Quando se quer algo, deve-se querê-lo com pureza de alma, e, para isso, é necessário manter puro o pensamento que guia esse querer. Com frequência, observa-se que quando este ou aquele quer uma coisa ou quer a um ser, é influenciado até o delírio pelas paixões do instinto. Desse modo, o querer torna-se impuro, sendo finalmente rechaçado pela própria natureza do objeto que é motivo desse querer.

Com isso quero lhe dizer que não é bom, nem belo, nem nobre, querer para satisfação da vaidade ou do egoísmo, ou para servir a mesquinhos objetivos. Quando estiver em via de querer algo, você deve consultar a própria consciência para saber se é digno desse querer.

Javier: — Sempre pus muita veemência na conquista daquilo que constituiu meu querer, e acreditei merecer, em todo momento, a coisa querida.

Preceptor: — Aí está o erro. Isso não é mais que uma miragem que a própria realidade se encarrega de apagar. A prova do erro de sua apreciação você a tem nas vezes em que, segundo diz, fracassou em seus projetos.

Javier: — Também já vivi esta outra experiência: depois de haver conseguido algo que constituiria meu querer, seu valor começou a dissipar-se, tornando-se, em pouco tempo, carente de atrativo, como se eu tivesse me equivocado, ou se em mim se tivesse desvanecido a ilusão alimentada até o momento da posse.

Preceptor: — Eis aí confirmado o que lhe disse faz alguns instantes com respeito à indignidade da posse. Para que você compare com são juízo, vou mostrar-lhe agora como costume tratar cada querer que em mim nasce.

Antes de tudo, meço a distância que devo percorrer até alcançar o objetivo e preparo minhas forças. Penso em seguida se esse objetivo convém à minha sensibilidade e se, ao alcançá-lo, adiciono algo que enriqueça espiritualmente minha vida ou lhe dê mais felicidade. Uma vez resolvido, excluo de mim todo engano, com o que a ilusão já não tem mais guarida. Jamais apresso o processo de aproximação ao objeto querido, mas com firmeza mantenho em mim o propósito, rodeando-o com todo o meu amor e meu respeito. Quando chega o momento da posse, nunca penso que é um triunfo meu, porque mancharia a pureza do sentir. Meu pensamento vai ainda além: penso como conservar esse bem, sem menoscabar

jamais o valor e a ventura que ele representou para mim no instante em que a posse culminou.

Javier: — Formosa concepção! Agora vejo, claramente, quão longe estávamos de sequer suspeitar qual deveria ser nossa conduta em todas as instâncias de nosso querer, e vejo também quão ingratos temos sido ao nos comportarmos injusta e desairosamente com aquilo que foi objeto desse nosso querer. Compreendo, do mesmo modo, a irrecusável necessidade de consultarmos nossa consciência para saber se somos dignos daquilo que anelamos ou queremos. De minha parte, sempre deixei ao acaso aquilo que respeitosamente deveria ter confiado aos meus próprios sentimentos.

Preceptor: — Agora você pode apreciar como, muitas vezes, da forma de tratar um querer depende a possibilidade de que outros, sem suplantarem o anterior, também ocupem um lugar em nossas vidas e, assim, todos eles juntos nos encham de felicidade.

Diálogo 17
EXPLICAÇÃO SOBRE A
TRILOGIA “VERDADE-BEM-AMOR”.

Florêncio: — Com reiterada frequência, visitam nossa mente questões que inquietam o espírito, já que do escutado e lido até aqui não ficou, a meu ver, nada preciso ou concreto sobre elas. Há milênios, por exemplo, vem-se inquirindo por todas as partes acerca da trilogia “Verdade-Bem-Amor”, ansioso-se sempre por conhecer o arcano que ela encerra e o misterioso poder que une inseparavelmente essas três grandes manifestações do Pensamento Criador.

Preceptor: — Suponhamos que o gênio conceba uma ideia, a qual, plasmada em sua mente pelo concurso que a inteligência lhe presta, transforma-se depois numa positiva realidade, o que acontece quando a imagem concebida assume forma definida e concreta ao materializar-se no externo. Esta viria a ser sua criação. A ideia, antes não manifestada, cuja concepção teve origem na mente do gênio, converte-se assim em realidade palpável e inquestionável. Sua existência é, portanto, uma verdade, porque constitui uma reprodução do que foi concebido, e é também verdade que existe a ideia matriz na mente, porque se pode reproduzi-la no externo tantas vezes quantas se queiram.

Na utilidade dessa criação estaria representado o bem, cuja extensão abarca, às vezes, toda a humanidade. Por último, o amor não poderia ser concebido como ausente de tão imponderáveis atos da vida humana, porque toda ideia que tenda ao bem é, de fato, assistida permanentemente pelo amor, como poder fecundante de todas as coisas que têm sua origem na mesma e imutável força universal que anima e sustenta tudo o que se move, vibra e vive na Criação.

Florêncio: — Agora fica muito clara para a minha compreensão a imagem que irmana e consubstancia, num mesmo princípio universal, essas três expressões permanentes do pensamento criador. Quantas vezes, recordando a célebre pergunta que Pilatos dirigiu a Jesus de Nazaré: "Que é a verdade?", eu havia pensado no difícil que era encontrar sobre esse ponto uma definição satisfatória. E pensar que nem a religião nem a filosofia nem a ciência puderam dar-me uma explicação como a que o senhor acaba de formular, que me comovesse com o poder de sua força convincente. Tampouco soube de alguém que tenha tido nisso melhor sorte que eu.

Preceptor: — A Sabedoria Logosófica é uma fonte inesgotável de verdades que emanam de uma só e única Verdade central. Não tem, pois, inconveniente algum extrair dela a verdade que cada qual necessita para seu próprio bem e oferecê-la com amor. Não obstante, já que você citou essa frase evangélica, direi algo mais: a Verdade, concebida em sua acepção mais pura, mais elevada, define-se como a manifestação universal do Pensamento de Deus, ou seja, a causa primeira. Verdade é a própria Criação, é o Pensamento Criador plasmado no ilimitado volume de sua expansão universal. Portanto, para abarcá-la em toda a sua dimensão, será preciso alcançar os conhecimentos-cumes da Sabedoria Universal.

Como não penso ser essa a sua pretensão, direi, não obstante, que já é muito quando cada um vai se internando nela, à medida que sua evolução consciente o permita, de acordo com as aptidões, condições e capacidade conseguidas. Por outro lado, é tão grande o poder de sua realidade, que ela constantemente está corrigindo e encaminhando o homem, toda vez que sejam errôneas suas incursões e equivocados seus conceitos.

Rumo ao conhecimento da Verdade, não é questão de ir por ir; vai-se porque se sente a necessidade de consubstanciar-se com sua essência puríssima.

Como facilmente você poderá apreciar, a verdade jamais pode servir às nossas conveniências pessoais, nem se pode especular com ela. Aquele que tal coisa fizesse, de imediato se daria conta de que teria desaparecido a verdade que pensou usar, e que seu lugar estaria ocupado, agora, pela falsidade, vestida com a aparência de verdade.

Diálogo 18

O PRANTO, GRAÇA SÓ CONCEDIDA AOS SERES HUMANOS.

Néstor: — O pranto dos seres humanos — pelo menos para mim — é uma das tantas coisas que ainda permanecem como um mistério. Sei que expressa a dor de quem sofre; que é para o coração um desaforo aliviador; que se vertem lágrimas de pesar pela recordação de seres queridos; mas sinto que o pranto deve encerrar algo mais. O que eu intuo tem algum fundamento? E, se assim for, o senhor poderia me dar alguma explicação?

Preceptor: — Você não intuiu mal; muito ao contrário, sua sensibilidade o incitou à busca de uma luz orientadora que o leve a descobrir aquilo que suscitou em você tão marcante indagação. Vou lhe falar a respeito, conduzindo ao mesmo tempo seu entendimento até onde ele possa chegar neste momento.

O pranto encerra profundos e grandes significados. Formularei uma primeira reflexão, preparatória para a sua inteligência, a fim de lhe facilitar a compreensão. É muito certo que, por meio do pranto, os seres expressam sua dor. Tudo o que nesses momentos se pensa é impronunciável; os pensamentos que se agitam e sangram na intimidade se rebelam contra toda exteriorização por meio de palavras: é o recato natural da vida interna, que, não obstante sua profunda comoção, abstém-se

quase invariavelmente de expressar, a não ser pelo pranto, o que, de outro modo, seria para os demais uma indiscrição incompreensível.

Eu agora lhe perguntaria: alguém se recorda de ter chorado sem motivo de dor? “Ninguém, que eu me lembre”, você sem dúvida me dirá. Há exceções, contudo; poucas, por certo, mas existem. Refiro-me aos que vertem lágrimas de emoção ante uma profunda alegria, ou uma grande ventura. Há também aqueles que as vertem ante a grandeza dos que comovem profundamente as almas, assim como ante a dor dos seres a quem amam.

Embora todo pranto imponha silêncio e respeito, existe um que chega até a consternação, por ser, indubitavelmente, de outra natureza: são as lágrimas dos grandes e dos mártires inocentes.

Muitos costumam chorar por trivialidades, mas ninguém chora pela perda de algo que forma parte da própria vida; esse algo é o tempo. Ninguém chora o tempo perdido, e, apesar disso, nesse tempo há parte da vida que se foi, que se perdeu.

Chorar o tempo perdido não significa verter lágrimas amargas. Não; essa expressão tem um fundamento superior, que a explica em seu profundo conteúdo psicológico: é o sentimento de uma perda que se acreditava irreparável, destilando-se na compreensão que alenta sua recuperação. A emoção dessa recordação é, por outro lado, uma homenagem prestada à vida que passou e que mostra o arrependimento por não tê-la vivido melhor. Pranto íntimo é, pois, a consequência de reflexões feitas em comunhão com a própria consciência, ali onde cada ser se sente seguro de si mesmo.

Néstor: — Embora eu tenha a impressão de ter compreendido a última parte de sua exposição — para mim todo um ensinamento —, não me ficou claro como seria o pranto sem lágrimas. Como conhecer o agudo sofri-

mento de uma pessoa, se não observarmos essa eloquente manifestação de dor?

Preceptor: — Deve interessar-lhe mais conhecer o estado de nosso próprio espírito em seus momentos de atribulações, porque nesses instantes, precisamente, tem lugar a efusão íntima a que me referi. O pranto mental e o do coração se produzem internamente; podem ter seus reflexos e exteriorizar-se pelos olhos, e podem não ter nem reflexos nem exteriorizações, porque diante dos olhos dos demais a lágrima mais pura pode às vezes perverter-se. Mas, se alguma vez alguém mostra no pranto sua aflição, sabendo que ninguém haverá de reparar seu mal, não se envergonhe de fazê-lo, pois nenhuma compaixão tenta inspirar com isso. Esse instante, sempre respeitado, traduz com fidelidade sentimentos verdadeiros, feridos às vezes mortalmente.

Para compreender melhor o alcance de minhas palavras, devo expressar-lhe ainda que existem fisionomias endurecidas pela ausência quase total dessas emoções. É como se até os músculos do rosto se houvessem petrificado nelas. Seres inclinados a imitar o gesto indiferente da besta, secaram seus corações e debilitaram sua sensibilidade ao extremo. Esses jamais se comovem pela dor do semelhante; permanecem impávidos ante a desgraça alheia, causada muitas vezes por eles mesmos. Não os confundamos, pois, com os que não sabem ou não podem chorar porque excepcionais inibições psicológicas os impedem de fazê-lo.

O pranto é uma graça outorgada somente aos homens. Os animais não podem chorar. Castigado pelo braço humano, e mesmo em suas torturas mais cruéis, o animal olha, geme, retorce-se, gesticula ou se desespera. Há em seus olhos angústia, porém não pranto; não lhe foi concedida, como ao homem, tão sublime graça.

Diálogo 19
SOBRE A LIBERDADE DE DISCERNIMENTO
NA SUPERAÇÃO INDIVIDUAL.

Javier: — Já notei que nos primeiros trechos do caminho logosófico tudo parece fácil, tudo se desenvolve com alegria, sem maiores inconvenientes; porém, à medida que avançamos, experimentamos uma e outra vez a sensação de que algo nos detém, sem percebermos o porquê.

Preceptor: — Isso acontece porque a realidade vai perguntando a cada um qual é sua realização, pois quase sempre se pretende avançar sem antes prestar as devidas contas dos progressos alcançados. É muito natural que caiam em si aqueles que pouco ou nada realizaram.

O caminho a percorrer, ainda que largo, é escabroso para os pés não acostumados a transitar por ele; porém, à medida que a mente vai hospedando novos pensamentos e o espírito vai adquirindo vigor, anda-se sem tropeçar nas pedras da incompreensão, que tanto dificultam o avanço para o aperfeiçoamento.

Você não deve esquecer que a passagem da ficção — em que viveu durante longo tempo — para a realidade superior requer um gradual reajuste do ser, tanto em seus conceitos como em sua conduta, caráter, modalidades e inclinações, por ser impossível melhorar levando sobre si todas as deficiências que acusam descuidos de longa data. É necessário que

ocês se familiarize gradualmente com tudo quanto concerne a esta realidade viva, tão real como a própria existência de todos vocês. Adaptando a ela a vida, evitará que esta o derrube e faça você sofrer as consequências da imprevisão.

O essencial é manter firmes as decisões que sustentam a ponte entre os anéis íntimos, consagrados no interior do ser, e o esforço que é necessário realizar para alcançá-los. Se você já observou progressos que são uma mostra eloquente da verdade que está vivendo, com quanto mais afã não consagrará suas horas livres a este labor de tanta transcendência para o seu futuro.

Javier: — É fácil observar a forma simples, clara e ao mesmo tempo austera e convincente dos ensinamentos logosóficos. Também se pode apreciar a sobriedade com que respeitam a liberdade individual, pois jamais se impuseram a ninguém.

Preceptor: — É assim mesmo. A Logosofia prefere manter intacto o livre arbítrio, porque é bem sabido que cada qual deve responder sempre com firmeza aos ditados de sua consciência; os seres freados e amordaçados em sua livre expressão vacilam, oscilando e sentindo-se trêmulos a cada instante, sem encontrar dentro de si mesmos uma definição da vida.

Cada um há de poder discernir de livre vontade entre o bom e o mau, para não ser enredado mental ou espiritualmente por nenhuma ideologia exótica e convertido, depois, num vassalo impudico e indigente. Se você já sentiu palpitar em seu ser interno a verdade que os elevados princípios da Sabedoria essencial descobrem, terá mais vigor e decisão e será dono da própria vontade, o que lhe impedirá recuar sobre seus passos e resvalar involuntariamente para os domínios das rígidas formas dogmáticas.

Dentro de sua inteligência, os ensinamentos recebidos devem manifestar-se em todo o seu esplendor, porque é a palavra da Sabedoria que chama à realização do processo de evolução consciente, tão grato à consciência individual.

Javier: — O senhor me fez compreender que não é cegando os seres que se pode conduzi-los pelo caminho da salvação, senão iluminando-os com palavras claras, amplas, oportunas e precisas; com palavras exuberantes de força e de vida, como as que acaba de expressar, e que nos fazem experimentar, ao recebê-las, seu poder transformador, tanto em nossa própria vida como em nosso espírito.

Diálogo 20

SOBRE AS ATMOSFERAS E ÓRBITAS PESSOAIS.

Octavio: — Não faz muito tempo, tive a oportunidade de visitar um observatório astronômico e, convidado a contemplar a abóbada celeste através de um dos telescópios, pude observar que alguns astros têm atmosfera e outros não, sendo-me dito que nos primeiros se presume a existência de seres animados, enquanto que nos últimos só há natureza morta ou em estado caótico. Não sei se tudo isso terá alguma relação com nossa maneira de ser, mas o certo é que, movido por tal ideia, quis consultar o senhor a respeito.

Preceptor: — Nos espaços siderais — é sabido —, os astros, como os seres humanos no mundo que habitamos, agrupam-se em famílias. E tanto naqueles como neste há corpos ativos ou animados e corpos inertes ou sem vida.

Os corpos ativos estão contornados por atmosfera, que estimula a vida e permite a absorção de oxigênio, que é seu elemento básico. Em nosso planeta, que é um corpo ativo e está, portanto, circundado de atmosfera, aparecem as espécies vivas, sendo a humana, entre todas, a de maior hierarquia. Pois bem; a vida humana, como a vida em geral, tem que se desenvolver procurando ampliar sua órbita, o que acontece através de vinculações, fatos e palavras.

O homem que se elevou por seu saber, seus esforços ou virtudes forma também sua atmosfera pessoal. Com o desenvolvimento de suas condições e das prerrogativas que vão se abrindo para ele, ao internar-se no campo das múltiplas atividades que pode desenvolver, essa atmosfera aumenta seu poder de irradiação, atraindo a simpatia e a amizade de muitos seres, do mesmo modo que os astros do sistema sideral, por sua influência cósmica, atraem outros para a sua órbita.

A respeito do ser carente de atmosfera pessoal, poder-se-ia dizer que tampouco ele tem vida, por carecer esta de conteúdo. Um homem assim também se acha privado de órbita, não pode irradiar vida e permanece inerte, estático, passivo, indiferente. Mas cria atmosfera, isso sim, todo aquele que irradia vida; forma sua própria órbita e, por influxo dela, procura atrair outros para formar a de seu mundo familiar.

Existe, pois, como expliquei, uma estreita semelhança entre o que acontece no mundo sideral e o que acontece em nosso mundo, porque todo o criado responde a uma evidente analogia.

Na ordem cósmica, uma outra semelhança altamente significativa nos é oferecida, e é que todo astro não atraído para órbita alguma se desvia, transformando-se em elemento estranho ao ambiente sideral, causa pela qual é finalmente repelido.

Octavio: — O caso dos cometas, não é mesmo?

Preceptor: — Nem mais nem menos. Perambulam pelos espaços do cosmo sem fixar seu destino. O mesmo ocorre com os seres rechaçados dos círculos humanos pela índole de suas modalidades, por sua conduta, sua maneira de ser, etc.

Prosseguindo com o pensamento da atmosfera pessoal, adicionarei que ela pode se ampliar, diminuir ou se esfumar, conforme o grau de evolução do ser. Essa atmosfera pessoal é tanto mais respirável

quanto mais se enraíza, no conceito dos que estão vinculados ao que a gera, a ideia de sua integridade e da consistência de sua vida, na qual não deve existir o perigo de uma alteração que o leve a perder a própria órbita. Para assegurá-la, e também para que não se vicie sua atmosfera pessoal e se renove constantemente com a atividade sã e nobre que desenvolva, o homem tem a seu alcance todos os meios. É disso que cada um deve cuidar, tanto quanto cuida de sua vida, e diria mais: como se fosse sua razão de ser, de existir.

A sensatez e a franqueza são meios muito estimáveis de que o homem dispõe para manter sempre diáfana sua atmosfera pessoal, e para que nenhuma dúvida a ensombreça ou vicie. Quanto mais conscientes e íntegros são os seres humanos, tanto maiores são sua sensatez, sua lealdade e sua franqueza para encarar todas as coisas de suas relações comuns, por ser esta a norma invariável para afastar muitos males e limpar a atmosfera pessoal de toda possível perturbação de elementos estranhos. Quando se consegue isso, o ser brilha como os astros de luz própria, sem que nuvem alguma seja capaz de escurecer o céu azul de sua consciência.

Essa atmosfera pessoal, essa atmosfera interna, se reveste de uma multiplicidade de aspectos que se devem diferenciar para que o princípio possa ser aplicado. Se projetamos fazer determinada coisa, devemos criar uma adequada atmosfera interna. Tratando-se da realização de um estudo, por exemplo, cria-se a atmosfera propícia buscando e selecionando os pensamentos úteis a esse fim, sem que distração alguma conspire contra a sua continuidade, podendo ele realizar-se sem dificuldades. Do mesmo modo, se queremos nos proporcionar um prazer, devemos criar uma atmosfera de felicidade, de alegria, para que possa ser desfrutado sem que elementos estra-

nhos perturbem esse ambiente feliz. Se quisermos realizar uma viagem, deveremos procurar também tudo quanto seja necessário para que essa viagem se cumpra sem inconvenientes.

A atmosfera interna pode transcender e tomar contato com os demais seres, sempre que quem a possui não viva isolado, pois nesse caso permaneceria estática. Mas, se busca a vinculação, pode acontecer que seja atraído ou repellido, conforme a índole simpática ou antipática de sua onda ou vibração. Eis, finalmente, o que vai determinando a órbita de atração pessoal.

Diálogo 21

AS MÚMIAS E SEUS MISTÉRIOS.

Elion: — O senhor poderia me dizer algo sobre as múmias, já que de toda a literatura percorrida não pude extrair um só conhecimento real sobre elas?

Preceptor: — Raras vezes as múmias foram objeto de estudos especiais, e, se os historiadores se referiram a elas, foi somente para chamar a atenção para o original costume que aquelas civilizações do passado tinham de conservar os cadáveres.

Os egípcios pertencentes às poderosas dinastias que agruparam, nas margens do Nilo, os gênios mais destacados daquela época, conheciam o segredo das múmias, mas se precavam muito bem de revelá-lo ao povo, alheio por completo aos mistérios iniciáticos que circundavam ou interpenetravam* os templos e os suntuosos palácios dos faraós, onde as castas de seleta categoria realizavam seus rituais e confundiam suas almas na plácida contemplação dos enigmas que, de vez em quando, se transformavam em luminosa transparência, surgindo, ante os que eram capazes de compreender, com toda a nitidez do incorruptível, do inalterável e do verdadeiro.

Os gênios egípcios, os campeões do conheci-

* N.T.: O autor adotou, no texto original em espanhol, o neologismo “interpenetrar”, ao conferir a este verbo o sentido de “estar penetrado em, existir dentro de, constituir-se no espaço interior de”. O mesmo valor neológico está presente no texto traduzido ao português.

mento, sempre aconselharam os troncos fecundos, de ilustre ascendência, a cuidar da herança do sangue mais do que de si mesmos, fazendo com que os filhos, ao seguirem as linhas hereditárias que mais conviessem à sua evolução, continuassem superando os estados alcançados pelos pais e avós na ordem da Sabedoria e do aperfeiçoamento individual.

Assim foi como surgiu a necessidade de conservar os corpos intactos, para que os descendentes pudessem chegar a reconhecer seus antepassados, e talvez a si mesmos, como acontecia no seio daquelas castas privilegiadas, pois era crença muito generalizada que cada descendente de ilustre linhagem que alcançava grande evolução voltava a encarnar em gerações posteriores, conservando os traços fisionômicos de sua anterior existência corpórea.

Elion: — Se fosse verdade, isso nos revelaria um enigma de incalculável transcendência para a vida humana.

Preceptor: — Devemos por agora nos comportar deixando de lado nossas dúvidas, para que a força fertilizante destes conhecimentos adube nossa terra mental, preparando-a para que nela germinem as ideias mais luminosas.

Elion: O senhor tem razão; eu mesmo percebi essa força. Seu eco despertou em meu ser interno indefiníveis ressonâncias comovedoras, sugerindo ideias destinadas, sem dúvida, a promover em mim inquietudes espirituais novas.

Preceptor: — Não é estranho que isso lhe aconteça, por ser uma reação lógica de sua sensibilidade, correspondendo ao que você está escutando. Prosseguirei agora com o tema que motivou nossa conversa. Quando os jovens, preparados severa e rigorosamente por seus instrutores no conhecimento dos mistérios, chegavam a certa idade, eram levados a visitar os imponentes panteões, que pareciam templos construídos para as almas. Cada múmia — dizia-se — estava imantada por misteriosas e sutis correntes magnéticas, tanto

que muitos não podiam resistir à impressão que sua proximidade lhes causava. Os sábios, que conheciam o segredo, faziam com que o jovem herdeiro, posto em frente a cada uma das múmias, identificasse aquela que tinha carregado seu próprio sangue, que viveu antes dele e da qual, ou de si mesmo talvez, recebeu em herança a evolução alcançada durante suas permanências físicas na terra.

Sucedia que o jovem iniciado, ao chegar diante de sua múmia, à qual pertencia por herança, experimentava uma rara sensação que, por certo, não passava despercebida a seu experiente instrutor. Sentia-se como que atraído por ela, e, ao contrário do que lhe acontecia diante das outras, que lhe causavam espanto, com a sua não sofria o menor temor; na verdade, o que se produzia nele era algo assim como um despertar e um aumento vertiginoso de memória, a ponto de, em alguns casos, superar em grau máximo a de seu próprio instrutor. Dizia-se que havia recobrado a consciência de si mesmo através da herança, manifestando ele mesmo que, ante a múmia, sentia reviver uma extraordinária quantidade de passagens que lhe eram familiares, e que por momentos tinha a sensação de se haver convertido em múmia, como se sua alma passasse indistintamente de seu corpo à múmia e desta novamente a seu corpo.

A seguir, e após múltiplas comprovações, reunia-se o sacro conclave de iniciados, presidido pelo faraó, e eram concedidas ao predestinado todas as prerrogativas inerentes à sua categoria, conforme a posição que ocupara o antepassado ilustre no momento de fechar seus olhos físicos.

Elion: — Ele efetivamente recuperava a memória de suas anteriores existências, e era isso perfeitamente comprovado, ou essa recordação se manifestava simplesmente num aumento de sua capacidade espiritual para abarcar maior sabedoria?

Preceptor: — Eu poderia muito bem responder à sua pergunta dizendo simplesmente que o acontecimento provocava um despertar da consciência ou uma súbita iluminação da inteligência; entretanto, será fácil para você admitir que, por discricção, devo omitir algumas descrições interessantes e de suma importância sobre as múmias, depois de ocorrido o encontro revelador.

Você não deve esquecer que a imaginação comum, tão audaz, tecerá a esse respeito inúmeras lendas, mas a sábia expressão do pensamento mil vezes sensato, que formula suas inteligentes reservas, adverte que a realidade, como a Verdade, não se dá em propriedade, mas se conquista ao identificar-se com ela.

Diálogo 22

DE COMO SER BOM SEM CAIR NA INGENUIDADE

— *A CONSCIÊNCIA DO BEM LEVA A SER BOM
NA VERDADE, E NÃO MAIS NO ERRO*

— *A HERANÇA DO BEM E SUA FINALIDADE SUPERIOR.*

Constantino: — Sempre nos foi dito que devemos ser bons, que é preciso fazer o bem, e outras coisas do mesmo tipo, mas não somos prevenidos, nem nunca o fomos, contra as consequências do exercício dessa virtude de ser bons e da tão especial recomendação de fazer o bem. Compreendo, contudo, que é absolutamente indispensável a cada ser humano elevar seu comportamento ao máximo possível de excelência moral, mas o caso é que os que não seguem esta linha de conduta costumam nos aplicar sérios golpes, dos quais nem sempre conseguimos nos recuperar totalmente. Dizendo melhor, o que acontece é que esse estado de bondade e esse afã de fazer o bem nos expõem a ser enganados com relativa facilidade pelos que só buscam saciar seus apetites desonestos, ou, no melhor dos casos, pelos que fazem um uso abusivo de nossas ações generosas.

Preceptor: — Ante o tom de consulta que transparece em suas palavras, devo deixar perfeitamente esclarecido, em primeiro lugar, que tudo quanto você expressou é de sua colheita, e em campos que, por certo, não pertencem ao Saber Logosófico.

Passemos agora ao exame do fato que o preocupa. Logosoficamente, a ideia de ser bom não deve resumir-se no simples fato de ser mais bondoso, de

socorrer o necessitado que mais perto esteja de nosso alcance, ou de nos oferecermos generosamente sem a mínima prevenção e sem a limitação razoável que cada caso exige. Não; é um grave erro, e quem se atenha a tão equivocada compreensão do que deve significar realmente ser bom ou fazer o bem, deverá sofrer, como é lógico, as consequências de tamanha ingenuidade.

Assinalando essa classe de comportamentos, a Logosofia, como você já sabe, deixou sentenciado: “Bons no erro”, o que é o mesmo que dizer: “Mau é ser assim e pior a consequência”. Em suma, pôr em prática o preceito que manda ser melhor e fazer o bem de forma tão rudimentar e ingênua é expor-se a toda espécie de riscos e a sofrer contínuas decepções.

O conceito logosófico é, a esse respeito, tão amplo e claro que se torna acessível até aos de mais escasso entendimento. Estabelece, com efeito, que não se pode ser bom na verdade se não existe a excelência moral que você mesmo mencionou, mas como índice inconfundível de uma evolução que revele essa potestade superior, exercida com plenitude de consciência. É necessário, pois, distinguir a enorme diferença que existe entre o bonachão falto de luzes e de experiência e o homem bom por sua integridade moral, que sempre lutou para superar-se, impondo-se, muitas vezes, a privação dos prazeres triviais, a fim de achar no superior, após muitos esforços, sensações mais gratas a seu espírito.

Nesse afã de aperfeiçoamento, o homem aprende a ser bom, porque conhece e sabe diferenciar o justo do injusto e a verdade do erro. Seu próprio exemplo constitui por si só um constante fazer o bem, porque beneficia a todos que se vinculam à sua vida. Seu conhecimento da Lei de Caridade, enunciada pela Logosofia, converte-se num dom que lhe permite ajudar sem nunca se equivocar, procurando auxiliar,

como é natural, a quem mais merece e necessita. Não faz a caridade, pois, *a la buena de Dios*, como no outro caso, mas sim sabendo que *para Dios es buena*.* Além disso, costuma semear o bem em muitos lugares, porque sabe que todos os seres, sem exceção, necessitam de uma parte desse bem, grande ou pequena, mesmo quando não o saibam ou creiam que têm tudo. Consciente do exercício que faz de tal conhecimento, não o preocupa se, eventualmente, aparece algum ingrato, devolvendo-lhe o mal pelo bem, nem se afeta por isso; sabe que, no final, cada coisa volta ao seu lugar. E assim como a pedra atirada pelo que está embaixo costuma muitas vezes despençar das alturas e alcançá-lo, golpeando-o quando menos espera, o bem conscientemente prodigado, além de beneficiar o semelhante, cedo ou tarde retorna ao benfeitor, convertido em mil formas diferentes e, muitas vezes, nos momentos mais oportunos.

Em conclusão, tudo o que acabo de dizer deve fazer você refletir que, para ser bom na verdade e não mais no erro e, igualmente, para fazer o bem como Deus manda, é necessário alcançar primeiro, pelo aperfeiçoamento, a consciência do bem a fazer, fato este inseparável da realidade superior propiciada pela consciência de ser bom em virtude do conhecimento.

Constantino:— O senhor me ofereceu um ensinamento imponderável e, sendo assim, deverei meditá-lo profunda e cuidadosamente.

Preceptor: — Pela acolhida que você dispensou a ele em sua mente, o seguinte relato ilustrativo facilitará a compreensão do que acabo de lhe expressar acerca do inestimável exercício do bem.

* N.T.: No original: “No hace, pues, la caridad, como en el otro caso, a la buena de Dios, sino sabiendo que para Dios es buena.” Jogo com as palavras das expressões *a la buena de Dios* (de qualquer modo, sem preparação e sem plano) e *para Dios es buena* (para Deus é boa).

Habitava nossa terra um homem que tinha vários filhos. Preocupou-se sempre em fazer o bem enquanto pôde e, em cada oportunidade em que assim procedia, ensinava aos filhos o correto exercício daquela virtude. Depois de alcançar uma velhice tranquila, abandonou esta terra, passando — como é costume dizer — para uma vida melhor. Seus filhos, quase sem experiência, e muito menos inteligentes do que ele, correram sério perigo de ficar desamparados, mas todas aquelas pessoas a quem o pai havia beneficiado acudiram prontas para auxiliá-los, ajudando-os de diversas formas. Assim foi como encontraram por diversas vezes, de quem menos pensavam, mãos amigas e corações generosos, por meio dos quais colheram o benefício dos gestos altruístas de seu virtuoso pai. Eis aqui a original herança que aquele bom homem legou a seus filhos, herança cujo registro ficara tão somente nos corações daqueles que, tendo sido por ele beneficiados, retribuíram depois a seus descendentes o bem que, oportuna e generosamente, haviam recebido.

Diálogo 23

COMPORTAMENTOS QUE COMPROMETEM

O SER DE AMANHÃ

— *OS ACONTECIMENTOS INESPERADOS.*

Ergasto: — Não consigo compreender por que acontecem certas alterações no curso de nossa vida. Quando tudo parece andar sobre os trilhos, subitamente, sem havermos suspeitado ou sequer pressentido a mais remota mudança de situação, problemas graves ou dificuldades extremas nos sobrevêm, precipitando-nos em amargos transe.

Preceptor: — À sua indagação cabe responder da seguinte forma: o ser é uma sucessão de seres. Por conseguinte, de cada um depende que o ser de hoje não comprometa o de amanhã, criando-lhe problemas ou obrigando-o a enfrentar as situações que o primeiro não teve a valentia de enfrentar. Aquele que empenha com certa leviandade sua palavra ou seus bens, aquele que assina compromissos de cujos vencimentos o ser de amanhã deverá se responsabilizar, não criou para este os graves problemas ou dificuldades extremas a que você aludiu? Ocorre, geralmente, que se pensa egoisticamente no ser de hoje sem sequer se lembrar do de amanhã. Não obstante, há aqueles que, realizando dignos esforços, pensam neste último, para que esse ser de amanhã — que será ele mesmo — possa desfrutar uma situação folgada e feliz. Com eles não acontecem essas alterações de que você falou, porque são previdentes e não se atêm egoisticamente ao ser de hoje.

Tudo isso ensina que, se em determinado momento se desfruta a felicidade, ela deve ser equitativamente repartida entre os seres que irão sucedendo ao de hoje, a fim de que haja continuidade e não contraste, evitando, ao mesmo tempo, que o sofrimento deste último alcance o ser de amanhã.

Ergasto: — Suponho que essa não será a única causa, já que, se não me falha a memória, em certa oportunidade o senhor me disse que são os nossos erros que nos trazem depois os desgostos e dissabores mais desagradáveis.

Preceptor: — Se lhe aponto neste momento uma só causa, é porque eu a conceituava suficiente para sua compreensão. Além disso, ao lhe responder, levei em conta seu caso particular.

Ergasto: — Perfeitamente. Gostaria ainda de expor ao senhor algo mais, por me ser muito necessária sua elucidação. É o seguinte: não faz muito, ante um acontecimento lutuoso, desses que com frequência se repetem em todos os lares ao desaparecer um de seus membros, eu me perguntei, diante do quadro dilacerador que estava presenciando, se não haveria algo, superior a nossos sentimentos, que, atuando em nós, atenuasse, ainda que em parte, a intensidade dessa dor. Porém, não pude encontrar nenhum raciocínio que valesse, capaz de moderar a intensidade de um golpe psicológico dessa índole.

Preceptor: — Quando ocorre uma situação como a que você expôs, eu já disse outras vezes, os seres sofrem esses bruscos estremecimentos de angustiante desconolo, por se tratar, precisamente, de acontecimentos sobre os quais nunca ou muito raramente pensam, para não serem invadidos por pressentimentos que depois afligem ou deprimem o ânimo. Isso se deve à ausência de uma concepção mais ampla dos transe humanos que é necessário afrontar no curso da vida. Uma mente iluminada pela

ação fecunda do conhecimento transcendente sabe muito bem que o inesperado pode acontecer a qualquer momento, e, atendo-se a essa realidade, leva sua convicção ainda mais longe que toda esperança ou fato concebível, preparando o espírito para qualquer eventualidade, pressentida ou não, que possa sobrevir. Assim reconfortado, poderá nosso ânimo suportar com mais serenidade e inteireza o que, no caso de acontecer, nós mesmos já tínhamos concebido como algo irremediável.

Diálogo 24

A AJUDA QUE SE PEDE A DEUS NOS MOMENTOS DE AFLIÇÃO.

Olivério: — Como se deve interpretar o fato corrente de uma pessoa, no paroxismo do desespero, por exemplo, invocar a Deus e receber, em seguida, o auxílio divino que acalma sua agitação e lhe permite resistir com maior serenidade e inteireza ao momento crucial que esteja vivendo? Recebe ela de verdade essa ajuda? Seria apenas uma consequência do influxo divino da religião que professa? E, se for assim, como se explica que o mesmo bem seja alcançado com igual prodigalidade pelos que não professam religião alguma? É este um mistério no qual eu gostaria, realmente, de penetrar.

Preceptor: — É comum observar que ninguém ou muito poucos se recordam de terem um espírito que anima a vida, o qual permanece quase estático enquanto o ser físico age movido somente pelas necessidades de ordem rotineira que a vida corrente lhe apresenta, sendo muito raras as vezes em que esse espírito tem oportunidade de comovê-lo com outros objetivos. E é precisamente nesses momentos de aflição que atormentam o ser, que aparece delineando-se uma das formas mais atraentes e sugestivas do espírito, pois este se manifesta na própria sensibilidade, respondendo ao clamor da angústia. Esse simples fato reconforta e suaviza as durezas do transe amargo, permitindo recobrar a serenidade e, depois, a calma perdidas.

Não se deve, pois, atribuir isso a nenhum milagre, nem se enganar com a crença de que se teve algum auxílio particular, oriundo da divina Providência ou de Deus mesmo. Nada irrisória seria a tarefa do Criador se, pela mera invocação de cada uma das criaturas humanas, devesse Ele atender a suas demandas de auxílio. Diferentemente disso, devemos pensar que no próprio espírito do ser é onde existem recursos aos quais sem saber se apela, ao se dirigir a Deus nos momentos mais álgidos da vida.

Olivério: — Acho inteiramente lógico o que o senhor acaba de manifestar; vejo agora que a criatura humana não é tão desvalida como se acredita, já que, até mesmo nos transeis mais difíceis de sua vida, ela encontra a seu alcance o recurso salvador.

Preceptor: — É mesmo assim; e se você compreende bem isso, verá então como provém de Deus, sem dúvida alguma, a grande ajuda recebida em tais circunstâncias. Mas é ali, precisamente, que reside o mistério: no fato de fazer chegar até nós esse auxílio por via indireta, ou seja, por intermédio de nosso próprio espírito, que é quem fortalece nosso ânimo, fazendo-nos experimentar não só a realidade de sua existência, mas também o rigor de sua censura, ao compreendermos que não devemos tê-lo em tão pouca conta, quando já se viu a importância que ele assume toda vez que procuramos nos elevar na busca de um consolo para nossa aflição, ou de uma luz que ilumine a vida ensombrecida pelo sofrimento.

Seria um erro pensar que, na emergência citada, Deus teria intervindo pessoalmente, e absurda é também a pretensão de crer que foi uma intervenção em particular, ao se sentir o alívio anelado. Fica bem claramente mostrado, por intermédio de tudo o que eu lhe disse, que existe no Grande Ser uma onisciência que abarca todos os âmbitos de sua Criação, achando-se o espírito, portanto, consubstanciado com essa

força universal que obedece às leis criadas pela Inteligência Suprema. Um episódio da natureza do exposto não tem, pois, a menor repercussão cósmica, como não teriam para nós repercussão de transcendência alguma os gritos de um pintinho que, fugindo de um perigo, se salvasse inesperadamente.

Diálogo 25

EXPLICANDO O SIGNIFICADO DOS ANTIGOS RITUAIS E SEUS MANTRAS.

Aníbal: — Algumas vezes já ouvi falar dos egípcios e seus rituais, mas tão vagas referências só serviram para deixar em mim um grande desejo de saber algo mais acerca de seus impenetráveis mistérios. O senhor, que tanto conhece sobre eles, poderia me transmitir algo que satisfizesse minhas ânsias de saber?

Preceptor: — Longa é a tarefa de narrar tudo quanto diz respeito aos extraordinários personagens que moveram a consciência de tantas gerações, incitando-as a buscar em seus arcanos a sublime luz dos conhecimentos. Vou procurar, contudo, satisfazer você, falando-lhe daqueles tempos, homens e lugares.

Deixemos de lado as tradições míticas que sempre aparecem nos começos da história de todos os povos, para tão somente delinear o caráter que identifica a cultura de suas civilizações passadas, sem omitir, evidentemente, a herança que os primeiros expoentes da escala hierárquica transmitiram aos descendentes que formaram mais tarde as gloriosas castas de iniciados que habitaram as terras banhadas pelo Nilo. Vamos, pois, até os lugares que foram berço dos maiores patriarcas e filósofos que a humanidade já teve. Transportemo-nos até o Egito através de

nosso mundo mental. A curiosidade, essa modalidade que tanto afeta o coração humano, pelas inquietações que a mente lhe depara no afã de averiguar tudo o que na mesma hora esquece, já deixou muitos para trás. A impaciência os fatigou; deixemo-los descansar até que, de regresso, você mesmo lhes possa narrar o que tiver visto.

Aníbal: — Recordo ter escutado relatos sobre a beleza que a natureza do solo egípcio apresenta, com seu rio pouco menos que fabuloso, em torno de cujo leito tantas lendas teceu a mente do homem, sempre ansiosa por transpor os limites do maravilhoso mundo que guarda arcanos tão cobiçados.

Preceptor: — A beleza daqueles lugares influiu de maneira singular em todas as manifestações daquele povo, sendo fonte inesgotável das inspirações que deram à sua potente civilização um brilho tão deslumbrante que, ainda em nossos dias, depois de milênios, não deixou de resplandecer na consciência humana.

Esse rio a que você se referiu, o Nilo, cujo nome é todo um poema, dá ao viajante a sensação de brotar do próprio céu para levar até aquele país, como eflúvio divino, algo do celeste fulgor que tanto enobreceu o sentimento de suas privilegiadas gerações.

Em meio a imponentes desfiladeiros, entre montanhas fendidas em originais contornos, ou alçando-se em soberbas curvas sobre bosques e serranias escarpadas, divisa-se, através dos vãos que se abrem de vez em quando nas profundas e abruptas sinuosidades do terreno, a extensa margem desse rio sem igual. Dir-se-ia que os homens daquelas épocas careciam dos princípios gerais de arquitetura, mas sabiam a quem recorrer em busca desses princípios e, por certo, jamais deixaram de ouvir a sábia voz da Natureza quando, dos misteriosos aposentos de sua augusta mansão, ela lhes falava.

Ali nasciam e cresciam as gerações, absortas na contemplação daqueles lugares de enlevo, enquanto o pensamento corria seguindo a linha que as diferentes posições do sol desenhavam na penumbra dos vales ou nas cristas encantadoras, às vezes de tom avermelhado, de seus montes gigantescos. Ali os invencíveis e infatigáveis lavradores da terra egípcia levantaram seus templos e panteões. Ali assentaram suas ciclópicas construções à prova de séculos, reservando para si o direito de conservar intacto o segredo de suas criações. A incógnita permanece ainda indecifrável, apesar dos inauditos esforços dos homens por descobrir ou explicar seu mistério.

Ísis lhes teria revelado o modelo dessa original arquitetura, por detrás de cujas paredes, de singular resistência, parecia ocultar-se o sublime e simbólico pensamento de sua genial inspiradora. Ante a promessa de fidelidade oferecida pelos iniciados daquele tempo, em holocausto à divindade que tão prodigamente lhes oferecera os tesouros de sua sabedoria, pugnavam por manifestar-se, como numa piedosa expiação, os sentimentos que vieram a ser os mais caros para o espírito. Outra coisa não parecia significar seu afã por construir suas monumentais criptas e seus proeminentes templos, onde faziam viver imagens, pensamentos, recordações e esperanças, mas nos quais os homens não podiam viver. Preferiram confiar às entranhas da terra, fosse em suas concavidades naturais, fosse cavando sua superfície, os corpos venerados ou os objetos que foram, para seus sentimentos, motivo dos mais delicados afetos.

Aníbal: — Parece que já me encontro nesse país, contemplando seus formosos panoramas, tal é a sensação de realidade que suas palavras me transmitem. Espero agora, com muita curiosidade, seu relato sobre aquelas singulares cerimônias, que muito me interessa conhecer.

Preceptor: — A curiosidade — repito — é uma modalidade que não convém aos fins do conhecimento. Num instante

se esquece aquilo que a motivou, por não cumprir nenhuma finalidade útil. Muitos são os que fracassaram no caminho do saber por essa causa. Convém, pois, que você domine sua impaciência e só espere escutar aquilo que seja conveniente eu lhe dizer sobre o assunto.

Para entrar naqueles templos, mister se fazia passar antes por escuros subterrâneos. Ali se sucediam os passos em falso, os tropeções, quedas, etc., e tudo isso obrigava os visitantes a caminhar com cautela e a conservar clara a imagem de cada experiência.

Durante o percurso, eram conduzidos por um guia que explicava a cada um o que lhe fosse mais incompreensível, sempre até onde permitiam as ordens vigentes. Quase ao final do tortuoso corredor, eram detidos por uma voz poderosa, que, do fundo da nave central, intimava-os a refletir sobre o que seus espíritos anelantes buscavam. O guia respondia por eles, e em seguida eram introduzidos num imenso espaço cheio de colunas revestidas totalmente de símbolos e hieróglifos indecifráveis.

Eis-nos já no interior do imponente templo, em momentos em que o hierofante-mor se dispõe a celebrar um de seus rituais. Tudo ali foi preparado para a realização dessa solenidade. Invadem o templo os acordes de uma música sublime, por momentos suave, dulcíssima e quase imperceptível, que aumenta gradualmente em rítmicas harmonias, até alcançar uma sonoridade estrondosa e penetrante, que parece envolver as almas dos assistentes, primeiro num aturdimento, e em seguida num estado de paz inefável, ao afastar os sentidos de toda distração objetiva e concentrar cada um na visão simbólica que surge ante os olhos de seus entendimentos.

A cerimônia se inicia com a elevação do cálice que, nas mãos do augusto hierofante, resplandece com

fulgores extraterrenos, iluminando com sua luz não só o interior do templo, mas também o interior das almas. Luzes suaves e de cores cambiantes dão ao ato ritual uma majestade impressionante. Todo o templo está invadido pela branca fumaça do incenso, que, ao ser iluminado pelas cintilações fulgurantes das luzes, parece tomar formas semelhantes a presenças incorpóreas que ambulam pelo espaço em figuras originais.

O hierofante pronuncia os mantras de praxe, e seus ajudantes executam os chamados “signos de inteligência”, movendo-se em diversas direções; chegado o momento, respondem a um só tempo às vozes de profundas ressonâncias espirituais, com outras que ligam os elos da corrente de entendimentos recíprocos.

Aníbal: — Gostaria de saber que significado têm esses mantras e qual é sua influência sobre aqueles que os escutam.

Preceptor: — Seu significado é o mesmo que tem todo signo familiar a nosso entendimento; quanto à sua influência, não a exercem por império de nenhum poder oculto, como você pode muito bem supor, senão que produzem nas almas dos seres um lúcido encantamento, que as enche de forças e entusiasmo. São como essas notícias felizes recebidas de súbito, inesperadamente, ou que, esperadas com temor, produzem, ao se confirmarem, o sobressalto psicológico que chamamos de júbilo, fazendo com que todos os nossos pensamentos cedam rapidamente à influência dessa notícia que haverá de mudar, em parte ou no todo, o ritmo e a condição de nossa vida. Os mantras são, para os iniciados, segredos que se comunicam a suas almas ante a próxima revelação de um arcano por longo tempo anelado.

Aníbal: — E o ritual, o que significa?

Preceptor: — É a celebração de um ofício divino que representa a festa do espírito. Por isso, o grande hierofante canta;

por isso, há luzes no santuário, aspira-se ali o perfume do incenso e as almas vibram sob o influxo majestoso desse acontecimento.

Aníbal: — Compreendo. Só me falta agora perguntar ao senhor algo que ainda não está completamente claro para mim. É o seguinte: por que recorrer a essa solenidade?

Preceptor: — Na verdade, tal solenidade não existe. Para os que nada sabem do significado dessas cerimônias, é natural que tudo pareça pomposo, mas para aqueles seres, que conheciam seu fundo instrutivo, não havia nelas mais solenidade que a doce realidade que experimentavam em tais circunstâncias.

Hoje, não mais existem vestígios daqueles antigos rituais. Em vão se tentou encontrá-los por entre as ruínas dos famosos panteões de Psammética e Ramsés; porém, mesmo no caso de encontrá-los, de que haveriam de servir, senão para serem exibidos como relíquias históricas?

Aníbal: — Por que o senhor diz que de nada haveriam de servir? Por acaso não existem em nossos dias sumidades intelectuais capazes de se igualar àquela época?

Preceptor: — Então já não haveria nada que buscar naqueles arcanos, pois a sabedoria pressupõe o domínio das ciências, da mais alta inclusive. Mas há algo mais que escapa à sua perspicácia: os tempos de agora certamente não são para a celebração desses rituais; hoje, é necessário officiar dentro do próprio coração, na intimidade da consciência. Ali, nesse altar inviolável, custodiado por nossos sentimentos, permanecerá, sem ser jamais violentado, o segredo de todos os segredos: a verdade impronunciável, a palavra de Deus vivendo em nós, a palavra que pronunciamos nos momentos mais solenes de nossa vida, o mantra que, ressoando em ecos sublimes, nos transporta a esse mundo suprassensível

que promove em nós as mais profundas emoções e traduz, para nossa consciência, as imagens da felicidade e do sofrimento.

Diálogo 26

DESCRIÇÃO DOS CONHECIMENTOS E CAPACIDADE PARA ABARCÁ-LOS.

Preceptor: — Certa vez, alguém me perguntou se eu podia lhe apresentar um conhecimento e concretizá-lo, a fim de perceber sua forma, assim como sua solidez, a ponto de se tornar perceptível até mesmo ao tato.

Edmundo: — Isso, sim, é que é interessante! Afinal, também os conhecimentos devem ter sua dimensão ou figura arquetípica, que os torne mais acessíveis ao nosso entendimento. E como o senhor respondeu à pergunta?

Preceptor: — Um vaso artístico, por exemplo, como qualquer obra de arte, é a síntese prática ou concreta de um conhecimento. Oculta entre as filigranas, ou entre a expressiva trama de fisionomias, paisagens ou traços nele plasmados, acha-se esculpida a essência ativa do poder criador que anima o conhecimento que interveio em sua execução. O valor de tais peças, aparentemente inanimadas, reside no mistério que lhes infunde vida, isto é, no pensamento criador nelas estampado; e aqueles que as sabem admirar com sua inteligência e desfrutar com sua sensibilidade as estimam e avaliam por tudo o que elas expressam ou sugerem.

Pedir que se descreva o conhecimento do artista, tal como se poderia descrever o vaso ou a obra de arte, equivaleria a repetir todo o processo de assimi-

lação cumprido por aquele e, do mesmo modo, o processo de transubstanciação do conhecimento e criação do pensamento artístico em todo o seu desenvolvimento, até o término da obra de arte. Assim, pois, a forma de um conhecimento estaria representada pela concepção de uma obra, sua solidez pela perfeição da mesma, e sua dimensão pelo grau de paciência nela manifestado.

Edmundo: — O senhor deu uma excelente explicação ao que parecia inexplicável. É indubitável que a existência de um conhecimento se apalpa pela força energética que o anima, tornando-se ainda mais evidente quando o usamos. Confesso que desta vez foi fácil para mim abarcá-lo; já de outras vezes, ao me falar o senhor desse ou daquele ensinamento, apesar de seu conteúdo me comover profundamente e eu sentir com intensidade sua força pelas verdades que encerra, não consigo compreender seus alcances ou, melhor dizendo, sua transcendência.

Preceptor: — Não duvido de nada do que você me expressa, por ser muito comum observar idêntica situação naqueles que abordam pela primeira vez estudos dessa ordem. Não obstante — e pode estar bem seguro disso —, essa dificuldade para compreender o ensinamento irá desaparecendo à medida que você vá se familiarizando com a linguagem da Sabedoria. Verá, então, quão fácil lhe será penetrar nela, para encontrar sua oculta essência e aspirar esse inefável aroma que dela se desprende. Sua palavra já não será uma palavra material, cuja monótona sonoridade fere os ouvidos; será a inflexão feliz do pensamento luminoso, comunicando-se com a alma que o escuta com incontíveis ânsias de elevação. Será o elixir que se derrama prodigiosamente, e que somente conseguem gustar aqueles que se esforçam, aqueles que vencem a inércia e se impõem nas lutas contra suas próprias debilidades.

O ato de penetrar na essência de um ensinamento, tome-o você como dois braços que se estendem ansiosos em demanda de saber, enquanto outros dois braços, estendidos para servir esse elixir, simbolizariam a oportunidade generosamente se oferecendo.

Diálogo 27
VANTAGENS DO SABER LOGOSÓFICO.

Bernardino: — Repetidas vezes o senhor já me aconselhou a dedicar atenção ao conhecimento do sistema mental, preconizado pela Logosofia. Entretanto, que necessidade tenho de conhecer minha mente, se posso usá-la da mesma forma e fazer tudo o que me apetece?

Preceptor: — É verdade; mas aquele que ao pensar sabe por quais leis pensa, tem já uma vantagem sobre quem isso ignora. Além do mais, quem não conhece como atuam os pensamentos dentro e fora da mente estará sempre à mercê de seus impulsos, sem que a razão, utilizando a vontade, possa refreá-los.

Existem pessoas que, por natureza, levam consigo o dom do domínio pessoal. Mas também elas, com frequência, são surpreendidas em sua boa-fé, por desconhecerem as manobras mentais realizadas pelos que perseguem fins mesquinhos. Por outra parte, pouca é a liberdade de que goza aquele que se deixa levar pelos pensamentos às mesas de jogo, aos desmedidos prazeres do álcool, etc. Se é a razão, em estreita consulta com a consciência, a que deve governar a mente, fácil lhe será ver que isso não acontece nos casos citados.

Pois bem; o conhecimento logosófico permite desalojar da mente todo pensamento pernicioso que rebaixe o ser humano. Conhecer as combinações e

movimentos que se promovem dentro dela é experimentar a consciência do pensamento executor e afugentar o fatalismo do acaso, já que é este o que aparece determinando o jogo mental, e é o que dispõe as alternativas pelas quais passa o indivíduo que não domina, com a inteligência de seus conhecimentos, os fatores que intervêm para enaltecer sua vida, tornando-a fecunda e feliz, ou para rebaixá-la, arrastando-a pelo caminho da desventura e da perdição.

O homem, em geral, cuida de não ingerir alimentos que, como sabe, haverão de prejudicá-lo, mas frequentemente esquece que deve fazer o mesmo com os pensamentos que, por experiência, sabe serem maus. Diga-me: quem não prefere possuir as riquezas do conhecimento a ter que se ver exposto a enfrentar as difíceis situações, os problemas e uma infinidade de inconvenientes em que sua ignorância costuma colocá-lo, pela falta de cultivo de suas faculdades, condições e qualidades?

Bernardino: — O senhor me fez ver, certamente, muitas coisas em que eu não havia reparado. Se não for abusar de sua generosidade, poderia ilustrar-me mais amplamente a respeito desses problemas e inconvenientes que costumam apresentar-se no curso da vida, diante dos quais muitas vezes não sei que caminho seguir, ou que chave empregar para resolvê-los?

Preceptor: — Farei isso com o maior gosto; é a sua uma preocupação que necessariamente deve ser atendida. Tais dificuldades e problemas se apresentam, em sua maior parte, por quase nunca se exercer a faculdade da observação. O segredo, para que não nos acossem, consiste em saber como resolvê-los antes que se façam sentir; isso economizará tempo, evitará desgostos e preservará nossa tranquilidade. Essa ação preventiva contra a adversidade é de uma eficácia imponderável. Entretanto, e quase sempre por descaso, isso não se faz; depois, quando o mal já está

acontecendo, sobrevém o desespero, estado psicológico e mental nada propício para solucionar situações extremas.

Eu poderia apresentar a você milhares de casos que testemunham a bondade da fórmula. Aquele que cuida de sua saúde afasta os problemas que uma doença lhe poderia criar, quando se trata daquelas que podem ser evitadas; quem sabe administrar seu patrimônio preserva igualmente sua tranquilidade da possível visita de hóspedes ingratos, como são os problemas e dificuldades.

Pois muito bem; isso não é tudo. É ainda necessário colaborar com a Providência para que ela nos ajude. Como? Conduzindo a vida com a maior sensatez possível pelos caminhos do mundo. Não comprometendo a paz do futuro com atos que eventualmente poderiam perturbá-la. Isso fará você entender que as causas de muitas das dificuldades e problemas do presente estão em nossos descuidos do passado. Não deixemos que continue se repetindo a mesma experiência. Limpemos a tempo o caminho pelo qual deveremos passar, em vez de nos lamentar após cada tropeço por não tê-lo encontrado aplaidado pelos que passaram antes.

Bernardino: — É irrefutável o ensinamento que o senhor me dá, pois quão certo é que nós queremos tudo, sem pôr de nossa parte o menor esforço. Impressionou-me vivamente essa previsão sobre o futuro por viver, coisa em que, na verdade, muito poucos pensam. Não existe um método, além do logosófico, que guie de modo seguro e prático sobre a forma de conduzir a vida com as sábias preocupações da prudência, de modo a sabermos com toda certeza o que o amanhã nos vai deparar.

Preceptor: — Tanto melhor para você se tiver compreendido esse interessante ponto, já que ele é de considerável valor para toda criatura humana.

Diálogo 28

RARIDADES DO TEMPERAMENTO E AS FORÇAS HUMANAS ATUANDO POR EXALTAÇÃO.

Maximiliano:— Na psicologia humana existem, é certo, algumas raridades nas quais me interessa sobremaneira penetrar, para descobrir que forças ponderáveis e desconhecidas atuam na vida do ser, levando-o às vezes a realizar atos ou suportar pesares que, por seu temperamento, ele jamais teria tido coragem de enfrentar.

Investigando em diferentes fontes, cheguei à conclusão de que se pode passar de um extremo a outro; por exemplo, do estado de vacilação ante um perigo ao de decisão próprio do mais temerário arrojo; de um estado de temor a outro de coragem, etc. Mas o que ninguém explica é, na verdade, a causa que promove essa mudança de ânimo e de atitude interna, tão rápida quanto oposta ao momento psicológico anterior.

Preceptor: — Se entrássemos no terreno das suposições, poderíamos dizer que a causa reside umas vezes no aperto em que alguma situação difícil nos coloca e, outras, no cálculo supremo feito por nós naqueles instantes em que, pelo fato de nossa vida correr sério perigo, compreendemos instantaneamente que a perderíamos se não realizássemos, com os riscos fáceis de supor, o esforço ou o ato que, para nos salvar, as circunstâncias exigem de nós.

O fundo dessas proezas encerra, naturalmente, um conteúdo de inestimável valor. É, para melhor dizermos, a razão das causas. Vamos, pois, em busca dessa razão que você não pôde descobrir com seus próprios recursos.

Se observarmos a vida dos seres, veremos que todos se acham dotados de poderosas resistências, as quais se mantêm estáticas neles, como reservas internas. Tais reservas se assemelham muito ao arco do guerreiro, que permanece como coisa inútil, ou talvez como mero adorno, quando está fora de uso, mas que, posto em tensão por um braço experiente, concentra uma força por demais apreciável, capaz de arremessar a flecha com ímpeto hercúleo. Diante das mais extremas situações, por acaso já não se viu mais de um ser inibido pela timidez, ou trêmulo de temor, pôr-se prontamente a postos e, unguido por uma coragem extraordinária, causar assombro por sua bravura ou seus atos temerários? Igualmente, já vimos com que vigor se refazem ante uma desgraça aqueles que, segundo suas próprias manifestações, não teriam tido ânimo para enfrentar pequenas desventuras.

Maximiliano:— Curiosa e interessante a explicação que sua profunda sabedoria me proporcionou.

Preceptor:— O mais curioso e interessante, porém, é que, apesar da existência dessas comprovações sobre as poderosas resistências que todo ser humano possui, elas não são empregadas para fazer avançar a vida em continuados esforços de evolução. Assim se veria como cada um é capaz de transpor todas as dificuldades e, com serenidade e inteireza, suportar quanta vicissitude lhe possa ser acarretada pela magna tarefa de sua liberação moral e espiritual por meio do aperfeiçoamento.

Diálogo 29

SOBRE OS QUE BUSCAM O BEM EGOISTICAMENTE.

Ergasto: — Há aqueles que buscam o bem, isto é, o que redunde em benefício de nosso ser e de nossas vidas, por uma inclinação natural a melhorar suas condições individuais. Em tais casos, essa inclinação é geralmente inspirada pelos mais generosos sentimentos, e é assim que, da felicidade alcançada, ou seja, do bem que obtemos, fazemos partícipes os que, direta ou indiretamente, nos rodeiam na vida familiar e na de relação. Há, por outro lado, e em grande número, aqueles que só buscam o bem egoisticamente, isto é, com fins mesquinhos e utilitários. Interessados no próprio benefício, despreocupam-se totalmente do bem dos demais. No entanto, é fácil ver como abrem caminho na vida e como são pródigos em se proporcionarem os mais variados gostos, caprichos e prazeres. Que explicação caberia nessa circunstância em que a sorte parece favorecer talvez mais a quem busca o bem egoisticamente do que aquele que o anela com o espírito altruísta?

Preceptor: — É indubitável que existem seres de estreita compreensão humanitária, cujos sentimentos estão endurecidos pela avareza; com aguda veemência, só anseiam tudo quanto possa favorecer exclusivamente a eles. Embora seja certo que muitos triunfam em seus afãs especulativos, é bom recordar que a ninguém

inspiram confiança nem simpatia. São vistos como seres de outra espécie: é o sentimento de humanidade reagindo diante do agravo que o egocentrismo absolutista do bastardo lhe ocasiona. Poderão proporcionar gostos e prazeres a si próprios, tais quais os porcos a se espojarem na lama e a comerem sem medida, porém suas vidas, como as destes, oferecem o mesmo espetáculo desalentador: enquanto uns são sacrificados para que suas apetitosas carnes sejam saboreadas, aos outros os espreitam os parentes, que esperam deleitar-se com o festim da herança. Não vale a pena, pois, nos ocuparmos deles; deixemos que cumpram seu triste destino... Enquanto isso, preparemos para nós um melhor; assim, a recordação que inspiraremos será também muito superior, seguramente, à daqueles que confundiram o bem da vida com o “viver bem”, de acordo com suas concupiscências.

Diálogo 30

DE COMO FAZER FRENTE À ADVERSIDADE PELA SUPERAÇÃO CONSCIENTE.

Orestes: — O senhor nos disse, certa vez, que os erros e faltas cometidos pelos seres no curso de suas vidas aumentam a adversidade que depois os persegue. Admitir isso seria, segundo creio, aceitar uma injustiça, já que, em sua maioria, os erros se devem à ignorância ou aos procedimentos inconscientes. Não concebo, pois, a existência de uma lei rígida, implacável, capaz — inclusive — de aniquilar uma pessoa, fazendo-a sofrer desgraças que, muitas vezes, nada têm a ver com os erros ou faltas cometidos.

Preceptor: — Injustiça é o que veem os olhos dessa mesma ignorância ou inconsciência a que você se referiu, mas na realidade ela não existe. A adversidade é um dos grandes agentes morais usados pelo Pensamento Universal para corrigir desvios, sacudir as mentes humanas e obrigar o homem a andar direito. A ignorância e a inconsciência são, precisamente, as causas pelas quais os seres cometem tantos erros e faltas, cujas consequências devem sofrer a curto ou longo prazo.

Vejam, agora: que deve fazer o homem para evitar que a adversidade o persiga e atormente? Deixar, então, de ser ignorante e inconsciente, aperfeiçoando-se; eis aí sua missão e o único objeto de sua vida. E nada facilita mais seu aperfeiçoamento do

que a análise e o estudo de seus erros, passados e presentes, por ser este o melhor caminho e o mais curto para descobrir prontamente as próprias deficiências. Depois, sua preocupação consistirá em eliminá-las, eliminando assim a causa que produzia em sua vida efeitos negativos da mais variada índole.

Orestes: — Entendo perfeitamente, mas é muito difícil que alguém se dê conta de seus próprios erros, por crer, geralmente, que tem razão; e, no caso de outra pessoa apontá-los, custa-lhe muito, também, reconhecê-los.

Preceptor: — Isso ocorre quando o ser, carente de uma adequada ilustração superior, pretende saber tudo, desprezando o conselho dos demais; eis aí seu primeiro erro. Entregue a seu próprio entendimento, fecha, por assim dizer, todas as suas possibilidades à influência edificante e renovadora de conhecimentos capazes de operar mudanças substanciais em sua vida e aperfeiçoar suas condições espirituais e morais. Porém, tudo muda quando o homem, decidida e conscientemente, se dispõe a deixar de ser joguete das circunstâncias e a reconstruir sua vida com outras perspectivas. É então que se dá conta de que a soberba, o desmedido amor-próprio, a intolerância, a impaciência e as bruscas reações, impregnadas sempre de violência, são péssimas aliadas, porque oferecem a seus inimigos os alvos mais vulneráveis aos dardos da insídia, da injúria e da calúnia.

Firmado, pois, o propósito de autoaperfeiçoamento, quem isso faça não tardará a descobrir seus defeitos e a reconhecer seus erros. Concentrará seu afã em eliminar os primeiros e impedir severamente a manifestação dos segundos, ao corrigir suas atuações, antes entregues ao acaso de seus caprichos.

Orestes: — O senhor me deu um excelente ensinamento. Compreendo que tudo consiste em se propor corrigir as próprias deficiências e atuações, para não incorrer

em novas faltas e erros. A adversidade cessará, assim, com seus implacáveis e inesperados golpes.

Preceptor: — Não pense que isso acontecerá num instante ou pelo mero fato de você adotar uma conduta melhor; não. Ainda será golpeado muitas vezes por conta de erros e faltas precedentes. Não obstante, você tem a prerrogativa de aliviar e ainda saldar todas as dívidas, contanto que, evidentemente, os erros ou faltas não tenham violentado a consciência, infringindo leis capitais, que raramente o homem poderá atrair em seu amparo.

Orestes: — E qual seria essa prerrogativa tão promissora que nos ajudaria a afastar de nosso caminho um semelhante acúmulo de males?

Preceptor: — A de fazer o bem com inteligência. Primeiro a si mesmo, superando-se em todos os sentidos; depois aos demais, mostrando com o próprio exemplo tudo quanto se pode fazer na vida em benefício de si mesmo; e, sucessivamente, expressando ao semelhante como se pode vencer a adversidade e triunfar por meio do aperfeiçoamento individual.

Orestes: — O segredo consistiria, segundo creio haver entendido, em ir em busca das próprias deficiências, a fim de eliminar a causa motora de tão detestáveis efeitos.

Preceptor: — Essa busca seria, mais propriamente, um dos meios para descobrir o segredo a que você aludiu, mas não o fim, já que simultaneamente se deve realizar o processo evolutivo, que consumará a obra de aperfeiçoamento.

Orestes: — É por demais sugestiva sua exortação para não desanimarmos em nossos esforços evolutivos, uma vez que eles nos proporcionam compreensões mais amplas sobre os segredos da vida. Considero que devo meditar com profundidade sobre esse imponderável aspecto que o senhor me apresenta sobre o caráter de nossas práticas na busca do aperfeiçoamento.

mento. Mas, voltando ao assunto que vínhamos tratando, quero lhe formular ainda outra pergunta relacionada com o mesmo: como se explica essa obstinada má sorte que parece perseguir as criaturas humanas, fazendo-as sofrer?

Preceptor: — Na maioria dos casos, isso ocorre por razões fáceis de compreender. Você deve saber que a adversidade é um fator negativo, de caráter estritamente pessoal. Como facilmente se pode deduzir de minha exposição anterior, ela aumenta com os erros, as faltas, as distrações e imprudências que cometemos, e diminui com os acertos, com a eliminação de deficiências, com ações inteligentes e labores construtivos, com atos bons, generosos e amplos, e, enfim, com nossa constante superação.

Quando tivermos eliminado toda razão de ser da adversidade por culpa nossa, atrairemos para nós a ventura, que é seu oposto, e, com nossos próprios méritos, faremos com que nos favoreça com sua inapreciável e sempre oportuna assistência.

Essa razão de ser da adversidade, do mesmo modo que da ventura, tem sua origem em nossos atos e pensamentos, por serem eles que nos levam ao encontro de suas conseqüências: se forem bons, essas conseqüências serão felizes; caso contrário, tornar-se-ão amargas. De nós depende, pois, que nos persiga a adversidade ou nos preceda a ventura.

Orestes: — E quando se trata de um povo?

Preceptor: — A adversidade que castiga um povo, um país, já obedece a causas mais profundas; contudo, sempre terá existido uma culpa comum que, visível ou invisível à nossa observação, é possível descobrir após sua derrocada ou através de sua história.

Diálogo 31

*CONSELHOS PARA NÃO SE COLECIONAREM CONHECIMENTOS
COMO SE FOSSEM BORBOLETAS
— NECESSIDADE DE INCORPORAR TAIS
CONHECIMENTOS À VIDA.*

Preceptor: — Apesar da boa disposição que observo na maioria dos discípulos para compreender e desfrutar o benefício dos conhecimentos logosóficos, estes, segundo vejo, se esfumam ou permanecem estáticos em suas mentes. Indubitavelmente, falta mais dedicação e vontade para incorporá-los à vida.

Olivério: — É possível que seja como o senhor diz. Não obstante, considero que influem muitos fatores, os quais, ao se oporem, dificultam nossos propósitos, interferindo neles. Sem que isso constitua uma pretensa justificativa, naturalmente, eu entendo que o conhecimento logosófico, por ser vital, por ser de grande transcendência para nossa vida, visto que nos convida e nos guia para a realização do processo de evolução consciente, faz com que seja muito custoso, como é lógico supor, o habituar-se a um ritmo de atividade jamais imaginado. A luta contra os velhos hábitos e nossa excessiva complacência com as próprias debilidades e com as atrações da vida comum é, no meu entender, o que mais dificulta a realização de nossas ânsias de superarmos. Mas o curioso é que, enquanto encontramos facilmente a maneira de aplicar esses conhecimentos nos demais, o assunto se complica quando devemos fazê-lo em nós mesmos.

Preceptor: — Disso se infere que uma coisa é aprender pelo mero fato de saber algo novo, e outra é quando o saber é empregado para levar a cabo uma efetiva superação. No primeiro caso, os ensinamentos viriam a ser como as borboletas que anunciam o bom tempo, alegrando o campo florido dos enlevos com o vistoso colorido de suas delicadas e graciosas asas. Fácil é caçá-las, e mais fácil ainda deleitar-se com elas, espetando depois seu diminuto tórax para colecioná-las sobre um simples cartão.

Todavia, enquanto isso é feito, o tempo bom que elas anunciavam vai passando sem ser aproveitado, perdendo-se assim oportunidades difíceis de recuperar.

Os que intuem a importância desse tempo e o desfrutam inteligentemente são chamados a triunfar. Esses não colecionam conhecimentos para deleite pessoal ou por puro afã especulativo, mas sim para realizar seus maiores e mais sinceros propósitos de bem.

Temos, então, que, enquanto os conhecimentos se mantêm ativos em alguns seres, que com eles aproveitam o bom tempo, em outros permanecem estáticos, como as borboletas que jazem espetadas no cartão do colecionador.

Admito que o labor exigido pela evolução consciente pode ser árduo, pode ser difícil e pesado, mas a sensação que se experimenta ao se conseguir um amplo resultado excede, sem dúvida alguma, qualquer compensação.

Diálogo 32

O JOGO DA MÍMICA, O PRIMEIRO DOS OFÍCIOS QUE O HOMEM APRENDEU.

Hamilton: — Cada vez que queremos nos remontar aos alvares do mundo para conhecer os primeiros movimentos inteligentes dos homens, damos-nos conta de que tudo parece estar oculto entre as sombras de um passado insondável. Ocorreu-me pensar, por exemplo, qual teria sido o primeiro ofício praticado pelos que habitaram nosso planeta naquelas remotas épocas, e não encontrei uma explicação satisfatória.

Preceptor: — Considerando a incipiência de seus entendimentos, parece bem claro que a pantomima foi o primeiro ofício exercido pelos homens. Não possuíam ainda o uso da palavra articulada de modo inteligente, nem conheciam os nomes das coisas; porém, levados primeiro pelo instinto, e depois pela elementar atividade de suas mentes, começaram a familiarizar-se com o uso de tudo o que formava o conjunto de suas necessidades. Para se entenderem, usaram das expressões fisionômicas, dos gestos e ainda das atitudes, por demais expressivas, que revelavam os desejos de quem os executava. É indubitável que o primeiro e mais significativo gesto foi o de levar a mão à boca, em atitude de comer, para dar a entender que se tinha fome, sinal que perdura ainda em nossos dias e é conhecido em todas as partes do mundo, sendo isso provado com eloquência pelo fato de que, não

conhecendo alguém a fala de um lugar, usa-o espontaneamente para obter alimentos.

Hamilton: — Disso se depreende que os homens primitivos, impedidos, pela própria incipiência intelectual, de usar da linguagem articulada, realizavam suas tarefas silenciosamente.

Preceptor: — De fato; e ocorria que os mais avantajados por sua habilidade serviam de referência para os outros, que imitavam seus movimentos. Uma pedra de regular tamanho, por exemplo, lhes teria sugerido o pensamento de se sentarem em cima, atitude que sem dúvida foi logo adotada pelos que até então se sentavam no solo. O couro dos animais, que não se lhes mostrou comestível, pode ter sugerido a eles a ideia de colocá-lo sobre a pedra para torná-la menos dura e, mais tarde, amaciado pelo uso, os teria induzido a adotá-lo como abrigo.

Hamilton: — De onde se conclui que o homem é um insigne imitador.

Preceptor: — Ele é assim por natureza, enquanto não se pronuncia nele a faculdade de criar, capacidade esta que o eleva de nível hierárquico. Justamente, aquela expressão muda estimulou a necessidade de recorrer à mímica para resolver as situações prementes da vida primitiva, mas depois a inteligência humana substituiu pela comunicação verbal aquelas rudimentares formas de engenhosidade, e novos progressos se evidenciaram na vida dos homens.

Hamilton: — De modo que a brincadeira infantil chamada “jogo da mímica” teria sua origem naquelas remotas idades?

Preceptor: — Sem dúvida. Quando surgiu a necessidade de expressar com palavras os pensamentos e desejos, esse recurso da pantomima passou à história como uma curiosidade. Entretanto, como a alma humana guarda de tudo alguma reminiscência, o jogo da mímica foi sendo praticado pelas crianças ao longo

dos tempos, com grande entusiasmo. Consistia, como se sabe, no seguinte: reunidas várias crianças, uma delas, escolhida por turno para exercer a mímica, começava a descrever — por meio de manifestações fisionômicas, gestos e atitudes expressivas — seu pensamento ou seu desejo. As demais crianças deviam inferir o significado dos diversos movimentos que a oficiante fazia. Assim, umas davam uma interpretação, e outras davam outra; mas, na maioria das vezes, coincidiam quando era clara a imagem apresentada.

Isso dava ensejo para que as crianças, ao verem que era entendido com facilidade o que executavam, pensassem em reproduzir imagens mentais de coisas mais difíceis, a fim de que a expectativa fosse maior e ficasse mais trabalhoso acertar. Desse modo, e sem querer, adestravam suas mentes para outras inventivas.

Como você pode ver, o jogo da mímica foi praticado pelas crianças durante séculos, e o é ainda hoje, sem que a ninguém tenha ocorrido pensar se não teria sido este o primeiro ofício dos homens.

Diálogo 33

ZONAS LIVRES E ZONAS PROIBIDAS

— CONSCIÊNCIA DOS ATOS.

Preceptor: — Uma das qualidades mais singulares dos conhecimentos logosóficos é a de atrair vivamente a atenção de todos aqueles que a eles se vinculam, aumentando a expectativa e o entusiasmo à medida que a inteligência resplandece, iluminada em máximas expressões de sabedoria. Recordo-me de um ensinamento, entre tantos outros, que despertou muito interesse na oportunidade em que foi dado: é o que se refere às zonas livres e às zonas proibidas que se acham demarcadas no plano da vida. Esse ensinamento suscitou sempre, naquele então como agora, perguntas e reflexões que não foram poucas.

Edmundo: — A esse respeito, se o senhor me permite, desejo formular-lhe uma pergunta. Ao se falar de zonas proibidas, trata-se, por acaso, daquelas às quais só têm acesso uns poucos que estão autorizados a nelas penetrar, como nos estabelecimentos e zonas militares? Ou talvez se refira, mais propriamente, ao fato de alguém se colocar à margem da lei?

Preceptor: — Zona livre ou transitável é a do bem; zona proibida, a do mal. Ambas — e isto é o extraordinário — se acham tão estrategicamente colocadas que é necessário ter cabal consciência do que elas representam, para poder evitar as passagens difíceis que desembocam nas zonas proibidas. Comumente são

confundidas, por se ignorarem os limites que separam umas das outras; o resultado aparece, com muita eloquência, ao se verem os tropeções e quedas de tantos que, tendo invadido intencionalmente ou por inadvertência as zonas proibidas, com pouco andar já sofrem as consequências de tal temeridade.

Zonas livres são aquelas em que o ser, estando dentro delas, se sente em paz com sua consciência. Noutros termos, é quando tudo o que ele faz, pensa e diz tem o sabor do que é honesto, do justo e do bom, mostrando, ao mesmo tempo, limpeza interna, que é sinal de elevação moral.

Quando não se tem consciência da qualidade dos pensamentos que atuam na mente e ainda governam os atos do ser, este é levado constantemente de uma zona para outra, anulando seus belos gestos ou suas ações generosas com a consumação de outros gestos nada simpáticos, ou com atitudes e feitos diametralmente opostos àqueles. Esta é a causa pela qual tanto custa aos homens edificar e manter um bom conceito no juízo de seus semelhantes.

“Não faça isto; não faça aquilo; não se comporte de tal ou qual maneira”, dizem-nos quando somos pequenos, com o objetivo de nos corrigir. Ouvir isso nos causa certa preocupação; mas não produz em nós o mesmo efeito, pouco depois, em nossa mocidade, quando já não admitimos correções de ninguém. Esquecidas assim aquelas advertências da infância, avançamos sem prevenção alguma, internando-nos na vida, ansiosos por vivê-la sem limitações de nenhuma espécie. Mas eis então o que eu já lhe disse: depois de pouco andar, sobrevêm os primeiros contratempos e as primeiras contrariedades, aos quais se vão somando outros que acabam por decepcionar, atemorizar e desorientar o incauto caminhante.

Edmundo: — Vejo assim explicado o porquê de muitos reveses e quedas que sofremos sem compreender a sua causa.

Preceptor: — Certamente. Pois bem; tais efeitos, que vão atormentando a alma do ser, muitas vezes costumam ser instrutivos, pois acabam por convencê-lo de que deve existir algum conhecimento que oriente e guie sua vida pelos caminhos deste mundo, até o fim de seus dias. Esse instante de reflexão costuma ser o que o leva depois por todas as partes em busca da luz ansiada, ou do conhecimento ou virtude presentidos. Começa então um novo trânsito, uma peregrinação que a muitos desanima, a não poucos desvia, e que aproxima finalmente os demais, talvez os menos numerosos, às fontes da Sabedoria essencial, onde recuperam as energias, o alento e a alegria de viver, pela força renovadora e vivificante do ensinamento que os ilumina e protege.

Diálogo 34

CAUSAS DOS ENGANOS

— AS CRENÇAS PESSOAIS E SUAS DERIVAÇÕES.

Preceptor: — Desta vez vamos estudar dois casos, observados com bastante frequência nas pessoas em geral. O primeiro nos apresenta a esta ou aquela pessoa em momentos de sofrer as consequências de um dos tantos enganos a que os seres se veem expostos, por diferentes motivos, inclusive por boa-fé; o segundo nos mostra o estado de fanatismo a que costumam ser conduzidos pelas crenças — sejam da índole que forem —, estado que lhes faz impossível toda reflexão.

Eládio: — Isto haverá de ser muito interessante, pois não creio que exista alguém sem nada para contar a respeito, seja por haver sido enganado, seja por haver caído alguma vez nesses estados de irreduzível obstinação ou fé cega em alguma crença. Por outro lado, se o senhor tocou nesse ponto, entendo ser seu propósito descobrir para nós alguma razão oculta, ainda por revelar.

Preceptor: — Sua suposição não ficou muito longe. Sempre existe, de fato, uma razão oculta que explica, às inteligências capazes de descobri-la, o profundo e cabal significado do fato, significado este cuja evidência jamais se oferece à primeira vista, nem mesmo se apreciado com inquisitiva curiosidade.

Eládio: — E por que não se manifesta aos olhos de todos, sem ter que ostentar tão altos títulos de sapiência?

Preceptor: — Aí está, precisamente, a chave da questão. É isso o que todos haveriam de querer, não só com respeito ao que motiva o ensinamento de hoje, mas também a tudo o que permanece alheio às suas precárias culturas e conhecimentos. Por outro lado, a quem pode interessar a explicação de algo sobre o qual se mostra indiferente? E de que vale sua manifestação ante os próprios olhos, se não haverá de compreender o que vê, ou se passará por alto, como é evidenciado por tantos exemplos?

Sem estar, pois, à vista, acha-se ao alcance de todos, no entanto, aquilo que sinceramente se queira saber; quem fizer o esforço saberá disso no devido tempo. Parece-lhe justo que obtenha o mesmo resultado quem não fez esforço algum, ou quem, por não estar interessado, não dá a menor importância ao que está a seu alcance?

Eládio: — Minha pergunta foi, sem dúvida, um tanto apresada; devia ter refletido e respondido eu mesmo a essa indagação. É de todo natural nos preocuparmos com o que mais vivamente nos interessa, sem pretender levar os demais às costas, para que vejam, sintam e compreendam o que nos é privativo.

Preceptor: — Perfeitamente. Voltemos agora ao tema que, segundo vejo, promoveu em sua inteligência uma série de movimentos tendentes a aproveitar ao máximo o ensinamento.

Diferentemente da apreciação comum, que julga os fatos por suas consequências, sem relacioná-los com a sua origem, a Logosofia examina o desenrolar de um fato para chegar à sua causa. Assim, os que dizem haver sido surpreendidos em sua boa-fé, ou, mais claramente, que foram enganados, oferecem à observação logosófica situações diversas e fatores concorrentes que determinam a consumação do fato.

Se alguém, encontrando-se circunstancialmente com pessoas desconhecidas, com elas intima, entabula negócios ou lhes confia seus bens, põe em evidência sua ingenuidade, que é característica dos que não têm capacidade discernitiva, mas que, por um estranho paradoxo, desconfiam das pessoas honestas que eventualmente tratam com elas. Determinado esse aspecto psicológico, geralmente constatamos que parte da causa reside também na oculta ambição de multiplicar milagrosamente o capital economizado à custa de sacrifícios.

Mostram igualmente ingenuidade, ainda que em menor grau, os que, em busca do saber ignoto, se filiam a estranhos credos, a pseudo-escolas secretas ou a seitas de origem duvidosa e, à semelhança do caso anterior, preferem buscar por caminhos tentadores aquilo que, séria e honestamente, poderiam encontrar por caminhos mais retos. Nessa inclinação de tipo fenomênico, aparece perfilando-se também uma secreta ambição: a de obter, por meios estranhos, conhecimentos que se supõe serem de alto poder para dominar toda classe de situações, a fim de aparecer, depois de realizar algumas dessas práticas chamadas "ocultas", como sapientíssimos senhores da Sabedoria. Uma vez enganados, jamais pensam que o germe do engano estava neles mesmos, nem pensam tampouco na insensatez de suas pretensões.

O saber não se obtém por milagre, nem com o concurso de práticas incompatíveis com a realidade: consegue-se mediante o estudo, o exercício constante do que se estuda e uma progressiva evolução da consciência rumo a verdades que conformam os arcanos da Sabedoria.

Existe outro tipo muito frequente de engano, precisamente o único em que a boa-fé é surpreendida pelos recursos da má intenção que os falsários usam. As pessoas cultas, de espírito amplo e generoso em

sua maioria, pensam que existe nos demais essa mesma disposição, despreziosa e honesta. Jamais demonstram a desconfiança típica dos pobres de espírito; ajudam ou ajustam vinculações comerciais, sem que lhes surja a menor dúvida sobre a honestidade alheia, por enquadrar-se tudo dentro das normas éticas que as relações mútuas exigem. Mas eis então que, logo depois, aparece, como disse, o falsário desferindo de forma impune e certa um rude golpe no confiado benfeitor. O agravo que o impostor comete ao enganar costuma alcançar muitos outros que, como ele, poderiam ter-se beneficiado, caso seu proceder tivesse sido honesto. Com isso, o enganado tem de se retrair e, impellido pela experiência, restringe no futuro seus gestos humanitários ou de índole generosa.

Eládio: — Nos dois primeiros casos, a culpa recairia, então, nos próprios enganados; e, no terceiro, não haveria também algo de culpa?

Preceptor: — Haveria, se nos ajustássemos à rigidez das atuações; porém, é evidente que, se os homens de bem tomassem mil precauções para ajudar, poucos, na verdade, seriam os favorecidos pela nobreza de seus atos. No caso de haver, é, pois, uma culpa perdoável.

Entremos agora no segundo ponto de nosso tema: as crenças ou, melhor ainda, os crentes. Existe uma realidade que tem passado inadvertida a todo o mundo, e que é a seguinte: os que professam uma fé cega ou alguma crença se erigem em seres infalíveis, não admitindo de modo algum a existência de algo melhor nem mais verdadeiro do que a crença que abraçaram. Mas onde se descobre o móvel oculto que engendra o frenesi histérico do fanático, é no fato de ele se constituir, antes de tudo, em crente de si mesmo. E é crente de si mesmo porque, não duvidando de sua infalibilidade, a tudo antepõe suas

conveniências pessoais. Acaso não temos visto, com bastante frequência, esses mesmos fanáticos derrubarem ídolos e renegarem suas crenças pelo simples fato de que aqueles ou estas cessaram de corresponder circunstancial ou definitivamente às suas caprichosas exigências? Que crença era, então, a que professavam?

Esquadrinhemos o fundo das almas e veremos, nos próprios altares de cada crença, como paira sempre, por cima de seus ídolos, o ídolo das crenças pessoais, o que institui a fé na própria crença, distinta, por certo, da que se aparenta professar. Eis, pois, uma realidade difícil de perceber sem o auxílio dos conhecimentos que a Logosofia aproxima das possibilidades e do juízo de todos.

Diálogo 35

DE POR QUE É NECESSÁRIO O PRECEPTOR PARA ENCARAR O PROCESSO DE EVOLUÇÃO CONSCIENTE RUMO AO APERFEIÇOAMENTO.

Dalmácio: — Já ouvimos dizer, muitas vezes, que quando se toma a rota do aperfeiçoamento é absolutamente indispensável ser guiado por um preceptor. Por acaso não podemos nós mesmos vencer obstáculos e distâncias, valendo-nos de nossa inteligência e de nossas próprias forças?

Preceptor: — A natureza humana, tão susceptível aos revolvimentos psicológicos e volitivos, é, precisamente, a que reclama e exige um auxílio constante para não malograr as boas disposições do espírito. Sua inteligência poderá conceber e planejar projetos, poderá inclusive mobilizar a vontade e empreender tal ou qual tarefa; porém — já vimos isto numa infinidade de casos —, diante das dificuldades, da incerteza ou da realização de um esforço não costumeiro, a vontade se ressentida, decai o ânimo, e a inteligência, atendendo a mil pretextos das próprias fraquezas humanas, cede terreno. Começam então as postergações, adiando finalmente o plano projetado, que bem pode ser o de aperfeiçoamento individual.

Quando se trata deste último, excepcionalmente o homem associa, à ideia de superação, a de uma vasta ampliação do campo consciente, o que implica, por sua vez, uma crescente e gradual iluminação da inte-

ligência, graças aos conhecimentos alistados ao longo do caminho que, necessária e imprescindivelmente, terá que percorrer.

Vejam agora as reflexões que responderiam à sua pergunta: Como pode bastar a si mesmo, numa tarefa tão grande e complicada, quem deve, enquanto a executa, abrir sua mente a uma infinidade de conhecimentos que não possui? Que segurança pode ter em seus passos, se carece dos elementos que desempenham o mais importante papel na vida do homem que quer aperfeiçoar-se? Se em todos os aprendizados forçosamente se requer a guia de quem sabe, por que se pretende, então, prescindir disso numa empresa de tanta transcendência?

Dalmácio: — Indubitavelmente, seus argumentos são irrefutáveis; não existe, de minha parte, nenhuma objeção a formular.

Preceptor: — Não obstante, devo fazer-lhe um pequeno esclarecimento; não são argumentos o que lhe expus: são reflexões plenas de uma lógica irrefutável, que descarta qualquer discussão.

Dalmácio: — Também isto é irrefutável. E como eu tenho o propósito de realizar a empresa de meu próprio aperfeiçoamento, muito me agradaria receber do senhor uma exposição concreta acerca do que devo fazer e que conselhos praticar para vencer as dificuldades que se me apresentarem.

Preceptor: — Devo, antes de tudo, felicitá-lo pela clareza mental que você evidencia ao compreender, sem maior esforço, uma explicação que muitos não aceitam, na maioria das vezes, pelo tom de suficiência com que pretendem entender tudo o que se lhes diz, para sustentar depois, sem base alguma, seus equivocados conceitos.

O próprio fato de compreender que é por demais difícil avançar sozinho por tão desconhecido e acidentado caminho significa já uma grande ajuda. A

realização do processo de evolução consciente, tal como a Sabedoria Logosófica preconiza e ensina, requer uma técnica especial, um constante conhecer a si mesmo, começando pela articulação mental e psicológica que move as alavancas da própria vida, o que dá ao ser que aproveita esse conhecimento a oportunidade mais extraordinária, que é a de poder realizar o prodígio de sua transformação moral e espiritual, enquanto alcança conscientemente os altos cumes do aperfeiçoamento.

Apesar disso, responderei à sua pergunta tendo em conta o que já foi dito, certo de que você encontrará bons motivos para extrair as mais úteis conclusões. Como primeira providência, se eu lhe perguntasse o que faz todo aquele que vai fazer uma longa viagem, seja por mar, seja por terra ou ar, você responderá, sem dúvida, que, tão logo decida isso, ele organizará todas as suas coisas de forma conveniente, para que sua ausência não lhe acarrete nenhum prejuízo e, pelo contrário, para que tanto em seu lar como em seus negócios tudo corra como se estivesse presente. Preparará depois as malas com aquilo que, a seu juízo, haverá de necessitar durante a viagem, predispondo ao mesmo tempo seu ânimo para encarar com boa disposição todo incômodo ou inconveniente que possa ocorrer no curso da mesma.

Pois bem; convém não esquecer isso ao empreender a marcha pelo caminho do aperfeiçoamento, já que, à semelhança de quando se projeta uma viagem, é preciso ordenar todas as coisas de forma tal que, diariamente, haja um tempo disponível a ser dedicado a tão importante fim. Será necessário, pois, considerar esse tempo como se fosse destinado a viajar; e, ainda mais, como se de fato já se estivesse viajando.

O estudo, a prática do ensinamento e sua aplicação experimental causam às vezes alguns incômodos, mas estes são amplamente compensados pela quali-

dade e pelo número dos benefícios que isso proporciona. Por conseguinte, esses incômodos devem ser considerados como próprios das viagens; isso o ajudará muitíssimo nas diversas alternativas do processo que você terá de realizar.

O de evolução consciente é, ao mesmo tempo, um processo de enriquecimento espiritual, porque implica incorporar grande número de conhecimentos de altíssimo valor, mais do que suficientes para edificar com eles uma vida exemplar e magnífica. Entretanto, como é natural, nada se consegue sem esforço próprio e sem uma dedicação à prova de fraquezas, sobretudo ante as alternativas que o caminho a percorrer apresenta. Aqueles que vão sozinhos rapidamente são surpreendidos por dificuldades imprevistas, surgidas com frequência durante o curso da jornada; sua impotência para contrapor-se às reviravoltas da vontade os aflige, e é assim que desfalecem, sem energias para prosseguir a caminhada.

Quando, ao longo das épocas, os homens estancam, aglomerando-se nas estéreis planícies da indiferença espiritual, os que conhecem o caminho são justamente aqueles que devem tirá-los do ostracismo mental e guiá-los até campos adequados, a fim de efetuar os cultivos mais profícuos. São eles os encarregados de tomá-los pelo braço e ajudá-los a caminhar; são também eles os encarregados de ensinar-lhes a não discutir, varrendo do horizonte mental as obscuridades imaginárias e fazendo-os notar que o tempo não sobra para coisas inúteis, mas se prodigaliza de forma ampla aos que aprendem a fazer dele um uso correto. E isso é lógico, pois discutindo é como se faz com que ele se perca lamentavelmente, sem avançar um só passo; daí que os seres que discutem sejam vistos sempre no mesmo lugar.

Vou lhe apresentar uma imagem mais clara: se, por exemplo, devemos ir a um ponto qualquer de

algum lugar e, por desconhecê-lo, nos pomos a discutir, sustentando uns que ele se acha no leste ou no oeste, e outros no norte ou no sul, o tempo passará sem decidirmos ou, no melhor dos casos, tomando uma decisão ao acaso. Mas isso não poderia acontecer se estivesse ali quem conhecesse o ponto aonde todos quisessem ir e, ainda mais, conhecesse o caminho que levasse até ele.

Na maioria das vezes, os pensamentos que perambulam pelas mentes costumam ser os fatores que intervêm nos atos dos homens, retardando as ações já aprovadas pela razão e anulando-as em muitos casos.

Dalmácio: — Pelo que acabo de escutar, é coisa muito séria a realização do processo de superação. Eu entendia que a cultura corrente cumpria com folga essa finalidade, sobretudo se levarmos em conta a diferença que existe entre o ser inculto, e ainda o medíocre, e o homem culto.

Preceptor: — Não há dúvida que essa diferença existe entre um e outro, e é inquestionavelmente grande. Mas o homem de cultura corrente, mesmo a mais elevada, se quiser alcançar os cimos da Sabedoria, deverá realizar esse processo de evolução consciente a que me referi, por serem de outra espécie os conhecimentos que abarcam essa realização e, em consequência, alheios a seus acervos pessoais.

Diálogo 36

O PERDÃO COMO PRINCÍPIO MORAL E SEU EXERCÍCIO INTELIGENTE E CONSTRUTIVO.

Faustino: — Faz alguns dias, comentávamos, entre vários discípulos, a eficácia ou ineficácia da aplicação de certas práticas e princípios sustentados por algumas religiões, levando em conta, naturalmente, alguns ensinamentos logosóficos que diferem das interpretações conhecidas. Tal é o caso, por exemplo, do perdão ou ato de perdoar.

De minha parte, sempre considerei humano perdoar as faltas dos demais, mesmo quando, em meu caso particular — e creio que acontece a mesma coisa com muitos —, tenha sido difícil fazer isso na hora; o que de fato acontece é que, depois de um tempo, e dependendo do caso, eu perdoou ou não. Por outro lado, parece-me incompreensível o perdão que as religiões outorgam a seus fiéis pelo mero fato de se confessarem, ou por se destinar um dia do ano ao perdão das faltas mútuas entre os semelhantes. Talvez exista nisso algo enigmático, completamente alheio a meu conhecimento. Será de grande valor para mim escutar a esse respeito sua autorizada palavra, sempre profunda e convincente.

Preceptor: — Este assunto do perdão é algo muito delicado, que merece, por sua índole e pelo fato de oferecer aspectos tão variados quanto singulares, ser tratado com a devida extensão.

Como fórmula moral é admirável, mas nem sempre cumpre seu primordial objetivo. Pois bem; prescindindo de todo outro conceito, a Sabedoria Logosófica concebe o perdão como uma virtude de espírito universal que se estende por todos os âmbitos da Criação, cujos benefícios alcançam a criatura humana, desde que esta não abuse de tão preciosa prerrogativa.

Assim, pois, enquanto o homem vive na ignorância, alheio por completo ao mecanismo universal que governa e regula por meio de suas leis os movimentos e atividades da existência animada, comete erros e faltas de toda espécie. Em sua imensa maioria, tais erros e faltas são reparáveis, porém as sanções que saem da órbita jurídica das relações humanas raramente têm uma imediata aplicação; disso se encarrega depois a adversidade, fazendo-o sofrer as consequências.

Não obstante, as leis supremas são justas e magnânimas, e ao mesmo tempo estritas. Concedem ao homem o tempo necessário para reparar suas faltas, primeiro mediante o reconhecimento delas, e depois mediante o esforço tenaz para emendá-las por inteiro. Realizado isto, o perdão surge da própria consciência individual, ao ficar reparada a falta ou o erro. Se tais fatos tivessem atingido seus semelhantes, mesmo assim essa conduta o reabilitaria.

Faustino: — Vossa concepção é originalíssima e supera em alto grau os antigos conceitos. Mas ainda me resta uma dúvida: os seres afetados pelos erros ou faltas de um semelhante não devem, por acaso, perdóá-lo, para que ele possa ficar absolvido?

Preceptor: — Eis aí, precisamente, um fato cuja frequência torna necessário seu esclarecimento. O perdão que comumente é outorgado por quem foi ofendido ou meramente afetado, é sempre ostentoso, fazendo-se sentir geralmente de forma bastante vexatória. Esse perdão,

concedido de uma altura ilusória em que este se coloca, constitui para o perdoado uma verdadeira afronta.

Entre seres evoluídos, o perdão das faltas e erros alheios é uma virtude consubstanciada com o próprio espírito, justo e magnânimo, e, sem necessidade de ser manifestado por um gesto externo, evidencia-se pelo esquecimento do dano que, a juízo de quem perdoa, algum semelhante lhe causou.

Faustino: — Porém, se quem incorresse num deslize não se emendasse depois, nem reconhecesse suas faltas ou erros, que procedimento caberia?

Preceptor: — Convém esgotar sempre todo recurso nobre, para que o ofensor compreenda finalmente seu equívoco; se nada der resultado, sempre resta a discreta retirada da amizade.

Jamais se deverá privar, a quem incorreu em falta, da oportunidade de saná-la, corrigindo sua equivocada atuação. Mas, se não se emendar, por sua conta correrão as conseqüências que venha a enfrentar, que haverão de começar por seu descrédito.

Faustino: — Interessa-me conhecer quais são esses recursos nobres que o senhor mencionou, dos quais se pode lançar mão em tais casos.

Preceptor: — Primeiramente, a paciência e a tolerância que todo comportamento elevado exige. Em segundo lugar, a chamada de atenção, sem alterar a serenidade que essas circunstâncias requerem, nem mostrar as violências das reações que tivessem sido experimentadas.

Faustino: — Resumindo, o senhor poderia me indicar, então, o verdadeiro alcance do perdão?

Preceptor: — De tudo quanto lhe expressei, claramente se conclui que o verdadeiro perdão, aquele que redime, surge da consciência individual, quando quem incorreu em falta ou em erro se emenda.

Esse é o perdão grato aos olhos de Deus, por ser o mais fecundo. Também o é aquele que se evidencia

pelo esquecimento ou pela atenuação que discretamente se faz de uma falta; não assim o que se pronuncia da boca para fora, porque revela incompreensão e mesmo hipocrisia, pois geralmente está subordinado à submissão humilde do perdoado que o aceita.

Diálogo 37

O ENIGMA DA VIDA QUANTO A SEUS PESARES E DESVENTURAS, E MEIOS DE AFASTÁ-LOS.

Preceptor: — É para mim motivo de verdadeira satisfação observar, em cada discípulo, uma marcante aptidão para o esclarecimento de todas aquelas incógnitas impenetráveis para a mente que com elas se depara.

Para lhe dar uma imagem do valor que estes conhecimentos possuem, representemos a Sabedoria como um caminho magistralmente traçado, que cruza rios e montanhas, sobe às alturas, desce aos abismos, interna-se na profunda escuridão dos tempos e atravessa os diáfanos espaços cósmicos da Criação.

No grande e no pequeno, os processos da Natureza e os episódios sem número da Vida Universal se reproduzem à passagem das almas. Tudo fala, pois, à inteligência humana com a prístina pureza de uma linguagem inefável; mas, para entender essa linguagem, deve o homem elevar-se acima das características e condições inferiores de sua espécie. Quando é que ele compreende, porém, que deve fazer isso, e como descobre a existência daquele caminho? Salvo raríssimas exceções, ninguém o sabe. Por outro lado, quando, comovendo os seres em seus pensamentos, se tentou ajudá-los para que se dispusessem a empreender a caminhada, tropeçou-se em obstinadas resistências mentais. E quantas vezes não foi preciso

lutar contra os preconceitos e os conceitos errôneos, admitidos e aderidos a suas vidas como crostas quase impossíveis de desprender?

Constantino: — Não cabe a menor dúvida de que, numa grande parte dos seres, ocorre essa resistência de que o senhor nos fala, umas vezes por ignorância, e outras por esse perpétuo desconfiar que se apodera de nós quando nos equivocamos com frequência quanto ao caminho. Entretanto, no mais recôndito de nosso ser fica sempre uma tênue porém inextinguível chama ou luz, que, embora empalideça com as decepções, se aviva e fulgura quando pressentimos a proximidade daquilo que, sem sabermos ou sabendo pelas metades, estivemos buscando desde que nasceu em nós a ânsia de conhecer tudo quanto existe para além do conhecido.

A propósito das incógnitas, estas começam a nos inquietar, segundo entendo, à medida que avançamos através desse caminho que tão genialmente o senhor nos tem descrito, parecendo-me então até uma necessidade desvendá-las, pois se segue, a cada incógnita que se esclarece, um andar mais ágil e leve de nossa parte, assiste-nos um entusiasmo maior e há muito mais alegria em nossos corações. Devo adicionar que essa alegria, a que me referi, é quase imprescindível para a nossa vida.

Muitas vezes já me perguntei por que experimentamos tantas transições no curso da vida, ora de extrema tristeza, de padecimento, de desgosto, ora de prazer, de alegria ou de felicidade. Suspeito que algo se esconde por detrás disso, algo que, por agora, é para mim uma incógnita. Poderia o senhor satisfazer a essa minha inquietude, que é também uma indagação?

Preceptor: — Com o maior prazer. Preste, pois, muita atenção ao que lhe vou dizer: quando não se toma boa nota de cada um dos atos, episódios ou circunstâncias da

vida, perde-se, em geral, a noção do tempo e, do mesmo modo, o sentido ideal de nossa vida. Daí que, com frequência, vemos uns e outros experimentarem, por turnos, estados depressivos de grande abatimento, ocasionados por contrariedades ou pesares cuja angústia lhes abate o ânimo a ponto de submergi-los, muitas vezes, num incontido desejo de abandono espiritual e físico, que os leva, involuntariamente ou por descuido, ao mais cru pessimismo, à nostalgia ou à rebeldia moral.

Quando o ser sofre, sua razão não atina a encontrar razões que o consolem, e isso lhe causa não pouco abatimento. Como é natural, isso ocorre com aqueles que vivem à margem da realidade consciente, tão mencionada pela Logosofia. Essa realidade consciente, com efeito, é a que permite, em cada emergência aflitiva, situar-nos no mais alto patamar de nossa vida conceitual. Nos aziagos momentos de dor, por exemplo, poderemos nos comover até o enternecimento, mas nunca nos deixaremos levar até o desespero. Faremos, assim, com que nossos sentimentos cumpram sua função exemplar ao manifestarem as angústias do coração, mas entenderemos, simultaneamente, que nos liga ao fato um vínculo moral indestrutível, que jamais deverá ser profanado. Reconfortaremos nosso espírito com a conduta superior do próprio sentir, que nos impõe acatamento e resignação. Deste modo, a vida não ruirá ante o golpe recebido; muito pelo contrário, após o instante supremo da desdita, sobrevirão reflexões conscientes destinadas a restabelecer o equilíbrio psicológico.

É sabido que a alma deve temperar-se nesse vaivém de circunstâncias opostas, para provar suas resistências e vigorizar as fibras do espírito. Se pensarmos nos instantes de felicidade de nossas vidas, fugazes ou prolongados, vamos nos dar conta de

que, durante seu desfrute, sentimos uma plenitude desconhecida, como se a vida mesma tivesse transbordado de nosso ser, fazendo-nos experimentar uma verdadeira sensação de existir, que a consciência prolonga depois na recordação. Nos momentos angustiosos, ao contrário, parece que a vida se desgarra, como se quisesse fugir de nós.

Constantino: — Esse é, precisamente, o grande enigma que mantém em suspenso o coração e a inteligência dos homens. Por que essa vida, que se mostra tão exuberante quando lhe damos felicidade, decai e nos abandona às nossas débeis forças nos momentos de pesar?

Preceptor: — Eu teria muito a dizer sobre este ponto, por serem tão amplos e variados os aspectos que configuram isso que você chamou de “enigma”. Enquanto se expressava, eu via delinear-se em seu rosto, talvez numa contida expressão de amargura, a imagem de uma reprovação à vida, por encerrar ela, a seu juízo, uma atitude cambiante.

Constantino: — O senhor certamente não se equivocou, e penso que essa expressão de amargura resume a de todos meus semelhantes.

Preceptor: — Por conseguinte, chegamos à conclusão de que a vida que anima nosso ser é ingrata, não é verdade?

Constantino: — A julgar pelo comportamento dela nessas duas circunstâncias, parece que sim. Todavia, ante sua pergunta, percebo agora que há algo de injusto em nossa apreciação, ainda que, por mais voltas que dê, eu não saia do atoleiro.

Preceptor: — E não sairá, como não sai ninguém desse labirinto de caprichosas interpretações dos fatos, se a luz do conhecimento não lhe iluminar a mente, fazendo-o compreender o erro. Eu agora lhe perguntaria: é a vida que mostra ingratidão, ou é o seu ser quem se mostra egoísta diante do pesar, enquanto esquece todos os seus instantes de felicidade?

Pretende, por acaso, que essa felicidade lhe pertença sempre? Que méritos invoca?

Se o ser guardasse gratidão por todos os momentos felizes de sua vida, aceitaria o pesar com o sublime e resignado pensamento que inclina a alma ante o poder superior das leis, as quais estabelecem a fixação dos fatos em correspondência exata e direta com as causas que os originam.

Quantas vezes já não vimos seres que professam essa ou aquela religião se rebelarem, e até renegarem a Deus, diante de uma desgraça que consideram injusta? Que consciência têm eles, então, de suas crenças? Nesses momentos, possivelmente, não se dão conta de que pretender acomodar às suas conveniências o que deve estar acima de todas as mesquinharias, egoísmos e demais misérias humanas, é uma temeridade e, de fato, um manifesto estado de inconsciência.

Pois bem; o enigma a que você fez referência, esse mistério que semeia o desconcerto nas mentes desprevenidas, somente é indecifrável para a inconsciência humana, desvinculada por completo do conteúdo da vida, ou seja, do que constitui o valor real de todo o vivido. Não sucede o mesmo quando a vida foi educada na realidade consciente, pois esta se desenvolve atendendo a razões superiores de evolução, que conduzem o ser a examinar e a descobrir os fatores determinantes de muitas causas em aparência inexistentes.

Quando estamos alerta, quando há consciência de cada um dos fatos de nossa própria vida, não podem escapar de nossa penetração os fatores concorrentes à promoção de causas que motivam nossa felicidade ou nosso pesar. Ao conhecê-las, propiciaremos o melhor, acatando de antemão, por nossa vez, os fatos que nos são adversos, cujas causas respondem à Vontade Suprema.

As oscilações entre a felicidade e os pesares costumam, com repetida frequência, restituir o equilíbrio moral, físico e espiritual, alterado pelo relaxamento que, inadvertidamente, é ocasionado pelo prazer demasiadamente consentido. Não obstante, esse equilíbrio é instável, por ser inconsciente. Ao cabo de algum tempo, o ser volta a experimentar novamente o rigor das oscilações. Por isso, insisto que o comedimento ou moderação imposta pela realidade consciente nos evita amiúde ser feridos pelos aguilhões do pesar.

Fica claro, então, que, quando nossa conduta se ajusta a normas superiores de consciência, nós nos evitamos padecer muitos dos males que a inconsciência acarreta, porque neutralizamos esses males e impedimos que se manifestem. Ficarão, então, somente aqueles que obedecem a leis preestabelecidas, os quais, logicamente, se acham acima de nosso poder e de nossa vontade.

Eis então revelado, portanto, o enigma que subjogava você e o mantinha em permanente inquietude.

Diálogo 38

SOBRE O GRANDE “VAZIO” QUE MUITOS TÊM E QUEREM PREENCHER, E O GRANDE “CHEIO” QUE NÃO SE QUER ESVAZIAR.

Maximiliano:— Queria saber por que razão é fácil para alguns a assimilação do conhecimento logosófico, enquanto é tão difícil para outros. Que elementos entram em jogo? Que circunstâncias favorecem a uns e quais preterem ou contrariam a outros? Deve existir, sem dúvida, alguma causa, ignorada por mim, cujo conhecimento me seria grato possuir.

Preceptor: — A verdade é que nem todos recorrem às fontes do saber em igualdade de condições. Não se trata aqui, tampouco, de ter especial importância o fato de que uns sejam mais aptos e outros menos aptos; uma maior aptidão, embora favoreça o ser, não é absolutamente necessária. Ao mencionar a palavra “condições”, quero lhe dizer que me refiro às condições psicológicas, morais e espirituais apresentadas pelos que vêm receber o ensinamento.

Ocorre, então, que muitos se apresentam ante a Sabedoria Logosófica com um grande vazio que anseiam preencher, mas também com um grande cheio que não querem esvaziar. Esse cheio está constituído pelos preconceitos, pela avultada estimação de si mesmo, pelas velhas crenças endurecidas pela rotina, pela impaciência própria da presunção dos que exigem que se lhes fale como se tudo soubessem, e, enfim, por quanto de nada serve aos fins da

superação integral. Ao contrário disso, os que já vêm liberados desse cheio tão tortuoso, ou faltando-lhes pouco para eliminá-lo, assimilam com maior facilidade o conhecimento que lhes é oferecido. Os outros, aqueles que antes de provar o novo manjar psicológico querem que se descreva a origem dele para saber se está composto ou não de elementos por eles conhecidos, certamente se surpreendem e se contrariam ante a originalidade da fórmula, como também ante a presença dos fatores que concorrem para a sua formação, inexplicável para eles, e que constitui, como é lógico, um segredo reservado unicamente aos que demonstrem méritos como credencial para sabê-lo.

Como você pode ver, é árdua a tarefa do conhecimento logosófico: enquanto deve preencher por um lado o vazio, tem que lutar, por outro, até conseguir que cada um se desprenda desse cheio tão difícil de esvaziar; difícil, talvez, por lhe ter sido dada, antes, demasiada importância.

Diálogo 39

SOBRE O ESPAÇO QUE OCUPAMOS E AS PREMÊNCIAS DO TEMPO.

Preceptor: — Todo homem tem um lugar determinado no mundo, que ele ocupa onde quer que se encontre, seja quando caminha, seja quando está parado. Tanto o completo deserdado da fortuna quanto o maior potentado ocuparão exatamente o mesmo espaço sob seus dois pés, mesmo no caso de este último possuir, além de riquezas, enormes extensões. Sobre a terra que pisa, ninguém ocupará mais do que seus pés alcancem. Ninguém poderá tampouco privar seus semelhantes desse espaço, pois nem mesmo os matando conseguirá despojá-los do lugar que seus restos ocuparão.

Flávio: — Embora me seja difícil compreender este ensinamento, percebo sua grandeza. O princípio de igualdade, que eu anteriormente não havia concebido, se apresenta agora ante meus olhos como lei inexorável. Inexorável porque não pode ser burlada, mas que é flexível e benigna quando o homem, regendo-se por ela, procura ampliar seu próprio espaço, a fim de poder mover-se com maior comodidade.

Preceptor: — Muitos, de fato, têm conseguido ampliar esse espaço em extensões próprias; mas acaso isso impede que possamos nos mover em maiores extensões que não sejam necessariamente as nossas? Não é pródiga a Natureza, tanto no espaço considerado como propriedade quanto fora dele? Não é a propriedade, em

relação ao que está fora dela, uma parte imperceptível? Ou será que aquilo que está espalhado por todas as partes, oferecendo-se prodigamente a todos, só pode ser encontrado, dentro de seus domínios, pelos donos dessa extensão, por vasta que seja? Além disso, de que serviria você ter um amplo espaço para comodidade de seus pés e para vaidade pessoal, se o de sua mente é tão estreito que ali mal podem se mover seus próprios pensamentos?

Flávio: — É verdade. Que néscios somos nós ao não nos darmos conta de nossa pequenez mental! É assim mesmo: enquanto nos deixamos levar pelos falsos reflexos do mundo, olvidamos insensatamente a verdadeira função de nossas vidas.

A imensidão, como o senhor tão bem me fez compreender, é o espaço mental do orbe, ao passo que, em relação a este, porém sujeito a fácil medição, está para nossos pés o espaço do mundo. Agora vejo, com toda a clareza, quão mais útil é ampliar meu volume mental e reinar ali onde meu saber triunfe.

Cumprindo o que o senhor, meu preceptor e guia, me havia indicado no sentido de não lhe ocultar o que viesse a experimentar, à medida que me fosse permitido internar nas altas regiões do conhecimento, em direção às quais o senhor me conduz com inigualável mestria, quero expressar-lhe hoje o que às vezes me ocorre, durante estas conversações que tanto saturam minha alma de saber e de inefável bem-estar.

A primeira impressão é a de me estar submergindo na eternidade do tempo. As horas passam sem que eu as sinta, sem que experimente essa angústia — própria de minhas tarefas diárias — pela pressão dos minutos, que me obriga pouco menos que tornar a minha vida algo maquinal. Por outro lado, depois de permanecer algum tempo nas alturas do pensamento, sinto como se de pronto me visse impossibilitado de sequer me manter numa elevação suficiente para não

me sentir enredado nos laços que me vinculam ao mundo material. O senhor pode me explicar a que obedecem essas sensações que com tanta frequência experimento, enquanto realizo o esforço para me superar e alcançar o anelado aperfeiçoamento?

Preceptor: — Você disse muito bem, e suas manifestações implicam uma clara confirmação do processo que com tanta dedicação você vem realizando. O que lhe acontece é natural e lógico, uma vez que as horas não contam ali onde o tempo não é medido como nos cálculos do mundo, ou, melhor ainda, como foi estabelecido para que os seres humanos pudessem governar-se nesse espaço de administração do tempo, computado na estimativa das atividades diárias. Daí a sensação que você experimenta ao notar a diferença substancial entre os momentos que vive no mundo comum, regido por medidas de tempo transitório, e os que vive fora da gravitação das horas físicas, imerso, como já lhe disse, no espaço de tempo onde as horas não contam.

Aprender a viver nesse tempo eterno é conectar-se à eternidade mesma. Enquanto o tempo comum é mortal, porque torna a vida mecânica e a esteriliza, o outro, ao não estreitá-la dentro do círculo das horas, jamais perece. Você pode cumprir, pois, os tempos das horas, próprios de suas ocupações diárias, com toda a naturalidade, a fim de satisfazer as necessidades requeridas pela própria existência, mas isso não impede que, por sobre o tempo das horas, você viva também aquele que o faz experimentar a sublime sensação de existir sem o suplício dos laços que tanto angustiam o espírito humano.

No caso de sua inteligência não captar o conteúdo deste ensinamento, adicionarei, para que você melhor o compreenda, que as mil necessidades que pressionam o homem em sua vida cotidiana podem ser aliviadas, e até diminuídas ao máximo, se for outro o conteúdo de sua existência. Um empre-

gado que vê com horror se aproximarem as datas do pagamento de suas dívidas, por exemplo, sem perspectivas de solucionar a situação que a ele se apresentará ao chegar o instante dos vencimentos, pode muito bem remediar essas pressões, promovidas pelo tempo das horas, se decididamente se propuser adiantar-se ao tempo. Na medida em que as funções de sua inteligência consigam cumprir melhor seu papel, com toda a segurança seu porvir irá mudando, até chegar a produzir-lhe alegria o que antes lhe causava horror ou tristeza, pois cada vez irá recebendo mais do que antes deveria dispor para honrar compromissos de diversa natureza. Se você aplicar este simples princípio a todas as demais situações, verá quanta razão assiste à verdade que vos estou expondo.

A vida humana é, pois, como um edifício em construção: de cada um depende saber ou não como continuá-lo, e que aspecto ele terá uma vez terminado. De ninguém mais além de nós depende, também, aprender a desfrutar dentro dele o maior conforto e felicidade.

O jovem que contrai matrimônio sabe, porventura, como será seu lar no futuro? Pensou nisso, por acaso? Não. E menos ainda sabe como serão seus filhos, nem que sorte terão. Eis uma incógnita que não parece preocupar grande coisa as gerações de nosso tempo. Mas você, que se afastou dessa indiferença perniciosa que tanto cega o entendimento humano, já tem as primeiras noções, e também as segundas, sobre este importante assunto, tão diretamente vinculado à consciência dos seres. Faça, pois, com minhas palavras, uma tocha luminosa que ilumine seu caminho. Deste modo, e sabendo onde pôr os pés, você afastará cuidadosamente tudo quanto possa obstaculizar seu empenho ou prejudicar sua firme resolução de caminhar para a frente.

Diálogo 40

COMO SE PODE MUDAR A VIDA, ENRIQUECENDO-A COM CONHECIMENTOS QUE A ENOBREÇAM E A TORNEM FECUNDA.

Néstor: — Diante do fato de não poder remediar meu caráter e minhas modalidades, acentuadas desde a infância, sinto uma inquietude inexplicável, que me leva a exclamar com frequência: “Por que sou o que sou!” Como poderia eu resolver este problema?

Preceptor: — Você é tal como é porque não houve mudanças conscientes em sua vida, originados de um processo que modificasse completamente seu modo de ser, isto é, suas características psicológicas e seu temperamento moral e volitivo. Muitos seguem sendo o que são até o final de seus dias, ignorando a existência em si mesmos de tão extraordinária potência transformadora e assimiladora.

A árvore é como é porque não tem consciência de seu poder fertilizante, nem de sua condição de existência animada. Carente de mobilidade, ela nasce, vive e morre no mesmo lugar, e só é sensível às mudanças de estação ou aos fatores que contrariam a normalidade de suas funções naturais. O animal a sobrepuja por sua organização biológica e suas possibilidades de movimento e configuração instintiva; porém, ao não conter em si possibilidades conscientes, cumpre o mesmo destino prefixado para sua espécie. O ser humano, por sua própria vontade e inteligência, pode, ao contrário, transformar sua vida,

superar sua própria espécie e alcançar, pela evolução consciente, os graus mais altos da perfeição, meta ideal em cuja cúspide a alma encontra desvelados para si os mistérios que antes a preocuparam e que, por serem indecifráveis para a inteligência comum, a mantiveram na ignorância, sem conhecer, e muito menos compreender, o Pensamento Criador de toda a existência universal. Mas esse poder permanece latente, isto é, sem possibilidade de manifestação dentro do ser, enquanto não tome contato com uma força superior que o desperte do letargo interno.

Néstor: — Seu esclarecimento é realmente luminoso, e graças a ele compreendo agora o porquê de muitas coisas que eu antes não me explicava. Mas fica, ainda, um ponto obscuro: essa força superior a que o senhor aludiu, em que consiste?

Preceptor: — Força superior é a que emana de inteligências supersensíveis, assistidas pela Lei da Sabedoria e facultadas para promover, em outras, fases de conveniente desenvolvimento, em ordenadas e pacientes aprendizagens.

Como ia dizendo, o ser, despertado para realidades da índole citada, sente — e deve senti-lo por imperiosa lei de frequência e de colocação — que se acendem nele novas luzes. São elas, pois, que deverão de iluminar-lhe o caminho, permitindo-lhe descobrir dentro de si mesmo possibilidades de um tipo diferente.

Ao conectar-se à força superior a que me referi, serão despertadas, por lógica gravitação de sua influência, as potências adormecidas do entendimento. Isso ocorrerá à medida que o processo transformador se vá realizando, e que a consciência se afirme numa fase plenamente evolutiva, não esquecendo que “Quem quiser chegar a ser o que não é deverá principiar por não ser o que é”, como adverte o princípio logosófico.

No seu caso, você é assim como é porque conformou sua vida a esse “assim como é”. Anteriormente, não existia em você uma orientação definida, como a que agora tem, que lhe permitisse deixar de ser aquele que se interroga no degrau da dúvida, para ser aquele que se responde no do saber.

Deixar de ser é deixar de existir, chame-se a essa existência de ser vivente, estado psicológico, estado de consciência, de coisa, de tempo ou de lugar; é fechar um capítulo da existência para abrir outro, no qual se começa a ser de outro modo.

Fácil lhe será compreender, agora, que dizer “Por que sou o que sou!” vale tanto como dizer: “Ainda não tentei ser outra coisa”. Muito prontamente, porém, você deixará de ser o que é, se se propuser mudar as velhas modalidades por outras novas e melhores, e, sobretudo, se começar a viver uma vida de enriquecimento moral, intelectual e psicológico capaz de mudar a anterior, que, ao que parece, já não satisfaz a seu entendimento.

Diálogo 41

A LENDA “A ALMA E A CHAVE”.

Preceptor: — Hoje temos um dia plácido e sereno, um dia que convida a recrear nossos pensamentos, a levá-los a passeio.

Dalmácio: — Eu preferiria que o senhor nos oferecesse um dos tantos ensinamentos que, a modo de lenda, costuma nos apresentar. Animados pela maneira peculiar como o senhor os narra, eles nos dão a impressão de estarmos nós mesmos encarnando os personagens que atuam em cada uma das imagens descritas por seu singular talento.

Preceptor: — Não está mal o que você acaba de sugerir, e vou satisfazê-lo. De qualquer forma, haverá excursão e regozijo para os pensamentos que me seguirem durante esse voo mental. Vejamos se no arcano de minhas recordações encontro algo interessante. Vamos ver?... Sim: eis agora uma lenda que lhe haverá de ser muito sugestiva: “A alma e a chave”.

Conta-se que há milhares de anos existiu um grande templo, construído, ao que parece, mais pelos anjos do que pelos homens. Ninguém sabia com certeza o lugar onde ele se situava, mas muitos asseguravam tê-lo visto e penetrado nele. Este relato provém de um ancião que, ao dá-lo a conhecer às pessoas mais achegadas, fez com que ele se estendesse prodigiosamente através das gerações.

Pois bem; diz a lenda que o referido personagem era oficiante do misterioso templo, dentro do qual cumpria a função de “estrela”. Dava-se este nome aos que atuavam como observadores; deviam permanecer ali imóveis, como as estrelas do firmamento, fixos os olhos sobre tudo o que viam e com os ouvidos atentos a tudo o que escutavam. Olhavam sem pestanejar, como se estivessem contemplando o infinito. Nesse templo, assegura a versão, custodiadas pelas grandes eminências do espírito, achavam-se depositadas as mais altas verdades universais. Uma névoa de escassa densidade envolvia as naves do templo nos chamados dias de ritual, dando aos oficiantes o aspecto de seres etéreos, incorpóreos.

Numa daquelas ocasiões, o ancião viu de repente uma mulher, uma alma, que, atraída quem sabe por que força estranha, conseguiu descobrir o templo, penetrando em seu interior para pedir uma graça. Viu também adiantar-se até ela o hierofante, o qual, sem dar atenção às expressões da recém-chegada, conduziu-a por entre as colunas da nave central até um vasto recinto. Segundo ele, parecia uma alma que havia sofrido muito. Esboçavam-se em seu rosto evidentes ânsias de liberação; vinha de um mundo perturbado, onde era já quase impossível seguir vivendo.

Refeita finalmente de suas primeiras impressões e estimulada pelo bondoso olhar do hierofante, começou a formular-lhe numerosas perguntas, às quais ele não respondia. Como insistisse, foi levada a uma cela escura. Ali, de uma janelinha, a alma percebeu uma voz que, em silêncio, lhe dizia:

— Não pergunteis neste lugar sobre coisas de vosso mundo; só podereis saber aqui acerca daquelas que são deste outro mundo, dentro do qual vos encontráis. Deixai, pois, vossas aflições e tratai de viver uma nova vida, com paciência e com saber.

Foi esse o grande ensinamento que começou a lhe infundir paz.

Pouco tempo bastou para que a alma ressurgisse de sua profunda escuridão. À medida que experimentava sensações de felicidade cada vez mais incontidas, tudo se ia iluminando suavemente a seu redor. Pôde comprovar, assim, com grande assombro, que não se achava dentro de uma cela, como sentiu e pensou ao ver-se conduzida para o lugar onde agora se encontrava.

O hierofante, observando a mudança produzida nela, aproximou-se e lhe disse:

— Essa cela em que acreditáveis estar, era o que oprimia vossa vida, encerrando-a numa aflitiva limitação. Nela não havia luz, porque era muito profunda a escuridão de vossa mente. Mas, com grande surpresa, pudestes ver, ao receber o primeiro conhecimento, que já não estáveis dentro dessa cela escura, como supusestes. Silenciada por fim vossa mente, acalmada vossa agitação, podeis agora ver, escutar e compreender melhor.

Enquanto isto lhe dizia, iam ambos caminhando pelo templo através da névoa. De repente, a alma se deteve e perguntou ao hierofante:

— Por que tendes o rosto coberto, que ainda não pude vê-lo?

— Porque as fisionomias não vos devem distrair. No caso, quem vos fala é meu espírito, e vossos ouvidos o escutam, que é o importante. Porventura viestes aqui para satisfazer vossa curiosidade ou para vos iluminar com o saber? No mundo do qual provindes, todos vivem para o externo; neste outro, deveis aprender a viver para o interno.

A alma, mais que ouvir, sentiu a repreensão e compreendeu o ensinamento.

Enquanto falavam, passando por diversas portas, chegaram diante de um grande cofre, dentro do qual — assegura a lenda — se achavam depositados os mais estimáveis segredos da Criação. O hierofante abriu-o lentamente. Em seguida, dirigindo-se à alma, expressou-lhe com voz grave:

— Olhai!...

— Louvado seja Deus! — exclamou ela, sem compreender, mas deslumbrada com o encanto do mistério.

Elevando-se do cofre, uma tênue nuvem, ao condensar-se, ia caindo sobre eles como uma chuva miúda, quase impalpável. Ao mesmo tempo, o hierofante explicava algo sobre a formação dos mundos. Finalmente, expressou:

— Esta água insubstancial que sentis cair sobre vós é a mesma que há séculos vem umedecendo a alma dos homens. É o sinal que enlaça o divino com o humano, porque sela o pacto que estabelece a permanência da espécie na qual Deus pôs o melhor de sua Criação, ao fazê-la à Sua imagem e semelhança.

Este e outros ensinamentos, elevados à categoria dos grandes conhecimentos, foram dados àquela alma, que experimentava a sensação de que tudo quanto via e ouvia se tivesse desenvolvido através de um tempo muito longo, impossível de calcular.

Passados alguns instantes, o hierofante fez sinal à alma de que ela deveria retirar-se e voltar a seu mundo. Com palavras, acrescentou:

— Haveis penetrado neste templo e eu vos permiti ver e escutar coisas muito grandes. Levai-as convosco e guardai-as em vosso coração, que é também um cofre como o que vistes aqui. Fechai-o à chave e, antes de sair deste lugar, atirai-a dentro do templo; ou, se tendes ânimo para tanto, ide com ela. Adotando a primeira opção, já sabereis onde encontrá-la se alguma vez necessitardes abri-lo; mas, se a levardes convosco, não a entregueis a ninguém, pois outros, cobiçando vosso saber, vos farão perder o que agora vos pertence. Que nunca vos ocorra abri-lo diante de olhos indiscretos, porque a verdade oculta nesse mistério se evaporaria no mesmo instante. Não é uma ordem o que vos dou; é uma advertência, um conselho. Atirai a chave agora, ou, se preferirdes, levai-a convosco. Ela é simbólica, mas tão real como as que abrem as portas mais inacessíveis.

Com a chave nas mãos — conclui a lenda —, a alma chegou até as portas daquele grandioso templo. Ali, sustentou uma tremenda luta contra os pensamentos que lhe pretendiam arrebatá-la, induzindo-a à indiscrição. Ante o temor de perder tudo quanto levava, estendendo lentamente o braço direito, abriu a mão. Deixou por fim cair a chave e, fechando a porta atrás de si, plena de felicidade, partiu em seguida.

Dalmácio: — Bela lenda, cujas imagens, traduzidas à linguagem de nossa compreensão, expressam ensinamentos cabais e instrutivos. Entendo que devemos estar sempre atentos a tudo o que ocorre ao nosso redor, para sermos testemunhas conscientes de nossos atos, sobretudo dos que mais interessam ao juízo da posteridade, essa posteridade que, como bem expressou o senhor certa vez, vivemos constantemente, ao julgar nossos atos de ontem. A alma que penetrou no templo é aquela que, enfasiada com os artifícios do mundo, busca as realidades de uma vida melhor. A opressão de sua ignorância, que lhe parecia uma cela estreita, desapareceu ao saber que existem outras formas de ser, de sentir a vida, com as prerrogativas inestimáveis de poder ser mais útil e capaz de servir com acerto à humanidade.

Preceptor: — Muito atinadas as suas reflexões. Você pode ver como toda lenda tem um fundo de verdade que, ao ser descoberto, prodigaliza novas luzes à inteligência.

Dalmácio: — Eu entendo assim, efetivamente. Só a parte final ficou menos acessível para mim. A chave simbólica aludida na lenda me incita a pedir sua ajuda para saber seu significado.

Preceptor: — A chave é a discricção. Ela fecha os ferrolhos invioláveis da honradez espiritual e preserva o ser dos extravios da inconsciência. Ninguém entrega, por exemplo, as chaves de sua própria casa a mãos estranhas, sem se expor a sofrer as consequências da pilhagem e de outras ações ainda mais graves.

Diálogo 42

*POR QUE OS CONHECIMENTOS TRANSCENDENTES,
COMO OS GRANDES VALORES, DEVEM SER
USADOS DISCRETAMENTE.*

Bernardino: — Sendo uma verdade muitíssimo comprovada que os conhecimentos logosóficos têm um tão grande valor para a vida, por que não dá-los a conhecer a todo o mundo, para que a humanidade possa beneficiar-se com eles sem demora?

Preceptor: — À primeira vista, tudo parece possível, mas, com pouco que nos internemos no problema, veremos que, antes de lançar uma verdade pelo mundo, é necessário pensar em muitas coisas. As palavras — não esqueçamos isto — de certo modo se assemelham ao dinheiro: há aquelas de grande valor e há também as de escassa importância. Assim, os termos vulgares passam com suma rapidez de boca em boca, como passam de mão em mão as moedas de pouco valor. Não ocorre o mesmo com as cédulas de alto valor; estas não aparecem em público tão habitualmente, permanecendo bem custodiadas, como de costume, em suas mansões de aço.

As palavras do saber, pronunciadas pelos que possuem o conhecimento, só circulam, como os valores monetários elevados, quando se trata de assuntos importantes, o que, em geral, acontece entre o selecionado número dos que sabem dispor delas com discrição, sem jamais dissipá-las.

Repartir sem medida os valores do conhecimento logosófico seria o mesmo que distribuir inesperadamente uma imensa fortuna, sem levar em conta quais pessoas a recebem. Você faz ideia do que aconteceria?

Bernardino: — Sim. Ela seria malgastada sem proveito.

Preceptor: — Exatamente. Em pouco tempo, e por não a terem sabido usar, os favorecidos se encontrariam nas mesmas condições anteriores. Você pode ver que não é questão de divulgar um conhecimento de tanta transcendência aos quatro cantos do globo. Isso deverá ser feito, é certo, mas seguindo o mesmo processo requerido por todas as coisas que não haverão de malograr, isto é, começando por propiciar em uns poucos a assimilação de tal conhecimento, para depois aumentar ilimitadamente seu número, conforme se vá tornando familiar nos diversos ambientes em que é aceito e adotado.

Diálogo 43

*NECESSIDADE DE MANTER O CAMPO MENTAL
LIVRE DE IMPUREZAS PARA QUE SUA PRODUÇÃO
SEJA EXUBERANTE E VALIOSA.*

Victoriano: — Quando falo com certas pessoas, costuma impressionar-me a teimosia mental que elas manifestam para admitir como possível algum fato ou conhecimento novo. Fecham-se para toda reflexão, como se temessem perder o que têm ou cometer algum delito. Isso ocorre com maior frequência precisamente com as pessoas que parecem ilustradas, ou pelo menos com capacidade, experiência e saber muito superiores ao da gente. Que explicação caberia para esta espécie de ortodoxia mental que torna irreduzível e intemperante o caráter desses seres?

Preceptor: — As habitações que permanecem fechadas à luz do sol e ao contato com o ar tornam-se sombrias, úmidas e inabitáveis. A mesma imagem você pode aplicar àqueles que, com incurável obstinação, mantêm fechadas as janelas de suas mentes à luz vivificante do saber universal, preferindo se insurgir com alta-neira insolência contra o que lhes é desconhecido, pela mera razão de não pertencer aos domínios de sua pretensa sapiência. Os pensamentos que informam sobre os novos conhecimentos não podem, pois, cumprir missão nenhuma ali onde são rechaçados. Tampouco poderiam respirar o “ar” viciado por preconceitos, que torna mais densa a escuridão mental desse tipo de seres.

Diferente é o caso de quem escuta notícias sobre o que não sabe, abrindo sua mente e deixando que a luz do conhecimento a ilumine, já que dá a sensação de que todo o seu âmbito mental se oxigena e se torna respirável.

Há também os que recebem o novo pensamento com desconfiança, o que os faz ver, e ainda entender, como se fosse falso o que ele leva consigo, ou como se tivesse alguma intenção avessa; se tal suscetibilidade persiste, o pensamento volta à sua fonte de origem, sempre disposto a visitar aquelas mentes que o acolham com menos ou nenhuma prevenção.

Poderia mencionar, por fim, aqueles casos em que a mente do ser que o recebe desfruta desse pensamento durante um tempo, saboreando sua ação benéfica, e depois parece desinteressar-se dele. Isto ocorre por não ter sido constante nos empenhos, abandonando-se nos braços da inércia. Ante essa situação, ausenta-se o pensamento, por se tornar insuportável sua permanência ali onde não pode cumprir sua missão de iluminar a inteligência e enriquecer a vida daquele que o hospedara.

Poderíamos representar esse fato com a imagem do lavrador que, após sua primeira colheita, se entrega à ociosidade até consumir todo o ganho obtido. Seu campo, antes cultivado, se encherá de ervas daninhas, que depois lhe custará um bom trabalho extirpar, fazendo com que uma nova sementeira sofra, indubitavelmente, os efeitos daquele abandono. Não acontece a mesma coisa com quem sempre mantém seu campo em excelentes condições, pois obterá de cada sementeira, indiscutivelmente, os melhores rendimentos.

Aqui, é oportuno dizer que nada existe de mais propenso a encher-se de ervas daninhas psicológicas — preconceitos, falsos conceitos, crenças absurdas, ideias arbitrárias, inibições, etc. — do que o campo

mental, por serem muito poucos os que cuidam suficientemente dele. Por tal causa, vão parar ali todas as sementes que voam pelos ambientes mentais, sendo justamente as más as que se enraízam e se alastram com maior facilidade, dando origem a pragas — ideologias extremistas — que causam depois imenso dano à humanidade. Diferente disso, a boa semente requer ser cultivada em terra trabalhada, extirpando o mato à sua volta e melhorando cada cultivo com uma rigorosa seleção, para que a semente ofereça, mais tarde, o maior rendimento.

Diálogo 44

O SER QUE TODOS NÓS TEMOS ESQUECIDO, EM QUEM NINGUÉM PENSA, APESAR DE CONSTITUIR ALGO ESSENCIAL PARA NOSSA VIDA.

Anastásio: — O senhor poderia me apontar algo que me fizesse pensar sobre aquilo que ainda não me tivesse ocorrido?

Preceptor: — São muitos, na verdade, os pontos que eu poderia abordar, sabendo de antemão que não constituíram preocupação nem foram motivo de cogitação alguma de sua parte. Posso satisfazê-lo facilmente. Escute.

Existe um ser a quem todos, sem exceção, têm esquecido; se foi recordado uma vez ou outra, foi de forma circunstancial, mas essa recordação fugaz não cumpre o objetivo que vou assinalar, razão pela qual me sinto movido a declarar seu geral esquecimento. Esse ser é a criança que cada um de nós foi, que nos proporcionou os melhores dias da existência e a quem, poderíamos dizer, devemos grande parte do que agora somos.

Anastásio: — É verdade. Nossa recordação projeta somente uma ou outra travessura de vez em quando, e, ainda assim, isto ocorre mais de forma involuntária. Penso que, como as idades se sucedem, os pensamentos de cada uma delas nos fazem esquecer as anteriores.

Preceptor: — Podemos pensar, se assim você quiser, que o adulto é a continuação da criança, mas no que nunca se pensa é que a criança morre no momento em que nasce o homem. Agora, eu lhe pergunto: quais são os que recordam a criança morta? Durante seus dias

maduros, quais os que tributam a homenagem de seus sentimentos a essa criança que só vimos com os olhos da inocência? No entanto, quanto suaviza os duros transe da vida a evocação dessa terna idade, sobretudo quando devemos cruzar caminhos eivados de perigos!

Quem pensa nessa criança e a contempla através de suas recordações, observando-a em suas brincadeiras, em seus pensamentos, em suas inclinações e em sua inocência, verá quanto tem a aprender com ela e quanto lhe deve; mais ainda: quanto deveria conservar daquele pequeno ser para que hoje, grande em tamanho e em idade, lhe seja permitido pelo menos experimentar algumas daquelas inocentes, porém gratas sensações que deram à sua vida as melhores horas.

Seria bom que cada um recordasse essa criança, a que foi, a que morreu. Que a recordasse muito, porque nessa recordação vai implícito o enlace da atual existência com a que se foi, pois o esquecimento destrói não só o vínculo que as une, mas também a própria sensibilidade.

São muitas as reflexões que acodem à mente quando a recordação converge para a criança; mas é necessário evocá-la com frequência, para que nos inspire coisas sobre as quais até aqui não havíamos pensado.

Se esquecemos nossa própria criança, aquela que morreu, cometemos com isso, talvez sem querer, um crime simbólico: morrerá também o jovem e, sucessivamente, o que somos ou fomos em cada idade. Assim se irá esfumando no esquecimento e, sem que a sintamos, morrerá em nós, lentamente, toda a nossa vida.

Diálogo 45

EXPLICAÇÃO SOBRE OS SONHOS.

Saul: — Faz tempo que se vem acentuando em mim uma viva ansiedade por conhecer o fundo real dos sonhos, isto é, a função que desempenham na vida humana e a importância que lhes devemos atribuir no conjunto de nossas experiências.

Preceptor: — Este é um assunto que requer suma prudência, pois devemos ter bem presente que os sonhos não estão sujeitos a nenhuma comprovação externa, e ficamos tão somente com a referência que sobre eles nos é feita. Quem narra um sonho, por exemplo, não pode afirmar que o faz com exatidão. A imaginação inter-vém nesses casos com suma frequência, para suprir as partes não lembradas ou para dar maior força ao que se acreditou sonhar. Por ora, classifiquemos os sonhos em duas configurações diferentes: os lúcidos e os confusos, sendo os primeiros muito menos frequentes que os últimos.

É a faculdade do sonho a única da mente que atua enquanto o ser dorme; as demais, todas elas, descansam. Sem dúvida alguma, ela é a válvula de desafoço psíquico que permite, sem desequilibrar o sistema mental, descongestionar a mente da aglomeração de pensamentos que atuaram durante a vigília, atraídos quase sempre pelas situações difíceis ou consultados sobre a forma de encará-las.

Mais de uma vez, o alívio mental operado durante o sonho traz, ao despertar, as soluções que em vão a inteligência se esforçou por encontrar durante o dia. Há vezes, por outro lado, em que o sonhado se mostra inexplicável, pela incoerência, desfiguração ou qualidade dos episódios recordados. Isso é devido ao fato de que a faculdade do sonho atua à margem da consciência e sem que a inteligência intervenha no seu funcionamento. Poder-se-ia muito bem dizer que é uma faculdade louca; não obstante isso, nunca transtornou o juízo de ninguém. Por outra parte, quando o ser evolui, consegue discipliná-la e ainda usá-la conscientemente.

Saul: — Sua explicação é por demais original, instrutiva e clara. O senhor poderia dar mais alguns elementos que me ilustrassem sobre a forma de usar conscientemente essa faculdade?

Preceptor: — Não. Por agora você deve se conformar com o que lhe dei, que é muito. Não faltará oportunidade, no futuro, para falarmos sobre esse ponto. Ademais, ao me propor o tema dos sonhos, você teve algum motivo especial que o preocupava, não é assim?

Saul: — É verdade. Se me permite, vou lhe relatar um sonho que tive há pouco tempo, e que bem poderia ser catalogado entre os lúcidos, a julgar pela nitidez com que o tenho recordado. Devo antes lhe dizer que, durante a véspera, eu me senti agitado e violento, devido a contrariedades surgidas de meus afazeres e de minha vida familiar. Eu me vi, então, em sonhos, como se estivesse em uma imensa selva onde monstros de gargantas repugnantes e olhares terríveis, semelhantes a sapos gigantescos, se aproximavam para me lambar o corpo estremecido de espanto. De repente, internando-me mais na selva, escurecida por uma espessa mata, senti-me perseguido por fantasmas e demônios de longos braços descarnados, que parecia estarem a ponto de tocar-me, enquanto eu fazia

inúteis esforços para fugir. As tétricas sombras interceptavam meus passos sem cessar, dizendo-me: “Não fuja; venha divertir-se conosco, assustando os pobres espíritos que se extraviam por estes lugares!”

Repentinamente, senti que me enlaçavam um pé, prendendo-o fortemente; olhei e vi uma planta semelhante a um polvo, que me tinha aprisionado com um dos tentáculos, e dois olhos fixos, de olhar irresistível, que estavam cravados em mim, enquanto eu experimentava algo assim como se estivessem sugando minha vida, que pouco a pouco sentia desfalecer. Voltando a mim, vi-me passeando alegremente num vale cheio de flores, respirando com profundo alívio, como se o outro episódio tivesse sido um sonho, e este agora fosse verdade; e dizia para mim mesmo: “Graças, meu Deus, porque tudo foi um sonho!” Porém, ao me dispor a descansar uns instantes sobre a relva florida e macia, tremendas víboras com pescoço de girafa, umas com cabeça de caprino macho com cornos pontiagudos, e outras de javalis de dentes afiados e crinas encrespadas, apareceram como por encanto, obedecendo, talvez, a alguma invocação maligna. Senhor, que sobressalto! Tudo se transformou de repente num viveiro infernal de monstros horripilantes, que me cercavam para devorar-me. E o pior: minhas pernas, entorpecidas, não obedeciam a meus fortes desejos de correr. Não obstante, caminhei alguns passos, como pude. Inesperadamente, meu pé direito afundou num buraco, transformado rapidamente em profunda cova; nesse momento, correu na minha direção, lançando gritos aterrorizantes, toda aquela legião de espantalhos, como que se dispusessem a disputar a presa que era eu. Senti-me afundar cada vez mais, até que corpo e tudo o mais se misturou com a terra fofa, cobrindo-me integralmente, e, quase sem respirar, apareci no meio de uma grande cidade, que me era familiar, percorrendo lugares

onde havia pessoas que falavam de mim. Eu as ouvia, porém elas não me viam. Observando-as, vi que, enquanto umas me recordavam com carinho, outras diziam muitas coisas más ao se referirem à minha pessoa, e vi os pensamentos que iam de uma mente a outra, ocultando-se sob mantos sutis, que, compreendi, eram da hipocrisia e da mentira.

Andando a esmo, fui depois por outros lugares e cheguei a uma velha casa; nela havia um menino, parecido comigo quando pequeno. Enternecido, aproximei-me para beijá-lo, mas ele se assustou e começou a chorar, até que vieram seus pais, cujos rostos não me foi dado ver, pois me sucedia o que ocorre com aqueles em quem nunca fixamos o olhar, por motivo de os vermos muito habitualmente.

Quando o menino foi para a cama e dormiu, vi um ser parecido com um anjo acercar-se dele e, ocultando-o de minha vista com seu tênuê manto, dizia-lhe coisas que eram para mim como reminiscências de algo que ouvira ou vivera havia muito tempo, sem poder definir quando nem em que circunstância. Notei que o menino se tornava resplandecente, e que as coisas que dizia não correspondiam à sua idade, sendo mais de almas adultas, o que me enchia de admiração, ao mesmo tempo que de temor.

Quando o anjo partiu, fiquei extasiado contemplando o menino, até sentir que sua respiração era a minha e que eu mesmo era aquele menino. Quando por fim ele abriu os olhos, vi através deles suas prendas, reconhecendo nelas as que eu mesmo havia usado; e vi também muitas outras coisas que me tinham sido queridas; mas o pranto me turbou e experimentei um grande desconsolo.

Um movimento brusco convulsionou todo o meu ser e, como se tivesse asas, transportei-me até uma vasta propriedade, onde havia um castelo rodeado de

parques e bosques frondosos. Penetrei nele e pude ver que, ao redor de uma ampla mesa, um grande número de pessoas merendava, aparentemente convidadas. Embora soubesse que estavam ali presentes os donos da casa, não me foi possível localizá-los. Vaguei de um ponto a outro do palácio, parecendo fazer muito tempo que eu ali me encontrava.

Um gorjeio de risos me atraiu até uns originais arbustos, ao redor dos quais corriam graciosamente algumas crianças entretidas em suas brincadeiras favoritas. Detive-me por breves instantes a contemplá-las, quando, suspenso por uma suave brisa, me senti transportado até o mesmo lugar onde havia começado meu sonho, mas com uma diferença: em vez de monstros, mansos animais povoavam a selva.

O ruído inesperado de uma porta, ao se fechar, interrompeu meu sonho. Desperto, ainda me sentia angustiado e palpitante.

Preceptor: — Vou lhe dar a interpretação do que você me expôs. Os monstros de tenebroso aspecto e de línguas deitando baba que lhe apareceram, são aqueles pensamentos de origem pervertida que perambulam pelo mundo em busca de vítimas, que eles logo convertem em instrumentos de suas mais impiedosas e inqualificáveis crueldades. Os pensamentos de crime, por exemplo, depois de consumados os planos sinistros que elaboram nas mentes propícias, abandonam estas mentes e vão em busca de outras onde colocar seu veneno. E se em sua passagem encontram alguém que nesse instante tenha um momento de debilidade, penetram de improviso em sua mente e lutam até turbar sua razão e apoderar-se da vítima, para fazê-la cometer um desatino, de proporções nem sempre fáceis de prever ou calcular.

Esses outros fantasmas ou demônios, cujos braços descarnados queriam agarrá-lo, são pensamentos de vício que perseguem os seres por toda parte, intercep-

tando-lhes os passos, a fim de atrair a atenção de suas mentes para fins mesquinhos e repudiáveis, tratando de subjugar sua vontade enquanto avivam na imaginação ideias fascinantes e de aspectos passionais.

A visão da planta que se assemelhava a um polvo simboliza aqueles pensamentos dissimulados que costumam introduzir-se nas mentes, trabalhando até obcecá-las com alguma ideia falsa que, ao fixar-se junto à imaginação, perturba de tal modo os seres possuídos por ela, que estes não se adertem da sucção constante desse monstro, o qual, se não for eliminado, acaba por lhes consumir a existência.

A passagem do passeio pelo vale representa o homem nesses momentos de aparente calma em que, confiando demasiadamente em si mesmo, deixa vagar seus pensamentos favoritos e descuida de sua mente. Logo o assaltam pensamentos de uma ou outra índole, afins com suas preocupações cotidianas, que se misturam a outros de pior espécie, ameaçadores e ansiosos por investir, se o veem desprevenido. Assim é como chegam às vezes a bloquear de tal forma a razão e a inteligência, que o ser, pode-se dizer, se acha à mercê deles e não atina a ir para a frente nem para trás, até que consiga se safar de tão delicada e difícil situação ou que sobrevenha sua derrocada moral e civil, representada em seu sonho pela queda no buraco ou cova; uma vez caído, todos se lançam sobre ele, como essa legião de monstros ferozes que você viu. Depois, o que sempre ocorre quando desaparece uma pessoa: seus parentes, conhecidos e amigos se entregam a um mar de comentários, favoráveis ou adversos, como os que foram escutados naquela grande cidade e que pareciam referir-se a você, a julgar pelo que aquelas pessoas diziam, umas insensatamente e outras com sentido afeto.

Você foi depois a um lugar que lhe pareceu familiar, onde havia uma velha casa. Nela, viu um menino

semelhante a você quando pequeno, o qual, quando você tentou acariciá-lo, se assustou e começou a chorar. Ouvindo-o, vieram seus pais, cujos rostos você não pôde ver, porque não é permitido, pois o rosto do pai ou da mãe é um só através de todos os ciclos da evolução humana.

É o que posso lhe dizer, até aqui, sobre seu estranho sonho; mas de nada lhe valerá saber estas coisas, se sua evolução não estiver à altura exigida por toda consciência superada.

Saul: — Considero sumamente interessante tudo quanto o senhor expressou; porém, suas últimas palavras me deixaram algo confuso. Não entendo, na verdade, por que não me será útil saber desses aspectos tão valiosos que o senhor me deu a conhecer sobre os sonhos.

Preceptor: — Porque todos os conhecimentos transcendentais se relacionam entre si e até se explicam, ao se completarem uns com os outros, enquanto que, quando são adquiridos isoladamente, perdem muito de sua força vital, ainda que sempre sirvam, naturalmente, como ilustração, até que sejam incorporados definitivamente ao acervo individual.

Diálogo 46

SOBRE CERTA DEFICIÊNCIA DAS MENTES NÃO CULTIVADAS, QUE AS ASSEMELHA AOS ANTIGOS FONÓGRAFOS.

Victorino: — Por que razão a mente de muitas pessoas de escassa cultura é semelhante a um daqueles fonógrafos do começo do século,* tão chiantes quanto insuportáveis? Pode-se dizer que, em tais seres, até a própria boca parece às vezes transformar-se naquele largo cornetão de lata de primitiva fabricação.

Preceptor: — A pessoa inculta, ou de pobre ilustração, tem o costume inveterado de repetir centenas de vezes tudo o que a impressiona vivamente, e já sabemos que é mais por impressão do que pelo entendimento que capta tudo quanto escuta ou sente. Assim é como ficam impressos, na sua membrana mental, mexericos e episódios que, por sua índole, lhe servem às mil maravilhas de assunto para falatório inútil.

Gravados os discos mentais com o que ocorreu a este ou com o que aquele disse, em seguida são postos a tocar insistentemente, até constituírem um verdadeiro pesadelo; e se recordarmos o que acontece com os discos arranhados ou gastos, teremos uma semelhança realmente incomparável.

No tempo do fonógrafo, muitos punham sempre o mesmo disco, por falta de recursos para adquirir outros. O mesmo acontece com os seres a quem nos

* N.T.: A primeira edição desta obra é de 1952.

estamos referindo: sua pobreza moral lhes impede renovar o repertório, e a agulha vai arranhando o som, até eles se lembrarem de trocá-la.

As pessoas cultas melhoraram o instrumento primitivo até convertê-lo num equipamento completo, de excelente qualidade. Nessas pessoas, a membrana mental grava discos de outra natureza. Em algumas, bailam os clássicos ao som de sublimes concertos, sonatas, sinfonias, momentos musicais selecionados; em outras, ficam impressos qualificados matizes sociais, científicos, políticos, filosóficos, artísticos, etc., constituindo-se em donos de uma discoteca mental bem apreciável.

Victorino: — O mau disso tudo é que os que usam sempre o mesmo disco perturbam, e ainda pior: ao se juntarem muitos em iguais condições, longe de se entenderem, perturbam-se ainda mais.

Preceptor: — De fato. É possível observar isso nos diversos ambientes, e até no próprio concerto das nações, onde, sem que consigam se entender, as réplicas de uns e de outros chegam até o desconcerto, sustentando pontos de vista diametralmente opostos. Uma coisa, porém, não se pode deixar de reconhecer: enquanto o dispositivo mecânico gravador de sons, constantemente aperfeiçoado, consegue reproduzir atualmente com absoluta pureza as mais harmoniosas notas musicais até em seus mais delicados matizes, alcançando essa mesma pureza, essa mesma fidelidade à voz do homem, este só melhorou numa ínfima proporção seu dispositivo psicológico de recepção e transmissão mental de suas ideias e pensamentos, razão pela qual as multidões seguem atrás dos que superaram as formas e conteúdos rudimentares com o propósito de escalar os cumes da realização filosófica, artística ou científica.

Diálogo 47

SOBRE A ATIVIDADE E O DESCANSO

— MODOS DE ENCARÁ-LOS.

Oliverio: — Uma das experiências logosóficas que mais me tem chamado a atenção é a que nos impele a estar sempre mentalmente ativos, como condição indispensável para conseguir realizações efetivas, ou seja, de caráter permanente. Não sendo assim, não se poderiam obter, ao que parece, as grandes vantagens que a Sabedoria Logosófica preconiza. Creio, contudo, que não é absolutamente necessário manter um ritmo constante de atividade mental, pois fatigar a mente com uma contínua azáfama de pensamentos poderia ser prejudicial.

Preceptor: — Tudo depende de como se considerem ou se entendam as coisas. Em primeiro lugar, o método logosófico estabelece que, aos trechos intensos de estudo ou de atividade mental, devem seguir outros de descanso, durante os quais é recomendável distrair a atenção em coisas úteis, em lugar de entregar-se a distrações pueris. Desse modo, a mente recebe uma compensação feliz que a descansa num proveitoso sossego e a prepara, ao mesmo tempo, para uma nova atividade. Por outro lado, o descanso físico e psicológico que o sono proporciona durante a noite é mais que suficiente para restituir os desgastes produzidos pela vigília.

Oliverio: — Quer dizer, então, que o descanso é necessário à mente, mas concebido sempre de forma proveitosa e alternando-se com estudos intensivos.

Preceptor: — Para maior compreensão, apresentarei uma analogia; preste bem atenção nela: os ensinamentos logosóficos são como a água cristalina que flui de um lençol fecundo. De um lado, levam consigo a força fertilizante, e, de outro, saciam a sede. Não deixe que essa água se estanque em sua propriedade, pois você correria o risco de converter em lamaçal o que deveria ser vale fecundo.

Como se pode apreciar na própria Natureza, a vida, para cumprir seus ciclos de renovação, deve estar, tal como a água, em permanente atividade. Todo instante inativo sempre tende a prolongar-se além da conta, transformando-se em preguiça.

Você há de convir comigo agora que, para evitar cair em tão sedutora prostração, os preceitos logosóficos devem fixar ou estabelecer como norma uma atividade que exclua toda inação, sempre perniciososa.

Diálogo 48

CAUSAS DOS MALES QUE A HUMANIDADE PADECE E MEIOS DE EVITÁ-LOS.

Flavio: — Às vezes, quando penso nesse estado de fátua suficiência em que vive a humanidade, quando contemplo a enorme incompreensão que agita as mentes dos homens, causando uma permanente ansiedade ante o temor de uma nova hecatombe mundial, procuro explicar-me, sem conseguir, por que devem ocorrer essas desgraças que com tanta frequência vêm assolando o mundo no século atual.*

Preceptor: — É muito lógico que não possamos examinar como são as coisas com uma simples olhadela, nem explicar tanto desbordo de paixões e desventuras que açoitam os homens numa crua adversidade.

Flavio: — Muitas vezes ouvi exclamar que essas desgraças se devem à injustiça de Deus, e vi as pessoas se rebelarem, numa inflamada fúria, imaginando-se perseguidas por uma fatalidade implacável, contra a qual nada se pode fazer. Quando reparo na quantidade de vítimas inocentes que pagam tão cruel tributo ao se romperem os diques da paz humana, meu ser interno é corroído por esta dúvida, que eu queria extirpar pela raiz: são justos ou injustos esses grandes castigos que flagelam a alma? É para mim um verdadeiro tormento não ter ainda conseguido a capacidade discer-

* N.T.: A primeira edição desta obra é de 1952.

nitiva que me permita julgar sem me equivocar em tão difícil questão.

Preceptor: — Para alcançar esse discernimento, será necessário situar-se no centro mesmo do problema e examinar as possíveis causas que motivaram e ainda motivam as grandes desgraças humanas.

Vejamos. Quando um homem comete erros, purga seus desvios colhendo eventualmente amargos frutos. Pois bem; quando é um povo que os comete, se não são estes corrigidos pela própria reação ou pelo reajuste da severa lei das conseqüências, que restitui o equilíbrio perdido, cedo ou tarde haverá de experimentar as situações angustiosas que tiver criado, e que, segundo sua magnitude, poderiam inclusive resultar em sérios conflitos bélicos. De forma sucessiva, vamos até chegar à própria humanidade. Os erros cometidos por ela no passado comprometeram o presente dos homens, e, do mesmo modo, os que está cometendo no presente haverão de comprometer sua posteridade. Seguindo essa mesma relação de causas e de efeitos, seus acertos tiveram, logicamente, a virtude de assegurar os dias felizes que viveu na paz.

Ao se acumularem os erros de uma e outra geração, o peso das responsabilidades aumenta, agigantando-se os problemas e aumentando as dificuldades. Conflitos mentais acentuam depois os distanciamentos e, tão logo se atrimem as suscetibilidades internacionais, sobrevêm as crises que desembocam em guerras impiedosas.

Flavio: — O senhor me explicou, de forma lógica, simples e clara, a causa do mais grave dos males sociais, o qual enluta a humanidade de uma forma que eu diria permanente. Oxalá isso possa ser compreendido a tempo.

Preceptor: — Sim; e que se compreenda também que não é a fatalidade nem a injustiça de Deus o que tem produzido o desconcerto, a desventura e os grandes sofrimentos.

mentos, mas sim os erros, os abusos e a intemperança dos homens de ontem e de hoje, que têm hipotecado a felicidade e a paz humanas.

Assim, quando chega o tempo dos vencimentos, não existe, ao que parece, solvência moral e espiritual capaz de cancelar o compromisso contraído. Ao se acabarem as prorrogações, ou seja, a tolerância das leis universais, a humanidade pretende fugir à sua responsabilidade, sendo então quando deve pagar seu descumprimento com vidas juvenis e sacrifícios de toda ordem.

Flavio: — Sua explicação me anima a fazer o senhor conhecer outra de minhas inquietudes. Observando o estado atual da humanidade, é fácil perceber a existência de uma alarmante desorientação quanto às perspectivas presentes e futuras, como também uma acentuada descrença, motivada talvez pelas exigências cada vez maiores do temperamento humano. O senhor poderia me oferecer alguma luz sobre este assunto? Eu queria saber que causas o determinam e que soluções haveria.

Preceptor: — A humanidade está passando, certamente, por transe muito difíceis. Isso se deve à exacerbação das paixões que cegam os homens, como indício seguro de que os seres se vão desumanizando, ao diminuir dia a dia a influência benéfica de seus sentimentos. Já não sentem como antes, nem experimentam o sabor inefável da vida quando ela se desenvolve na plenitude de suas prerrogativas, livre de travas que a escravizem. Hoje se tornam insensíveis até ao mais caro que a alma e o coração humanos têm: seus atributos, suas qualidades, seus afetos.

Os homens dizem que lutam pela subsistência própria e de suas famílias, mas o certo é que cada dia a fazem mais difícil, ao extremo de se tornar inalcançável para a maioria toda estabilidade econômica pretendida.

Quando os homens trabalham, produzindo sem regateios, é absolutamente seguro que há mais paz e abundância; se, porém, com menor esforço, e ainda sem este, as mentes de muitos querem mais do que têm, as conseqüências não se fazem esperar. A inquietude e o desassossego se propagam, até desembocarem na violência. Se a isso agregarmos as ambições, que inflamam não poucas mentes dominadas pela ânsia de supremacia, veremos como tudo confluí para determinar os motivos da atual desorientação que impera no mundo. O resultado da confusão a que se chegou é a descrença, cuja causa reside no abuso de desvirtuar conceitos e desnaturalizar as palavras de maior significação para a vida do homem. Isto tem motivado o surgimento de ideologias exóticas que, convertidas em sistemas políticos, sustentam conceitos totalmente opostos aos verdadeiros, que fundamentam o modo de sentir e pensar do resto da humanidade.

É indubitável que, por si mesmo, o homem não conseguiu ainda amadurecer seu entendimento para alcançar a capacitação moral e espiritual que exige sua condição de ser racional e anímico, chamado de rei da Criação, honra à qual ainda não correspondeu, incapacitado que se acha para elevar-se até a cúspide da perfeição humana.

Diálogo 49

RAROS MÉTODOS ADOTADOS ANTIGAMENTE PARA A PRESERVAÇÃO DAS IDEIAS.

Celésio: — Todos os povos do mundo têm um lugar na História, porém nem todos oferecem páginas de tamanho colorido e luminosidade como as que o povo egípcio consignou nas legendárias épocas dos faraós.

Conta-se, e até se afirma, que naqueles tempos havia instituições que eram as guardiãs dos tesouros ocultos do saber, onde os aspirantes que nelas queriam ingressar eram submetidos a uma série de provas difíceis, após as quais somente eram aceitos os que conseguiam superá-las. Me interessaria conhecer sua autorizada palavra acerca disso.

Preceptor: — Na verdade, muitas são as lendas tecidas a respeito. Vou me referir somente a um dos tantos aspectos de que se revestiam aquelas sociedades místicas, anteriores à era cristã.

Entre as tantas cerimônias e rituais que se cumpriam, destacam-se os concernentes às assembleias realizadas para tal fim, que eram acertadas por seres da mesma hierarquia e com reconhecidos méritos para assistir a elas. Decidido isto, elegia-se uma imagem e destinava-se a cada um dos que haveriam de participar da assembleia ou concílio um fragmento dela, a fim de que lhe servisse de contra-senha ou salvo-conduto. Ninguém podia assistir sem revelar

antes o que lhe havia correspondido, e, se a imagem ficava incompleta por ausência de um de seus membros, a assembleia não se efetuava.

Nessas reuniões, cada integrante expunha por turno suas concepções, amadurecidas individualmente, sobre o grande assunto para o qual eram convocados, configurado este pelos avanços de cada um ao se internar nos campos mais profundos da Sabedoria Universal e pelo concurso de seus conhecimentos em benefício da espécie humana. Muitos grandes homens da Antiguidade que se destacaram nas ciências, nas artes e nas letras, pertenceram a essas assembleias.

Segundo reza a recordação daqueles curiosos atos, tão rigorosa era a assistência a eles, e tão severos os regulamentos, que só em caso de morte se justificava uma ausência. Os não pertencentes à categoria de membros da assembleia sabiam unicamente que a Junta Maior estava para reunir-se e irradiar a todos os súditos da Criação a luz da Sabedoria, porém não lhes era dado saber onde nem em que data.

Em nossos dias, isso haveria de parecer estranho e exótico, mas o fato é que, naquela época, todos esses rituais tinham a virtude de provocar a inquietude e despertar o anelo de alcançar o topo do conhecimento de tudo quanto se relacionava com os velhos ramos da árvore da Sabedoria.

Celésio: — É realmente curioso e de grande interesse o que o senhor acaba de me relatar, pois tudo quanto o homem faça ou conceba, seja em que época for, não pode ser indiferente àqueles que investigam e sondam o mistério da alma humana.

Diálogo 50

SOBRE A DIETA MENTAL — NECESSIDADE DE NÃO MESCLAR OS CONHECIMENTOS LOGOSÓFICOS COM OUTROS DE NATUREZA DIFERENTE.

Maurício: — A Logosofia recomenda uma dieta mental a todos os que se propõem internar-se nos domínios da alta ciência que ela representa. Como não vejo claramente a que obedece esse conselho, seria de muito valor para mim receber do senhor uma ampla explicação.

Preceptor: — Sendo muito comum, a todos que decidem internar-se no vasto campo da Sabedoria Logosófica, vir com as mentes congestionadas por milhares de leituras da mais variada índole, considera-se prudente essa dieta mental para favorecer o processo compreensivo da inteligência e assegurar os melhores resultados.

Maurício: — Acho muito lógico; mas não que tal dieta, pelo que parece, tenha de ser mantida ao longo de toda a trajetória logosófica, caso em que caberia objetar-lhe o fato de querer afastar deliberadamente o investigador de toda outra referência ou estudo que lhe pudesse servir de apoio.

Preceptor: — Na verdade, os ensinamentos de Logosofia constituem uma nova semente psicológica. Semeada no campo mental individual de quem a solicita, começa ela sua obra fecundante até culminar numa renovação quase total da própria vida. Esse processo de renovação se cumpre quando a vida mantém a qua-

lidade da semente, o que se consegue ao não mesclá-la com elementos estranhos que a inferiorizem ou degenerem.

Para os fins de sua manifestação, é bem sabido que a natureza viva, feita lei nas entranhas humanas, não permite que agentes que lhe sejam estranhos intervenham na sua fecundação. Obedecendo à mesma natureza que encarna os ditados dessa lei, a Logosofia, como força viva, tampouco admite que elementos alheios a ela perturbem a germinação natural de sua semente. Daí que tanto se recomende não desvirtuar, no estudo e na investigação, o conteúdo essencial do ensinamento, interpretando-o de forma superficial ou equivocada. Se trabalha tão profundamente em benefício da superação individual, é lógico pensar que isso haverá de obedecer a algo superior, algo que, no momento, está além das possibilidades de compreender. Porém, se essa realidade beneficia, se suas vantagens são percebidas e comprovadas, vislumbrando-se futuras manifestações de progresso, torna-se fácil discernir sobre a conveniência de não se afastar da recomendação sobre a dieta. Isso, naturalmente, dará mais firmeza e segurança aos passos rumo à conquista do Saber Logosófico.

Maurício: — Mas essa dieta mental deverá persistir ao longo de toda a vida?

Preceptor: — Não, absolutamente. É prescrita só para os primeiros passos, isto é, durante os primeiros tempos. Quando se conheçam a fundo os conceitos logosóficos, poder-se-á ler tudo quanto se queira, porque já serão outros os olhos que realizarão a leitura, e, outra, a luz do entendimento.

Maurício: — Sendo assim, considero o método não só original, mas também muito acertado, porque protege o entendimento de possíveis erros ou confusões.

Diálogo 51

ORIGINAL EXPLICAÇÃO SOBRE OS GÊNIOS E CELEBRIDADES QUE EXISTIRAM NO MUNDO.

Aparício: — Na história da humanidade, o caso das celebridades e dos gênios que assombraram o mundo com seus extraordinários dotes é uma das questões ainda pendentes de explicação fundamentada em razões incontroversas, sobretudo em épocas precárias em que somente as grandes inspirações deram ensejo a manifestações de obras maravilhosas, surgidas de almas verdadeiramente privilegiadas. O que tais seres realizaram em obras de arte, em música ou em literatura, assim como em proezas épicas, em ciências ou nos demais campos das prerrogativas humanas, não é possível à inteligência mais bem dotada realizar, ainda que consagre toda a sua vida a semelhantes empresas.

Anastácio: — Eu penso que eram seres muito evoluídos, dotados de condições naturais para realizar aquelas estupendas proezas cristalizadas por seus gênios.

Aparício: — Sendo assim, deveríamos admitir que evoluíram em outras vidas, já que nas que resplandeceram não é possível admitir, porque a maioria, para não dizer todos, revelaram seus prodígios desde muito jovens.

Anastásio: — É certo; para explicarmos fatos como estes, que escapam a todo raciocínio, devemos crer na sobrevivência da alma.

Aparício: — Todavia, essa não é uma razão muito satisfatória. Deve existir, possivelmente, algum outro motivo, superior a nosso entendimento, que não podemos alcançar. Eu considero que, para evitar erros na interpretação de tais fatos e sair do inseguro plano das crenças, seria mais acertado pedir a nosso preceptor e Mestre que nos ilumine acerca do assunto, por conceituá-lo de grande importância.

Preceptor: — Na verdade, vocês fizeram referência a um assunto altamente interessante e digno de ser elucidado. Suas tentativas de explicação a respeito coincidem, mais ou menos, com o expressado nas reflexões correntes, mas de modo nenhum se vinculam à causa que promoveu e seguirá promovendo, de tempos em tempos, fatos similares. Eis agora a explicação: nos alvares do mundo, nos primeiros tempos da existência humana, as mentes dos homens se achavam em estado embrionário e, por tal causa, careciam de recursos. Por ausência de motivos e de estímulos que os agilisassem, os seres se moviam com lentidão. As necessidades os foram obrigando a usar a mente e, por conseguinte, a inteligência, que começou assim a se manifestar. Passadas aquelas remotas idades e à medida que o homem foi avançando para estados de civilização mais proeminentes, começaram a desenvolver-se nele, seguindo lentíssimos processos, suas possibilidades mentais, coincidindo tal acontecimento com o despertar dos sentimentos, ou, melhor ainda, com a primeira liberação dos sentimentos operada sobre os instintos, que haviam mantido até ali uma inegável supremacia nos destinos do indivíduo.

Então ocorreu que, achando-se os homens com suas mentes semiapagadas e os ânimos decaídos por sua impotência moral e espiritual, Deus, seu Criador,

suprema inteligência, tomando um deles primeiro e, em sucessivas épocas, vários outros, despertou-lhes uma faculdade, uma só, exaltando-a em alto grau para que realizassem prodígios com ela, ante o assombro de seus semelhantes. Foram surgindo, assim, os grandes gênios e os artistas famosos, não só na Antiguidade, mas também nas épocas moderna e contemporânea.

O Criador quis que, em virtude desse fato, os próprios homens descobrissem que, se essa possibilidade existia num semelhante, deveria também existir, logicamente, em todos os demais. Não obstante a periódica repetição de tais acontecimentos, muito tempo se passou antes que os homens fundassem as primeiras escolas de aprendizagem no manuseio das cores, das letras e do cinzel, e conseguissem desenvolver todas as manifestações artísticas que, numa constante superação, iam aflorando na alma humana.

Ninguém entendeu, porém, o sublime ensinamento, e, em lugar de verem, com bom entendimento, a mão de Deus que os despertava de seu sono, os homens se dedicaram a endeusar aqueles que haviam sido agraciados com a exaltação de uma faculdade que lhes permitia executar magníficas obras, de eterna rememoração.

Anastásio: — Então não eram eles seres altamente evoluídos?

Preceptor: — Não; os seres evoluídos têm grande sabedoria, e são reconhecidos mercê de seus afãs generosos e dos heroicos sacrifícios que a si mesmos impõem para ensinar a todas as criaturas humanas o caminho seguro do aperfeiçoamento. São seres de hierarquia moral e espiritual muito elevada, cujas vidas constituem um acabado exemplo de sobriedade, equilíbrio, tolerância, paciência e magnanimidade.

A exaltação de uma só faculdade não significa evolução; é como uma embriaguez psíquica que desemboca no frenesi artístico ou científico, produ-

zindo depois um vazio moral que já levou não poucos artistas e gênios a conviver com a embriaguez física, para fugir das horas monótonas do retraimento. Isso jamais ocorre com os seres evoluídos, pois neles não opera a exaltação de uma faculdade da inteligência, mas sim a Sabedoria, símbolo de sua elevação moral e espiritual.

Desse modo, longe de os seres compreenderem aquela sublime realidade, não viram o prodígio manifestado num homem, mas sim o que este manifestava em suas obras.

Não obstante, a admiração e o encantamento que esses fatos produziam despertaram neles o desejo de imitá-los, de aprender, ainda que toscamente, a manejar os mágicos instrumentos e os demais utensílios com que plasmavam suas singulares criações e inventivas, sendo esse o primeiro resultado positivo daquela intervenção do Criador.

As mentes dos homens começaram, assim, a inquietar-se, dedicando-se a novos empenhos, o que suscitou um crescente e geral entusiasmo. Novos estudos foram surgindo de uma e outra parte, e as pessoas se aplicaram a toda classe de ensaios, intuindo, mais que compreendendo, que existia em todos a possibilidade de alcançar as altas prerrogativas desses seres que se acreditava, entretanto, fossem superdotados de nascimento.

Ninguém pôde explicar, pois, esse mistério que envolveu quase todos os gênios com auréolas místicas de origem divina. O fundo de verdade, oculto por detrás do célebre enigma, não é outro, todavia, que o anelo do Criador de fazer a criatura humana compreender, por esse meio, que nela existem tais prerrogativas e muitas outras, que se irão revelando à sua natureza mental e humana com o passar dos tempos. Isso é confirmado pelo fato de esses mesmos seres — fora dos privilégios mencionados, em virtude

dos quais exerciam pleno domínio de sua ciência ou de sua arte — se comportarem em inúmeros casos como o mais comum dos homens. Viu-se também como a exaltação máxima de uma faculdade se tornava para muitos deles uma carga quase insuportável, devendo-se a isso, sem dúvida, o constante desassossego e o desequilíbrio em que viviam.

A Lei de Evolução, tão genialmente estabelecida em toda a Criação e cuja imponderável força e virtude a Sabedoria Logosófica faz experimentar no plano hominal, ao determinar na consciência seu principal objetivo, descobre para o homem as riquezas que jazem sob suas capas mentais, como jazem nas entranhas da terra os minerais mais valiosos. Porém, assim como o homem perfura a terra e abre crateras entre os maciços das cordilheiras, assim também, para poder dar com o ansiado filão de um destino melhor, deve perfurar, em continuados esforços, a ignorância rochosa que o perturba e faz vacilar. Isso o levará a compreender, algum dia, que essa mesma Lei de Evolução é a que lhe permite conectar-se às forças criadoras que animam a grande Natureza e captar as sutis vibrações que palpitam na alma universal.

Diálogo 52

OS MÁRTIRES: CONCEITO VULGAR; A EXISTÊNCIA DOS MÁRTIRES, GRANDES E PEQUENOS, QUE SÃO IGNORADOS POR NÃO PERTENCEREM AO FORO PÚBLICO.

Preceptor: — Não faz muito tempo, você me pediu que lhe falasse algo sobre os mártires, mas, como não havia definido com precisão seu pensamento, abordei outros temas.

Edmundo: — É verdade; recordo que naquele momento eu tinha o desejo de dissipar certas dúvidas e, ao expressar meu pensamento, mencionei tão só a vida dos mártires, sem esclarecer que não me referia à história deles, senão ao verdadeiro conceito que nos devem inspirar. Queria saber se foram na verdade predestinados, ou seres a quem o acaso levou a cumprir sacrifícios supremos.

Preceptor: — Suas palavras revelam que você faz abstração dos enunciados históricos acerca deles, quiçá por não satisfazê-lo o acentuado caráter místico que lhes são atribuídos. Ante os conceitos admitidos, sempre é bom colocar-se no plano mais sensato. Não devemos, pois, estabelecer novos juízos sobre fatos acontecidos com nossos semelhantes, cujos nomes a História cingiu com auréolas de glória, se não assiste a esses juízos um conhecimento profundo da verdade que tais fatos encerram.

Devemos pensar que a mera circunstância de haver sido este ou aquele quem bebeu a taça do sacrifício heroico significa, de fato, a exaltação fora do

comum de seu valor ou virtudes raramente superados por seus contemporâneos, razão que evidencia a justiça com que foram consagrados pela História. O fato de que eles tenham sido predestinados ou que o acaso tenha mudado seus destinos não deve preocupar além da conta a você, porque, nestes casos, predestinação e acaso cumprem idênticos papéis. O essencial é encontrar nesses mesmos fatos o fio luminoso que conecte nossas vidas, em suas respectivas graduações hierárquicas, com aquelas outras imoladas por inescrutáveis desígnios.

Se eu lhe dissesse, por exemplo, que todos podem ser mártires, esta afirmação tão singular talvez o surpreendesse; porém, você haverá de se surpreender ainda mais se lhe digo que cada ser humano é um mártir que sofre seu calvário no silêncio de sua intimidade, calvário que, para muitos, começa no berço e, acentuando-se através dos anos, chega até os últimos dias de sua existência. É o caso dos enfermos que suportam as penúrias de longas doenças, dos desvalidos que sofrem em silêncio suas misérias, e dos sobreviventes de guerras ou revoluções sangrentas, que padeceram toda sorte de angústias, rigores e desgraças.

Também são mártires aqueles que, em luta contra suas desventuras ou sua ignorância, hasteiam o ideal da superação e, em prol do aliciente estimulador das luzes do conhecimento, crucificam a vida fácil ou aquietada pela indiferença, com o objetivo de desarraigar velhas modalidades, deficiências ou pensamentos de má índole. E o são porque lutam denodadamente por uma causa nobre e justa — sua liberação espiritual —, enquanto sofrem com valentia as imposições da continência, ao mesmo tempo que arrancam de suas vidas as paixões inferiores, inflamadas com frequência pela soberba, pela ambição e pelo amor-próprio.

Edmundo: — Sinceramente, foram para mim de grande transcendência suas claras palavras, que tanta beleza

encerram pela profundidade dos conceitos expressados. A última parte, sobretudo, deixou em minha alma uma impressão que dificilmente se apagará de minha memória...

Preceptor: — Compreendo perfeitamente; seu sentimento foi tocado, e este sempre responde quando lhe falamos daquilo que pertence a seu reino. Sim; quando o sentimento permanece incontaminado de toda baixeza, entroniza-se em nosso coração e se converte num pequeno monarca, justo, magnânimo e piedoso.

Ao falar-lhe, observava como se iam delineando em sua recordação as fisionomias de muitos seres queridos, de amigos ou conhecidos, os quais você viu padecer sem nunca haver pensado que pudessem ser mártires, semelhantes aos que a História vestiu com as auréolas da glória e consagrou com os timbres da imortalidade.

Edmundo: — Suas comovedoras palavras me fazem pensar que o senhor fala como se quisesse, reparando a ingratidão e a indiferença humana, fazer justiça à alma de tantos a quem ninguém recorda, porque sofreram calada e resignadamente os padecimentos de um grande castigo.

Preceptor: — Basta saber, na verdade, que foram inocentes, para inspirar-nos a mesma compaixão dos que, transcendendo o anonimato, ficaram conhecidos pelo anúncio histórico de seus martírios. Se estes são apresentados pela História como exemplos, aqueles, os humildes mártires, que nada sabem de feitos históricos, sofrem e sofreram sem grandeza, mas com o mais sublime estoicismo, os horrores do espanto em tragédias íntimas tão indescritíveis quanto fortes e heroicas.

Diálogo 53

A VIDA DIANTE DO ENIGMA DA MORTE.

Preceptor: — Você já deve ter ouvido muitos seres proclamarem com frequência seu amor à vida, exaltando seu apego a ela nos momentos em que pressentem achar-se próximos ao final de seus dias. Pois bem, o que lhe sugere esse fato?

Ergasto: — A meu ver, é o temor à morte o que faz amar a vida e aferrar-se a ela. Esse fato me sugere, pois, a manifesta exaltação de um instinto natural.

Preceptor: — Examinemos a questão do ponto de vista logosófico. Vejamos, em princípio, o que é que na realidade os seres amam: seu invólucro físico, a fortuna que eventualmente possuem, ou tudo quanto os rodeia? Concretamente, o que mais se aprecia nessa vida e que tanto custa deixar? Observa-se, com efeito, que uns sentem profundo apego pelo ouro copiosamente acumulado; outros, por sua vez, o experimentam por seu ser físico, do qual estão enamorados.

Ergasto: — Estou mais para crer que o que se quer é o conjunto, isto é, tudo quanto o ser é e tem.

Preceptor: — Evidentemente, o egoísmo humano não faz regateios para si. Porém, vejamos: sabem esses seres por que e para que amam a vida? São conscientes desse amor? São fiéis a ele? Como é esse amor: sincero, verdadeiro, ou falso? Eis aí uma oportuna e conveniente

reflexão prévia que fará compreender melhor o alcance deste ensinamento.

Ergasto: — Agora o assunto se complica; ninguém pensa nem nunca pensou nisso, que eu saiba.

Preceptor: — O fato de ninguém pensar nisso não impede que possamos fazê-lo nós, dando lugar, assim, a que possam pensar mais atinadamente os que ainda não o fizeram. Se, perante cada ser que valorize em algo o conceito da vida, nós nos apresentássemos com esta tríplice interrogação: “Para que você quer a vida: para reiterar o uso que fez dela, como no passado?; para reiterar o que está fazendo?; para o que fará?”, não se deterá, por acaso, para refletir com sensatez sobre o problema? Mais de um, ante sua própria consciência, não exclamará: “Que tenho feito de minha vida! Um acúmulo de misérias, cuja recordação, como as cascas de ovo, nada contém”? Que perspectivas se abrirão depois a seu futuro? Outras, talvez, que não sejam as de repetir o que foi feito no passado? Eis aí a questão.

Para aqueles que carecem de um sadio conceito da vida, pouco importam as reflexões anteriores. “Queremos a vida para nos divertir”, dirão a si mesmos; “para gozar dos prazeres, da embriaguez ou da opulência, se até aí chegarmos. O resto não importa, não interessa.” Diante de semelhante quadro psicológico, comum a tantos seres, que fala com muita eloquência sobre o estado espiritual de uma grande parte da humanidade, não caberia perguntar se a criatura humana foi criada para empregar sua vida assim, dessa forma? Sua existência não encerrará uma finalidade superior? Não terá sido feita para que reproduza em si mesma os traços superiores de sua espécie, que a farão semelhante a seu próprio Criador? É possível admitir que a vida de um homem deva permanecer tão desprovida de valores? Não terá que conter elementos mais ponderáveis que seus meros apetites materiais?

As vidas dos que pensam, dos que se esforçam e se sacrificam pelo bem geral nos dão com eloquência a resposta. Por conseguinte, devemos pensar que aqueles, cedo ou tarde, compreenderão seu erro e se emendarão. Enquanto isso, o caminho se encontra aberto aos que anelam fazer de suas vidas um paraíso de felicidade.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Prólogo | 7 |
| <i>Diálogo 1</i> Singular explicação sobre a expulsão de Adão do Paraíso — Não houve culpa nem castigo. | 9 |
| <i>Diálogo 2</i> A lei do mais forte — Sua influência na vida humana. | 17 |
| <i>Diálogo 3</i> De como ordenar os tempos de nossa existência física e viver várias vidas em seu curso. | 21 |
| <i>Diálogo 4</i> O Livro da Criação — Imagens e recordações que vivem em suas páginas eternas. | 26 |
| <i>Diálogo 5</i> Concepção das ideias — Poder de criar e direito à paternidade espiritual. | 30 |
| <i>Diálogo 6</i> O segredo das oportunidades — Como acontecem e são aproveitadas. | 33 |
| <i>Diálogo 7</i> A parte humana de Deus — Modificação de conceitos. | 36 |
| <i>Diálogo 8</i> Ensinaamentos sobre o conhecimento transcendente. | 39 |
| <i>Diálogo 9</i> Significado do “Juízo Final” segundo a concepção logosófica. | 43 |

| | | |
|-------------------|--|-----------|
| <i>Diálogo 10</i> | A imanência divina que se sente de semelhante para semelhante em determinadas circunstâncias — Necessidade de compreender melhor o valor dos afetos humanos. | 48 |
| <i>Diálogo 11</i> | A imagem do passarinho no ensino dos conhecimentos transcendententes. | 52 |
| <i>Diálogo 12</i> | Encaminhando para a realização do processo de aperfeiçoamento. | 55 |
| <i>Diálogo 13</i> | De como sentir o tempo eterno em si mesmo, aproveitando-o para realizar várias obras a um só tempo — Sua aplicação prática aos deleites do espírito, com a perspectiva de oportunidades felizes a desfrutar no amanhã. | 60 |
| <i>Diálogo 14</i> | Original significado dos símbolos e signos empregados nos templos do antigo Egito. | 67 |
| <i>Diálogo 15</i> | O conhecimento transcendente conduz o homem pelo bom caminho. | 73 |
| <i>Diálogo 16</i> | Concepção do querer — Forma de alcançar um propósito e comportamento posterior. | 75 |
| <i>Diálogo 17</i> | Explicação sobre a trilogia “Verdade-Bem-Amor”. | 78 |
| <i>Diálogo 18</i> | O pranto, graça só concedida aos seres humanos. | 81 |
| <i>Diálogo 19</i> | Sobre a liberdade de discernimento na superação individual. | 84 |
| <i>Diálogo 20</i> | Sobre as atmosferas e órbitas pessoais. | 87 |
| <i>Diálogo 21</i> | As múmias e seus mistérios. | 91 |

| | | |
|-------------------|--|------------|
| <i>Diálogo 22</i> | De como ser bom sem cair na ingenuidade — A consciência do bem leva a ser bom na verdade, e não mais no erro — A herança do bem e sua finalidade superior. | 95 |
| <i>Diálogo 23</i> | Comportamentos que comprometem o ser de amanhã — Os acontecimentos inesperados. | 99 |
| <i>Diálogo 24</i> | A ajuda que se pede a Deus nos momentos de aflição. | 102 |
| <i>Diálogo 25</i> | Explicando o significado dos antigos rituais e seus mantras. | 105 |
| <i>Diálogo 26</i> | Descrição dos conhecimentos e capacidade para abarcá-los. | 112 |
| <i>Diálogo 27</i> | Vantagens do Saber Logosófico. | 115 |
| <i>Diálogo 28</i> | Raridades do temperamento e as forças humanas atuando por exaltação. | 118 |
| <i>Diálogo 29</i> | Sobre os que buscam o bem egoisticamente. | 120 |
| <i>Diálogo 30</i> | De como fazer frente à adversidade pela superação consciente. | 122 |
| <i>Diálogo 31</i> | Conselhos para não se colecionarem conhecimentos como se fossem borboletas — Necessidade de incorporar tais conhecimentos à vida. | 126 |
| <i>Diálogo 32</i> | O jogo da mímica, o primeiro dos ofícios que o homem aprendeu. | 128 |
| <i>Diálogo 33</i> | Zonas livres e zonas proibidas — Consciência dos atos. | 131 |

| | | |
|-------------------|--|------------|
| <i>Diálogo 34</i> | Causas dos enganos — As crenças pessoais e suas derivações. | 134 |
| <i>Diálogo 35</i> | De por que é necessário o preceptor para encarar o processo de evolução consciente rumo ao aperfeiçoamento. | 139 |
| <i>Diálogo 36</i> | O perdão como princípio moral e seu exercício inteligente e construtivo. | 144 |
| <i>Diálogo 37</i> | O enigma da vida quanto a seus pesares e desventuras, e meios de afastá-los. | 148 |
| <i>Diálogo 38</i> | Sobre o grande “vazio” que muitos têm e querem preencher, e o “cheio” que não se quer esvaziar. | 154 |
| <i>Diálogo 39</i> | Sobre o espaço que ocupamos e as premências do tempo. | 156 |
| <i>Diálogo 40</i> | Como se pode mudar a vida, enriquecendo-a com conhecimentos que a enobreçam e a tornem fecunda. | 160 |
| <i>Diálogo 41</i> | A lenda “A alma e a chave”. | 163 |
| <i>Diálogo 42</i> | Por que os conhecimentos transcendentais, como os grandes valores, devem ser usados discretamente. | 168 |
| <i>Diálogo 43</i> | Necessidade de manter o campo mental livre de impurezas para que sua produção seja exuberante e valiosa. | 170 |
| <i>Diálogo 44</i> | O ser que todos nós temos esquecido, em quem ninguém pensa, apesar de constituir algo essencial para nossa vida. | 173 |

| | | |
|-------------------|---|------------|
| <i>Diálogo 45</i> | Explicação sobre os sonhos. | 175 |
| <i>Diálogo 46</i> | Sobre certa deficiência das mentes não cultivadas, que as assemelha aos antigos fonógrafos. | 182 |
| <i>Diálogo 47</i> | Sobre a atividade e o descanso — Modos de encará-los. | 184 |
| <i>Diálogo 48</i> | Causas dos males que a humanidade padece e meios de evitá-los. | 186 |
| <i>Diálogo 49</i> | Raros métodos adotados antigamente para a preservação das ideias. | 190 |
| <i>Diálogo 50</i> | Sobre a dieta mental — Necessidade de não mesclar os conhecimentos logosóficos com outros de natureza diferente. | 192 |
| <i>Diálogo 51</i> | Original explicação sobre os gênios e celebridades que existiram no mundo. | 194 |
| <i>Diálogo 52</i> | Os mártires: conceito vulgar; a existência dos mártires, grandes e pequenos, que são ignorados por não pertencerem ao foro público. | 199 |
| <i>Diálogo 53</i> | A vida diante do enigma da morte. | 202 |

Representantes Regionais

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-320 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3273 1717

Brasília

SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730 730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Almirante Gonçalves, 2081 - Rebouças
80250-150 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - B. Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 - Q 13 Lote 23 E - B. Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36 - B. Botafogo
22280-001 - Rio de Janeiro - RJ
Fone (21) 2543 1138

São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590 - Saúde
04146-051 - São Paulo - SP
Fone (11) 5584 6648

Uberlândia

Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 - B. Vigilato Pereira
38400-256 - Uberlândia - MG
Fone (34) 3237 1130



www.editoralogosofica.com.br